

ABR. 1911

N.º 70

# SERÕES

ABRIL 1911



— M.<sup>me</sup> VIGÉE-LEBRUN (1755-1842) Escola francesa. — A autôra e sua filha

Proprietaria e editora : Livraria Ferreira — Director litterario: Antonio Sergio de Sousa — Director gerente: Caldeira Pires — Séde da redacção e administração: Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na Typographia do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27.

## Summario

<u>CAZINE</u>	PAG.
MADAME VIGÉE-LEBRUN E SUA FILHA ( <i>Frontispicio</i> ) . . . . .	242
A PAIZAGEM JAPONEZA ( <i>14 illustrações e 1 vinheta</i> ) por WENCESLAU DE MORAES . . . . .	243
MORS-VITA ( <i>Soneto</i> ) por ODILON NESTOR . . . . .	253
UMA OBRA EXTRAORDINARIA DE ENGENHARIA ( <i>3 illustrações e 1 vinheta</i> ) . . . . .	254
AS COISAS QUE DIZEMOS ( <i>Versos</i> ) por João DO OUTEIRO . . . . .	257
COMO SE FIZERAM OS PRIMEIROS REGIMENTOS DA INQUISIÇÃO ( <i>3 illustrações e 2 vinhetas</i> ) por ANTONIO BAIÃO . . . . .	258
AMBURGO — HANNOVER — BERLIM ( <i>6 illustrações e 1 vinheta</i> ) por DOM THOMAZ DE NORONHA . . . . .	263
CISSITUDES DE ALGUNS QUADROS ( <i>12 illustrações e 2 vinhetas</i> ) . . . . .	269
A NUVEM ROXA ( <i>Soneto</i> ) por D. MARIA DA CUNHA . . . . .	277
AS INSCRIPÇÕES DAS CAPELLAS IMPERFEITAS ( <i>4 illustrações e 2 vinhetas</i> ) . . . . .	278
A NOVA CATACUMBA ( <i>5 illustrações e 2 vinhetas</i> ) . . . . .	283
SAUDADE ( <i>Soneto</i> ) por D. MARIA DA CUNHA . . . . .	292
A ARBORISAÇÃO EM PORTUGAL ( <i>5 illustrações</i> ) por R. F. MAYER . . . . .	293
RESENHA PORTUGUEZA ( <i>9 illustrações e 2 vinhetas</i> ) por PORTUGAL DA SILVA . . . . .	296
THEATROS ( <i>1 illustração e 2 vinhetas</i> ) por PORTUGAL DA SILVA . . . . .	305
PELO MUNDO FORA ( <i>11 illustrações e 2 vinhetas</i> ) . . . . .	308
CHRONICA DA MODA ( <i>4 illustrações e 2 vinhetas</i> ) . . . . .	317



# Diccionario Prático Illustrado

---

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugûesa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

## Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

**Lingua portugûesa**

**Locuções latinas e estrangeiras**

**Historia e geographia**

### O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbialaes**,

**prónúncia figurada** (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

**Locuções latinas e estrangeiras**, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

**Noticias biográphicas**, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brazileira;

**Monographias de obras de arte famosas**: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

**Personagens e typos** symbolicos, literários, sociaes.

---

## **ILLUSTRAÇÕES**

---

**6:000 gravuras** distribuidas no texto.

**110 quadros encyclopedicos**, 3 dos quaes a côres.

**1:000 retratos** de individualidades celebres, portugesas, brazileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

**90 mappas geographicos**, 8 dos quaes a côres.

---

### **Preço da obra completa**

Num volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

**3\$000 RÉIS**

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

**CADA TOMO, 500 RÉIS.**

# Serões



Historia \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Sciencia  
Romance \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Arte  
Actualidades \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ etc. \_\_\_\_\_

Magazine Mensal Illustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritores  
e artistas portugueses e brasileiros.

*Assignatura annual, 2\$200 réis*

*Semestre, 1\$200 réis*

*Numero avulso, 200 réis.*

**Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados**

---

**Atenção:** Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCCIONARIO.

N.º 70



ABRIL 1911



MUSEU D'ARTE. — M.<sup>me</sup> VIGÉE-LEBRUN (1755-1842) Escola francesa. — A autôra e sua filha



O FUJI (VISTO DE YOSHIWARA)

## A paisagem japonesa

**D**IZ-SE tanta coisa, em livros de viagem e pela bocca dos *touristes*, da paisagem japonesa; chegam-vos d'ella, ahi na Europa, revelações tão extraordinarias e não raramente inverosímeis, nos desenhos das ventarolas, dos charões, das porcelanas; que poderá talvez offerecer algum interesse o estudo, embora a leves traços — ou antes por ser a breves traços, — dos aspectos naturaes d'este paiz, vistos, sentidos, por quem de perto os relanceia.

Os relevos do solo, constituem, evidentemente, como que a ossatura, como que o esqueleto da paisagem. Para o caso do Japão, incluído n'uma faixa extremo-oriental, que até agora se vem mostrando particularmente convulsa, particularmente sensível ao

mysterio geologico que fermenta nas entranhas da terra, a sua formação vulcanica explica por si só a curiosissima estrutura d'este grupo de alguns milhares de ilhotas, em volta de quatro ilhas maiores; ilhas e ilhotas, que não são outra coisa mais do que os innumerados cumes rendilhados, como se fossem obra de caprichosa e delicadissima filigrana, de uma esguia cordilheira de montanhas submarinas, que veem collar-se ás costas asiaticas.

A estreiteza do solo não dá logar a vastas continuidades nos systemas do perfil. Collinas, penedias, valles, lagos, rios — ou antes gargantas precipitosas por onde as torrentes serpenteiam, — regatos, planicies, varzeas, graniticas costaes abruptas, loiros areaes, tudo aqui abunda, mas em formas



reduzidas, miniaturizadas; misturando-se os aspectos uns com os outros n'uma confusão quasi de chaos, imprimindo ao espectáculo uma característica especial, de nervosidade e gentileza. Com effeito, os grandes quadros imponentes, majestaticamente esmagadores, ou como que impregnados de desoluição e de angustia, são raros, pelo menos na parte do Japão mais conhecida; predominando os scenarios gracios, sorridentes, muitas vezes deliciosamente bellos, que só de quando em quando as medonhas calamidades fortuitas

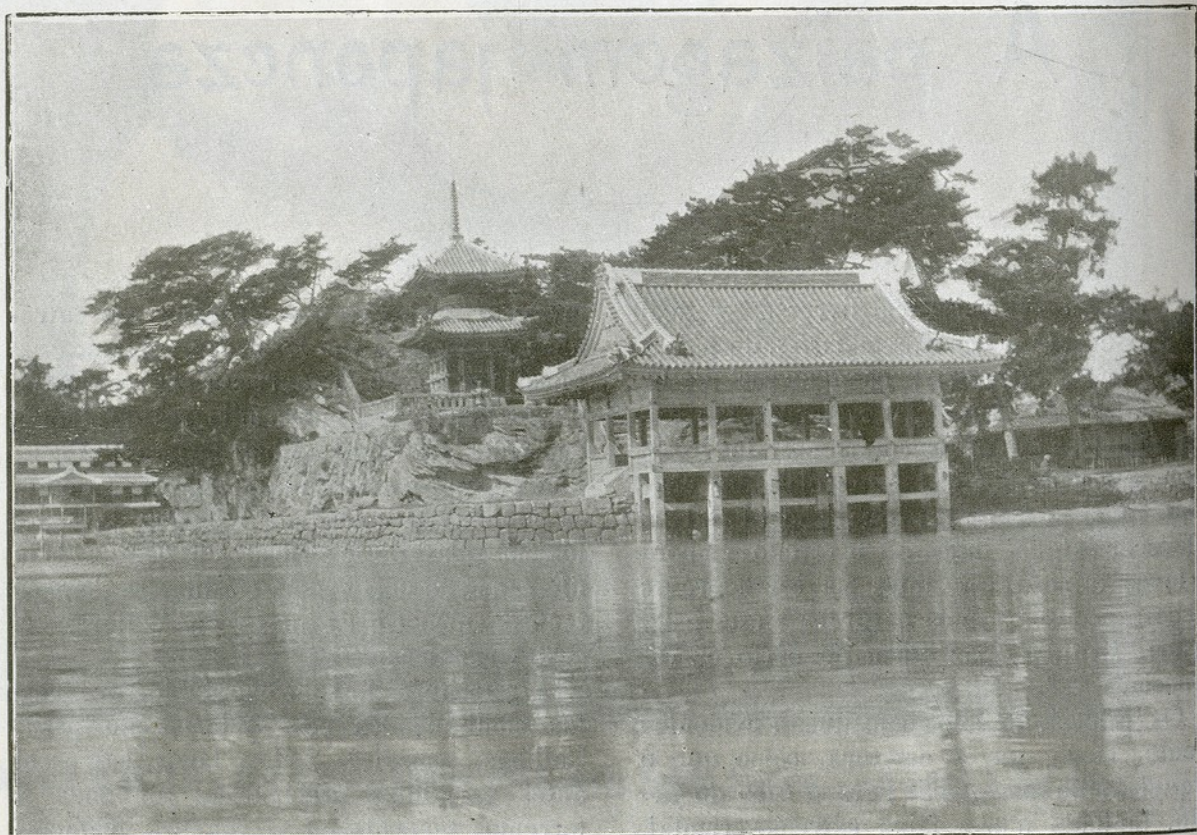
— tufões, inundações, terremotos, — veem passageiramente revestir de tragica feição.

São copiosas as chuvas. A humidade, excluidos apenas dois ou três mezes outomnaes, envolve o solo e a atmospheria. Calores intensos; após, frios demorados; notando-se que uma corrente maritima, de aguas quentes, o *kuroshio*, amenisa o rigor das invernias.

Em semelhantes condições de clima, não admira que uma vegetação luxuriante e variada surja espontanea e prospera naturalmente, atapetando a terra de viçosos tons



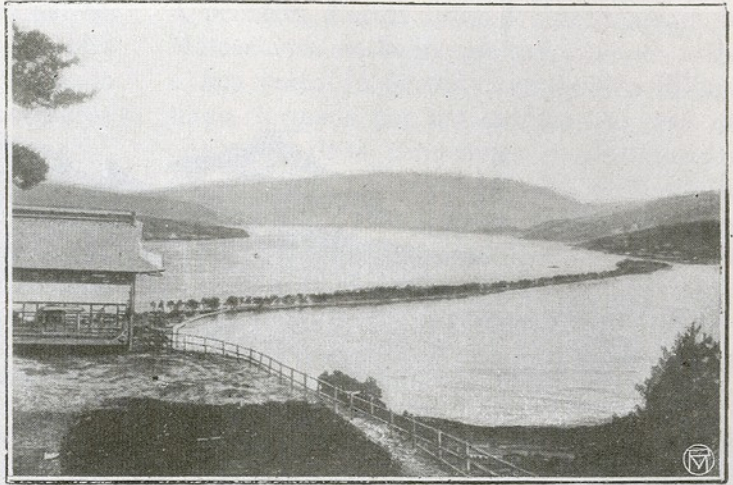
NO ARCHIPELAGO DE MATSUSHIMA: SCENA DE MADRUGADA



WAKAYOURA

de verde. Aqui, comtudo, a natureza, como diz o mais delicado escriptor occidental de coisas do Japão — Lafcadio Hearn, — não é a natureza tropical, esplendida, selvatica, omnipotentemente magnifica; é uma natureza domesticada, que ama o homem, que se faz bella e se veste de mimosas côres, como as *musumés*, para agradar-lhe; dir-se-hia que as arvores, intimamente conscientes das atenções que os olhos lhes dispensam, tem pequeninas almas humanas, sensitivas.

As arvores! os pinheiros, os *matsu*, sobre todas! . . . No Japão, abundam de preferencia as coniferas, e principalmente os pinheiros. Não se pode mesmo conceber retalho de paizagem japoneza, sem pinheiros. Mas o nosso pinheiro do Occidente, esguio, banal, mal dá ideia do que seja o pinheiro

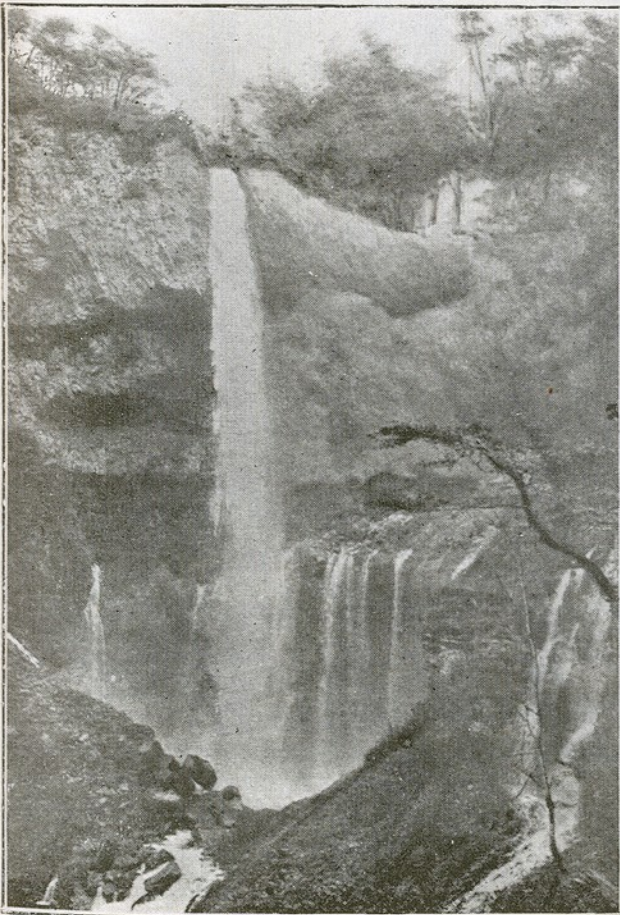


AMA-NO-ASHIDATE

japonez. Este contorce o tronco com mil requebros; alonga os braços espalmados, como que em intensionaes gestos caprichosos; accusa formas ondulantes, como uma *gheisha*, como uma dançarina, que dançasse ao som, não do *shamisen*, a guitarra indigena, mas dos murmurios das brisas e dos soluços das cascatas.

O bambu, ora gigante, ora pygmeu, é aqui tambem uma planta abundantissima, encantadora. Não ha tufos mais delicados, nem mais graciosos, do que os d'elle, nem sombras mais mysticamente commoventes do que as que offerece um bambual ao caminheiro. As folhinhas do bambu, lanceoladas, extremamente leves e sensiveis á mais ligeira viração, conservam-se sempre em movimento, palpitando como azas de insectos irrequietos.

Mil e mil variedades de arvores, de arbustos, de relvas e de musgos concorrem no scenario. Mas semelhante scenario raramente offerecerá á vista a simples espontaneidade da criação inculta; paiz extremamente povoado, a presença do homem, ou do seu trabalho, denuncia-se em cada aspecto, já nos agrupamentos das casinhas, já nos templos. já nas estradas e caminhos, já nas pontesinhas que cruzam as ribeiras, já nas multiplices obras de irrigação, já nos abundantissimos campos de cultura, attentamente cuidados como jardins, onde distinguimos os arrozaes, a cevada, a colza, a planta do



CASCATA DE KEGON, EM NIKKO



PINHEIRO DE KARASAKI

chá, as amoreiras, as hortas, os pomares.

A paisagem japonesa é pois o que estamos já imaginando: — uma pittoresca aggração de pequeninos accidentes, verdejante,

seus costumes, nas suas cantigas, variando pouco de provincia para provincia. Todavia, para a subtilissima emotividade dos nipponicos, quantos efeitos casuaes, quantas modali-

toda vestida de bambus, entremeada de nesgas de agua, de culturas, de aldeias e de templos. O olhar inexperiente do viajante occidental accusa-a por vezes de monotona. E' um erro. Existe, com effeito, uma certa uniformidade generica na variedade dos aspectos; a indole da paisagem — creio poder assim exprimir-me — é sempre a mesma; e isto se reflecte nas feições dos habitantes, no seu character, no seu traje, nos

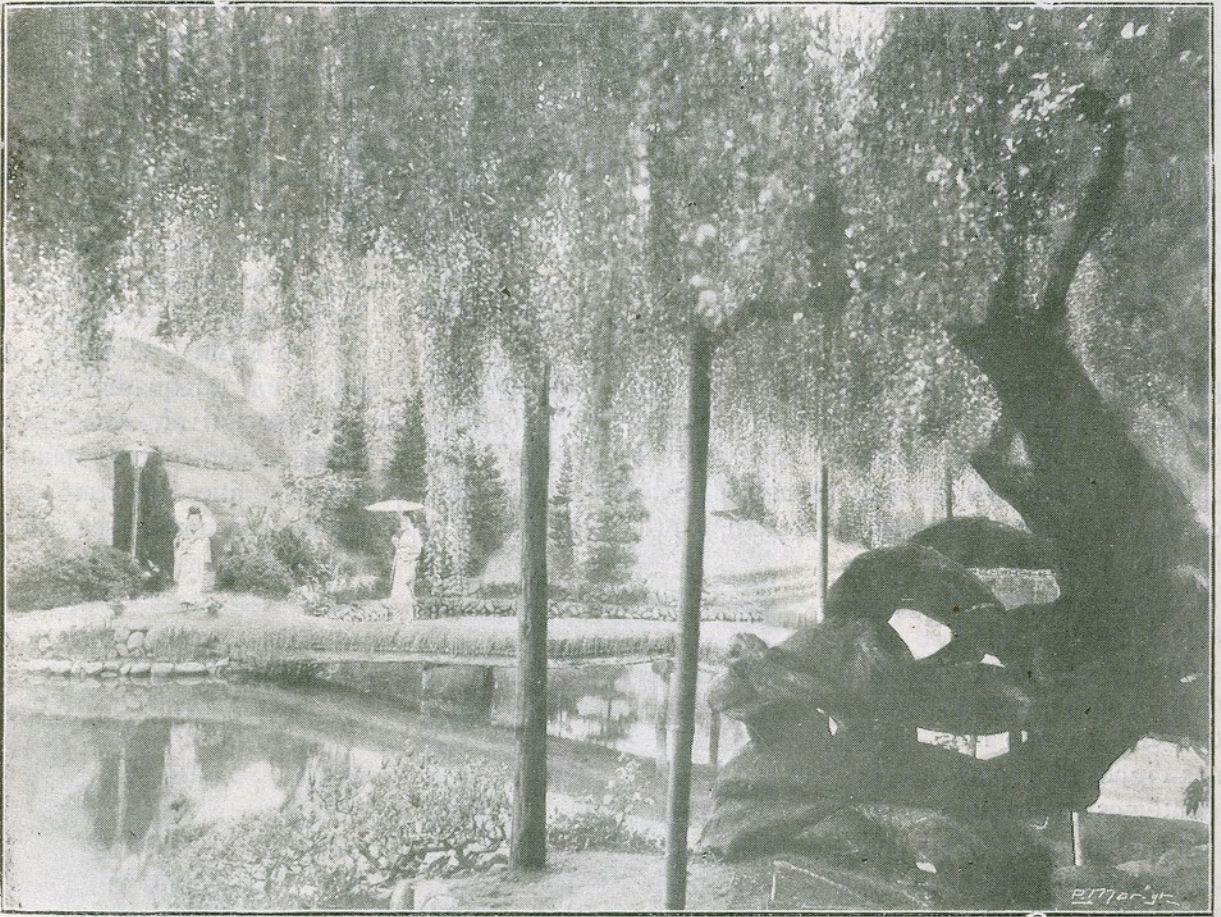


A CEREJEIRA DE GHION

dades fortuitas acodem a distinguir, não só os scenarios uns dos outros, mas as diversas apparencias de um mesmo scenario, segundo a hora em que se vê, segundo as condições atmosphericas, segundo a época do anno!...

Do Dai-Nippon, a paizagem por excellencia, ou antes as paizagens por excellencia, são aquellas onde apparece o cone sagrado do Fuji, a deliciosa montanha, que o povo saúda, ajoelhando e erguendo as mãos em prece; ora vista do largo, de bordo de um

A primeira d'estas vistas é o archipelago de Matsushima, na bahia que tem o mesmo nome e fica cerca de Sendai; archipelago lilliputiano, formado por um cardume de mais de oitocentas ilhas pequeninas, enramalhadas de pinheiros. A segunda vista é Miyajima, uma ilhota do mar interior, prodiga em gentilissimos scenarios; um famoso templo, á beiramar, realça-lhe os encantos naturaes. Ama-no-Hashidate (a ponte do céu) é a terceira vista do *sankei*; encontra-se no mar



AS GLYCINIAS EM FLOR

navio, parecendo então surgir das aguas; ora vista de terra, a distancia, envolta communmente em phantasticos nimbos, que apenas deixam o apice patente, negro e calvo, cuspidado de neves eternaes; ora associada aos risonhos panoramas que a avisinham, vindo por vezes reflectir-se nas aguas tranquillias dos lagos, das ribeiras.

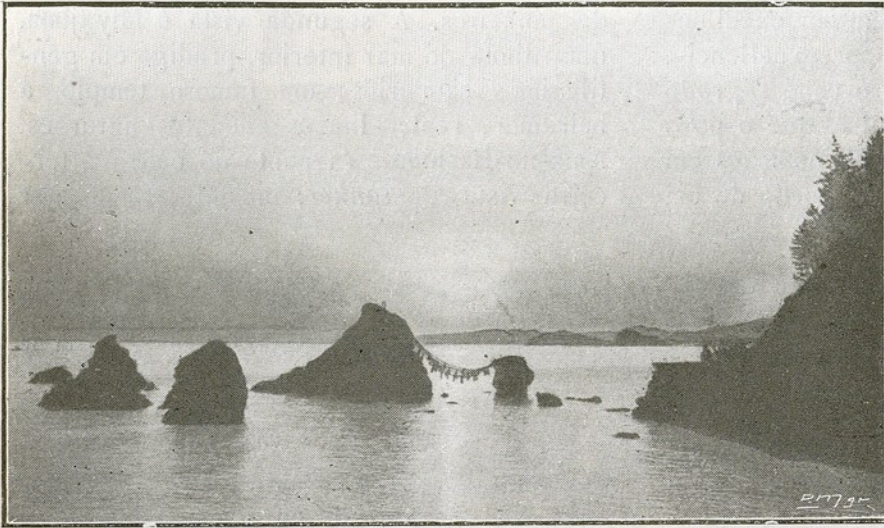
Depois do Fuji, apontam-se tres vistas, *sankei*, como as mais bellas do paiz; todas tres — curioso facto — banhadas pelo mar.

do Japão, na provincia de Tango; uma estreita lingua de areia, de duas milhas de comprido, toda coberta de pinheiros, avança pelas aguas, unindo quasi uma margem a outra margem de uma formosissima bahia.

Depois, convem fallar de Nikko. Dizem os japonezes: — «*Nikko wo minai uchi wa, kekkô to iu na.*» — Quer isto dizer: — Em quanto não vires Nikko, não empregues o termo «magnifico». — A região alpestre de Nikko é uma dupla gloria, da natureza e

da arte. Com as suas montanhas surprehendedentes, vestidas de arvoredos vetustos e encantador; com as suas rústicas gargantas,

vez a mais velha arvore conhecida n'este mundo, pois conta cerca de mil e quinhentos annos de existencia; enraizando á beira do lago Biwa, na provincia de Omi, ergue no espaço o tronco monstruoso, medindo trinta e sete pés em circumferencia; e estende e alastra os enormes troncos carcomidos, amparados a bordões, como um mendigo de estrada, derreado pelos annos. Outro pinheiro celebre é o *Né-agari-matsu*, perto de Wakanoura, com a rede das raizes em parte a descoberto. A cerejeira de Ghion, em Kyôto, florindo em



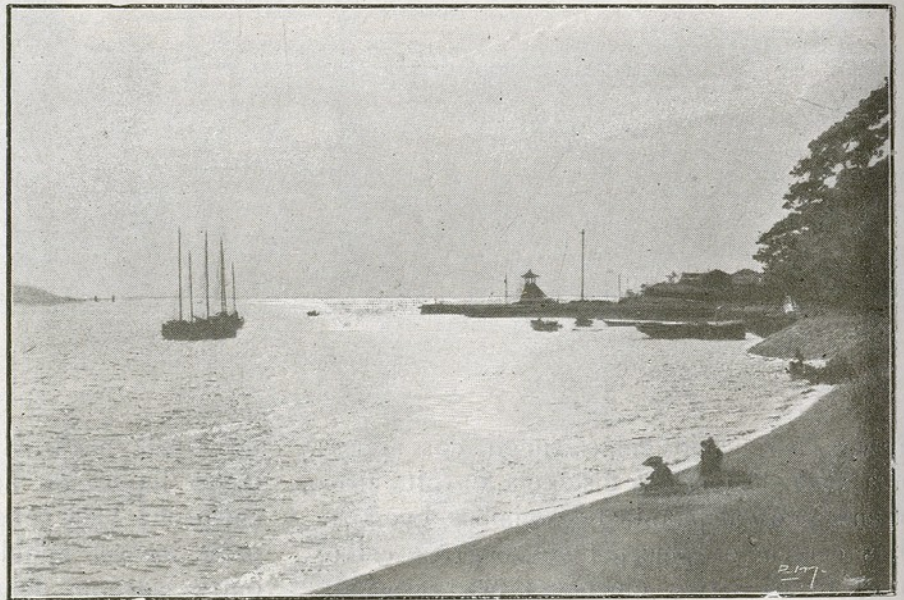
O NASCER DO SOL EM FUTAMI

por onde a agua se despenha e espuma em cachoeiras; com as suas cascatas rumorosas, todas frescura e irizações; concorrem os enlevos dos templos, da mais requintada concepção, votados á memoria de Ieyasu, o primeiro shogum dos Tokugawa, e de seu neto Iemitsu.

Mas desçamos a motivos mais modestos, embora não menos dignos de reparo. Tentemos sobretudo dar realce a uma circumstancia aqui já apontada: — a concorrência de pequeninos nadas, ou de fortuitos incidentes, servindo a distinguir, na emotividade nipponica, uma scena de outra scena, ou os múltiplos aspectos de uma scena.

Antes de tudo, digamos que ha arvores celebres no Japão, como ha heroes, ou como ha deuses. Cabem sem duvida as honras de primeira citação ao pinheiro de Karasaki, tal-

começos de abril, é, em tal quadra, de um deslumbramento indescriptivel, sem igual. Estas tres arvores, como outras muitas, constituem pretextos, que tornam queridas as paizagens circumdantes, aonde



UM EFFEITO DE LUAR

o povo afflue em festivas romarias.

As florescencias, naturalmente, imprimem particulares feitiços, embora ephemos, aos

scenários. Em fevereiro e março, são as flores de ameixeira que tornam certos sitios aprazíveis. Em abril, são as flores de pecegueiro, de cerejeira, de colza; Yoshino, Arashiyama, por exemplo, são famosos pelas suas cerejeiras. Seguem-se as flores das glycineas, das azaleas, das iris. Em julho, são as alvas e as roseas flores do lotus, a emergirem dos charcos, das lagoas; a gente vae ouvir pela madrugada, o estranho — path! — o estalido das petalas do lotus, no momento em que as corollas desabrocham. Em novembro, não ha flores; mas são as folhas do arvoredado que então se coloram de tonalidades brilhantissimas; as folhas do *momiji*, em especial, attingem estupendas gradações, que vão do amarello de ouro ao carmezim, ao rubro esbrazeadado; em Arashiyama, em Minô, em Takaó, em Shin-Takaó, na alcantilada Arima e em mil outros logares, a paizagem alcança tons de apothéose, com a qual o povo, em magotes, se deleita. E, no entretanto, o outomno é, como dizem os japonezes, *inki*, melancolico:—a grandeza do dia diminue a olhos vistos, definha-se a vegetação, desnudam-se as arvores, cahem as folhas e morrem os insectos; a paizagem estilla uma tristeza luctuosa, que infiltra desolações nas almas sensitivas.

Um dos grandes estimulos do scenario japonéz é a neve, que lança alvos mantos de pureza sobre as costas das montanhas, e salpica de arremedos de florescencia os proprios pinheiros, os bambus e outras arvores que nunca floresceram. A neve é adorada e adoravel no Japão; ir vêr cahir a neve, pelos campos fóra, em mezes de janeiro e de fevereiro, é um dos passatempos d'esta gente. Conta-se que um antigo

imperador, soffrendo, em pleno estio, da nostalgia das nevadas, mandou cobrir de setim branco uma collina inteira, que defrontava com as varandas do palacio.

Não esqueçâmos o mar. O mar, pelas suas innumeradas modalidades imprevisitas, pelo seu perpetuo arfar emocionante, pelos seus murmurios, pelos seus choros, pelos seus risos, pelos seus gritos; o mar, com o seu cortejo de barcos e de passaros, com a sua labuta piscatoria, é aqui, como em toda a parte, e mais talvez aqui do que em toda a parte, o potente feiticeiro das scenas imprevisitas, que se gravam indeleveis na memoria.

Outros estimulos da paizagem residem nas estranhas apparencias atmosfericas d'esta terra. Frequentemente, são os tons vaporosos das neblinas, os largos horisontes côr de perola, donde emergem contornos indecisos, como de coisas sonhadas, mas não vistas; outras vezes, é o azul vivido, scintillante, do céo, de uma pureza incomparavel. Juntêmos as ruborisações crepusculares, os incendios das nuvens extravagantes, os encantos do nascer e do pôr do sol, e do luar. A enumeração das oito bellezas da provincia de Omi, *Omi-kakkei*, é instructiva n'este assumpto. São ellas: — vista do luar do outomno, em Ishiyama; a neve pela tarde, em Hirayama; o pôr do sol, visto de Seta; o templo de Miidera, á tarde, na occasião de tocarem os si-



O CEU E O MAR

nos; a partida dos barcos, largando de Yabasé; o céo brilhante e a brisa, em Awasu; a chuva durante a noite, em Karasaki; os patos bravos, recolhendo a Karata.

Mencionêmos os bichos. Em junho, a aparição dos pyrilampos, em certas visinhanças das ribeiras, vem dar grande prestigio



OUTRO EFEITO DE LUAR

á scena, attrahindo a multidão dos visitantes. O coaxar das rãs, em mezes estivaes, torna queridos outros poisos. O zumbido, o canto, o grito de outros seres, a pesca tam-

os espectros d'aquelles que viveram ha mil, ha dois mil annos...

Colligidos estes modestos elementos, poderemos tentar agora, talvez com alguma espe-

bem, darão fama a outros logares.

Resta lembrar a historia, a lenda. Não faltam sitios, onde palpita a tradição das coisas mortas, onde terribes batalhas se feriram, onde bellas princezas se aprazeram, onde sabios e santos meditaram, onde poetas escreveram seus poemas. Muitos scenarios do Japão são verdadeiras paginas das suas velhas glorias, por isto apreciados, invocando nos espiritos



UMA PLANTAÇÃO DE CHA

rança de successo, uma synthetisação da paizagem japoneza, vista pelos olhos e sentida pela alma dos nipponicos, e do seu effeito moral e educativo na sentimentalidade da nação. A paizagem japoneza distingue-se das outras paizagens em geral pela miniatura graciosa dos detalhes, pelo viço, pela belleza, pelos caprichos chromaticos; e tambem por uma certa extravagancia, quando julgada pela esthetica do Occidente. O japonез vé a paizagem pelos olhos, como

um sentimento de paz universal, de serenidade, de alegria, de agasalho, de innocencia, e uma como que glorificação perenne da natureza creadora. A paizagem japoneza não provoca á exaltação do pensamento; embala-o, pelo contrario, tornando-o improprio aos grandes transportes passionaes, incluindo a paixão dos sexos, entre outras. Sendo a paizagem um dos grandes factores potenciaes, que decidem das religiões dos povos, os japonezes deveriam ser o que ef-



CASCATA DO SHIRAITO CERCA DO FUJI

nós; mas, mercê dos seus agudos dotes sensitivos, quer tambem *cheiral-a*, quer tambem *ouvil-a*, quer tambem *sentil-a*; pedindo para isto a concorrência das florescências, dos insectos, das aves, dos batrachios, da legenda, de todas as manifestações da criação e da memoria.

Quando procurémos descobrir, na ordem da psychologia esthetica das coisas, o que emana d'estes quadros, qual é a alma d'estas scenas, concluiremos que de tudo se exala

fectivamente são, decididamente pantheistas, adivinhando deuses nas montanhas, nos rios, nas arvores, deuses protectores das culturas, dos lares, dos poços, das cosinhas, dos lavradores, dos soldados, dos negociantes, de todos e de tudo.

O povo, por indole affectiva, fez da contemplação da paizagem um mister. O caminhar, durante longas horas e por ingremes ladeiras, até defrontar com um agradável panorama, entra nos deveres da existencia,



como para nós, occidentaes, o fazer periodicas visitas ás pessoas das nossas relações. Deixar passar um anno, sem ir vêr as flores de cerejeira e as folhas do *momiji*, é quasi um crime, pelo menos uma irreverencia indesculpavel. Deve admittir-se que, d'este habito de convívio com a natureza em galas, passou o japonéz para o naturalismo em arte, em que é, como se sabe, primoroso e inigualavel. Mas a arte sublimou-lhe os dotes emotivos, levando-o por seu turno a melhor comprehender a natureza. D'isto se originou um vae-vem de emotividade esthetica, como que um movimento pendular do sentimento, entre a natureza e a arte; dando, como resultado ultimo, a fixação do caracter nacional, tal como hoje o conhecemos. A alegria perenne das massas, o carinhoso amor pelo solo patrio, o consequente patriotismo, o aprazimento nas coisas simples, a sobriedade, um fundo artistico commum a toda a gente, teem, como explicação primordial, a suggestão da paizagem japoneza.

Quanto a algumas qualidades particulares, reconheciveis na indole do nipponico, como uma certa irritabilidade eventual, a disposição á vingança, por vezes arrebatamentos sanguinarios, etc., deve ir buscar-se-lhes a origem, não na paizagem, mas mais longe. Apontem-se mysteriosas hereditarie-

dades raciaes, e tambem a fatalidade dos destinos politicos da nação, que fizeram do japonéz um povo invasor e de conquista, rival do mundo inteiro. Se o solo entra igualmente como factor de incitamento — e assim deve acontecer, — será então pelas suas bruscas variações climatericas, pelas suas frequentes catastrophes meteorologicas, sobretudo pela sua compleição seismographica, convulsa, traduzindo-se em abalos quasi que diarios e em terremotos repetidos.


Voltêmos ainda aos effeitos psychologicos da paizagem. Nos tempos actuaes, a introdução a jorros da civilisação occidental no seio do Imperio, com o seu cortejo de vicios, de descrenças, é, fóra de duvida, um terrivel factor desintegrante; a paizagem porém, immutavelmente serena, ergue-se, como uma tremenda força de integração, oppondo-se á degenerescencia da familia japoneza.

O progresso avança enormemente nas suas investidas; os fios telegraphicos atravessam, é verdade, os horisontes; o comboio fumegante cruza os scenarios sagrados do Nippon, com grande espanto dos deuses e dos brutos. Mas verdejam os mesmos pinheiros, florescem as mesmas cerejeiras, rumorejam as mesmas aguas, reluzem os mesmos pyrilampos; — é dizer que a alma japoneza persiste, com as suas qualidades de eleição.

Kobe.

WENCESLAU DE MORAES.





# Mors - Vita

---

Do assombro e do terror com que eu te via outr'ora  
como a noite sem fim, e o fim de tudo... ó Morte!  
ficou-me a idéa vã de teu sinistro porte,  
imagem familiar que eu já não temo agora.

Rompe da tua treva a cada instante a aurora,  
e surge do teu nada a vida inda mais forte!  
Transformas, não destróes; que o vivo tem a sorte  
de não morrer jamais, morrendo a toda a hora...

É's a razão do ser, dentro do ser, latente!  
No prazer e na dôr em tudo, o homem te sente,  
o homem, circo eternal dos jogos teus furtivos.

Mas tu guardas, ó morte, em teu seio, um mysterio!...  
— Sob as louzas talvez, talvez no cemiterio,  
aos mortos, tu dirás o que occultaste aos vivos!



# Uma obra extraordinaria de engenharia



LEVOU-SE finalmente a cabo uma obra de engenharia que representa uma verdadeira odissêa, um romance de Julio Verne pela extraordinária dificuldade dos obstáculos vencidos, pelo arrojado dos trabalhos, pelo imprevisível dos lances. Referimo-nos ao caminho de ferro que corta a Noruega na sua parte de mais difficil accesso, pondo em communica-

tomará um papel importante no desenvolvimento do turismo na Escandinávia. A distancia entre os pontos extremos é de cerca de tresentas milhas, mas no percurso havia a escalar o grande massiço escandinávio, velha região de altos platós onde os valles parecem talhados a machado na espessura do massiço.

O vencimento da cadeia estava erriçado das mais árduas difficuldades, muitas das quaes de caracter notabilissimo para a arte da construcção dos caminhos de ferro, e por isso a linha será sempre considerada como uma das obras mais extraordinarias d'esse ramo que se teem executado.

Deu-se o primeiro arranco á obra em 1875, quando o governo autorizou as despesas necessárias para o trabalho. Mas não foi então mais do que um passo insignificante no projecto: umas sessenta e sete milhas, de Bergen a Vossevangen. Admittia-se que mais cedo ou mais tarde a linha teria de sêr tambem encetada em sentido contrario, de



UMA ESTAÇÃO CULMINANTE

ção directa Cristiânia, sobre o Baltico, e Bergen, no mar do Norte. Esse caminho de ferro tem um grande valôr commercial e

Leste para Oeste, não obstante a presença do Dovrefjælde Range. O governo determinou pois que emquanto andasse em cons-

tracção aquelle primeiro troço, se estudasse o caminho a seguir do outro lado, de forma que quando Vossevangen fosse attingido, tudo estivesse preparado para o internamento final através as montanhas.

Era esta a idéa official, mas que se não executou, pelo menos na interpretação geral do projecto. A via ferrea foi levada de Bergen a Vossevangen e aberta ao tráfico entre esses dois pontos no verão de 1883, e, em conformidade com as idéas da época, de via reduzida, apesar de se devêr considerar como uma arteria principal de tráfico.

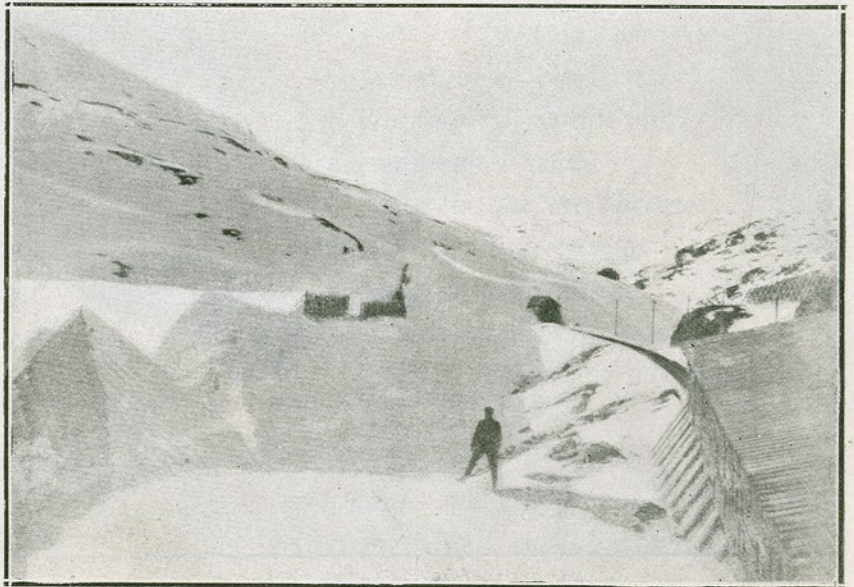
Durante annos os trabalhos interromperam-se, não por falta de fundos, mas porque o governo receiava mettêr hombros a uma empreza que reconhecidamente exigiria um trabalho formidavel, e tambem porque se não podia ainda decidir definitivamente qual o caminho a seguir.

Quando ainda a linha avançava para Vossevangen, proseguia-se nos trabalhos de geodesia e exploração nas montanhas, investigações que continuamente revelavam novos obstáculos. Viu-se que numa das estações a neve caía durante 62 dias no anno, e que se não passava um mês sem se encontrar essa inimiga. Em muitos logares variava de 2<sup>m</sup>,70 a 4<sup>m</sup>,5 de profundidade, chegando por vêzes a attingir 7<sup>m</sup>,8. A chuva appareceu sob um aspecto aterroradôr, esbravejando por aquellas brancas solidões tempestades furiosíssimas; o vento, devido á posição exposta do planalto, era fortissimo.

Tão descoroçoadores foram os resultados d'estas investigações, que durante dez annos o *terminus* ficou em Vossevangen. Em 1894, comtudo, o governo voltou ao problema, e autorizou a segunda parte da linha, de Vossevangen a Taugevandet. Ora em Vossevangen a linha estava a 98<sup>m</sup> acima do nivel do mar, e para attingir Taugevandet haveria a subir até á altitude

de 1:300 metros, isto numa distancia de 48 milhas. Tal altitude, por cerca de 60° Norte e num plató exposto a tempestades frequentes numa das menos povoadas regiões da Europa, representava uma tarefa pesadíssima para os trabalhadores norueguêses. As suas circumstancias eram ainda mais lamentaveis pelo facto de a estação rigorosa durar oito a nove mêses, prevalecendo tambem muitas vezes as condições invernosas durante o estio, varrida de tempestades de neve a pequena colonia que manejava as picarêtas.

A necessidade de abrir um túnnel no cimo da cadeia era uma nova difficuldade do empreendimento, e uma das mais árduas



BARREIRAS PROTECTORAS DA LINHA CONTRA AS NEVES

imagináveis: se considerarmos a latitude, a altitude e as condições climatericas, poderemos calcular como era extraordinariamente difficil a tentativa. Esse túnnel, — o túnnel Gravenhals — mede 5:170 metros através um cabeço granítico, e é não sómente o mais comprido da Europa setentrional, mas dos de mais difficil construcção, porisso que foi executado no meio de um oceano de neve que, arrebatada pelo vento, era impellida para as perfurações das portas, exigindo esforços titanicos para conservar as aberturas desembaraçadas.

O contracto para esta obra foi feito com uma firma escandinavia por 727 contos de réis, e começou a executar-se em principios

do anno de 1896. Aproveitou-se o rio Gandal, que movia grandes turbinas, para alimentar pela electricidade as máchinas perfuradôras e outros apparatus. As máchinas usadas foram poderosas hydraulicas Brandt, atacando a parede rochosa com a força de 80 atmosferas. Calculou-se que se avançariam assim 59 metros por mês, mas os calculos provaram errados, e no primeiro anno obtiveram-se só  $\frac{2}{3}$  do progresso mensal previsto. Era necessario recorrer a meios que ajudassem a apressar a obra, pois a rocha oppunha muito maior resistencia do que a que se esperára. Recorreu-se a apparatus pneumaticos, e com esta ajuda a tarefa pro-



DESIMPEDINDO A VIA DOS GELOS

seguiu mais rápida, de forma tal que deu em resultado o atraso transformar-se em adiantamento; quando finalmente foi abatida a ultima parede de rocha, em 4 de julho de 1902, estava-se em avanço de 2 meses sobre o contracto, e acabado um labor de 6 annos.

Depois de deixar este túnel, a linha segue um alto e breve percurso, mergulhando em uma nova toca, 147 metros mais elevada ainda e de 1:560 metros de comprimento. Foi domorada a execução, e os engenheiros viram-se em grande embaraço pela difficuldade em obter trabalhadores; estes esquivavam-se constantemente e o mais possivel a tão árduo trabalho, conhe-

cendo a altitude, a desabrigada situação da obra, a inaccessibilidade da região.

Havia ainda um outro factor alarmante para os operarios: as surpresas que a natureza apresentava. Emquanto se trabalhava no túnel de Gravenhals uma avalanche varreu a encosta da montanha e esbarrou na casa das machinas que encontrou no seu trajecto. Ficou demolida metade da construcção, e dois meses decorreram antes de poder ser restaurada em condições de se continuarem os trabalhos. No túnel de Reinunga accumularam-se difficuldades de toda a ordem, e quando finalmente se atingiu Taugevandet houve nova paragem,

não sabendo os engenheiros decidir qual caminho a seguir d'ahi para diante. Se bem que o mais difficil estivesse feito, entrou o anno de 1898 sem os trabalhos recommencarem. Foram então votados credits para a construcção da linha entre Taugevandet e Rôa, devendo esta secção ser construida pelos dois extremos simultaneamente. Isto assegurava o acabamento do caminho de ferro através o paiz e a ligação com as linhas em redor de Cristiânia; mas era preciso renovar a primeira secção, de Bergen a Vossevangen, que,

como dissémos, fôra construida em via reduzida, ao passo que a restante era de via normal.

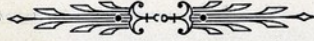
Depois de deixar Taugevandet a linha desce para Bromme com muito menos declive do que o existente do lado da cadeia que dá para Bergen. O trabalho foi aqui muito mais simples, podendo-se seguir o fundo dos valles, em vez de empoleirar a linha sobre as montanhas, como fôra o caso até Taugevandet.

Assim a construcção foi levada a effeito com rapidêz de ambos os lados, de forma que em 9 de outubro de 1907 as duas linhas se encontraram finalmente, e a locotiva pôde atravessar as montanhas de Leste

a Oeste. Apesar da maior acessibilidade do terreno, foi ainda necessário fazer vários túneis e pontes, cuja execução porém se não pode comparar com as de Gravenhals ou Reinunga.

Os 41 túneis da linha perfazem juntos uns 7:500 metros de comprimento, sendo as grandes pontes em número de 14.

Se a execução da linha foi uma obra extraordinaria, é ella única nos trabalhos de conservação que exige, sendo preciso constantemente desembaraçá-la da neve, mesmo em pleno estio. Para evitar o escorregamento da neve para a linha, construíram-se trincheiras entre Mjölfjeld e Gjeilo, numa extensão de 60 milhas.



## As coisas que dizemos! . . .

*Se houvera no teu peito  
Algum amor por mim!  
Bem sei que não mereço  
A graça que appetço;  
Mas olhas-me, e suspeito  
Que exista. Será assim?  
Se houvera no teu peito  
Algum amor por mim!*

*Se houvera! que ventura!  
Existe? Existirá?! . . .  
Teus labios, esses, calam;  
Porém, teus olhos falam!  
E a sua graça pura  
Parece que diz: — Ha!  
Se houvera! que ventura!  
Existe? Existirá?! . . .*

*O teu olhar responde  
E diz (não diz?) que sim! . . .  
Enganar-me á acaso  
O fogo em que me abraço? . . .  
Mas dolo não se esconde  
N'um doce olhar assim!  
O teu olhar responde  
E diz (não diz?) que sim! . . .*

*As coisas que dizemos  
Quando nos vemos, flor! . . .  
Nem tu nem eu falamos  
Mas tudo confessamos.  
Se os peitos nossos temos  
A transbordar amor!  
As coisas que dizemos  
Quando nos vemos, flor! . . .*

*Quero fallar-te um dia  
Tambem de viva voz;  
Dizer-te tudo, tudo!  
Deixar o fallar mudo!  
O que eu te não diria  
A sós contigo, a sós!  
Quero fallar-te um dia  
Tambem de viva voz!*

Novembro 910.



## Como se fizeram os primeiros regimentos da Inquisição



EM sempre á palavra regimento correspondeu o sentido militar que hoje lhe damos. Nem sempre. Houve uma epocha, recuada mais de um seculo, em que as principaes manifestações dos legisladores tinham o nome de *Ordenações* e de *Regimentos*. D'ahi veio o *Systema dos Regimentos Reaes*, collecção que é apenas um conjuncto de regulamentos, hoje do dominio do Direito Patrio.

Longa seria a sua enumeração, porventura fastidiosa e, sem duvida alguma, despida de interesse para o nosso intuito.

Como amostra sómente apontaremos: o das albergarias e hospitaes; da artilharia; das vallas; dos ourives do ouro; dos capellães reaes; da Casa dos Vinte e Quatro; dos almirantes; dos contos; dos officiaes das sizas; dos algibebes, e até os pastores da Serra

da Estrella tinham regimento, pelo qual se iam regulando na sua vida nomada e primitiva!

Note-se porém que, apesar do cuidado do compilador d'estas peças legislativas, bastantes continuaram desconhecidas, jazendo no olvido dos respectivos archivos ou cartorios. Entre essas figuram os dois mais antigos regimentos do Santo Officio: um da primeira instancia da Inquisição, outro do Conselho Geral, ou segunda instancia do referido tribunal.

Tenho aqui, na minha mesa de trabalho da Torre do Tombo, nada mais nada menos que os seus respectivos originaes.

Conservam as encadernações primitivas, cuja côr preta desapareceu, como desapareceram os dictames que elles encerram. Conheço-lhes a genealogia, conheço-lhes o conteúdo, e até sei a longa peregrinação que fizeram durante seculos até chegarem a este

archivo, onde são devidamente apreciados. Ineditos, publiquei-os; desconhecidos, estudei-os.

A elles tenho portanto ligadas horas de intenso labor intellectual, lucubrações — bem ou mal feitas não me compete a mim dizê-lo — mas lucubrações em que o meu espirito se tem gasto e afadigado.

O frontespicio de um, feito á pena (fig. 1.<sup>a</sup>), tem a ornamentação da epocha: animaes em baixo, flores em cima. Ao fundo das folhas ha evidentes vestigios dos dedos inquisitoriaes, volvendo-as nervosamente, talvez em cata de disposição salvadora de alguma judia, cuja lin-

deza faria esquecer a falta commettida, talvez procurando a malha enredadora d'algum inimigo perigoso.

Ambos promulgados no tempo em que o cardeal D. Henrique foi Inquisidor Geral, um tem a data de 1 de março de 1570 e outro a de 3 de agosto de 1552. Este ultimo — o da pri-

meira instancia inquisitorial — foi feito, como alias diziam sê-lo tudo quanto se praticava no execrado tribunal, para *serviço de Nosso Senhor!*

E não procedeu D. Henrique leviaamente; não. O projecto, talvez da sua lavra, foi apresentado e dis-

cutido pelos *gros-bonnets* da Inquisição no seu inicio. Sobre elle foram successivamente ouvidos: o arcebispo de Braga, D. Balthazar Limpo; o bispo de Angra e governador da Casa do Civel, D. Rodrigo Gomes Pinheiro; o bispo do Algarve, D. João de Mello; e finalmente os dois inquisidores de Evora, Licenciado Pedro Alvares de Paredes e



FIG. 1. — FRONTESPICIO DO REGIMENTO DO CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO

o dr. João Alvares da Silveira. Constituindo assim uma comissão de letrados, deitaram certamente abaixo todo o Direito Canonico desde o *Corpus Juris Canonici* até ás *Decretas* de Bonifacio VIII e tiveram presentes as bullas instituidoras do terrivel tribunal.



O *Regimento do Conselho Geral do Santo Officio* também foi redigido com o parecer de letrados theologos e juristas, cujos nomes não conhecemos, mas que eram com certeza adversarios *da heretica pravidade e apostasia*.

Assente quaes as suas disposições cumpriu a um bom calligrapho escreve-las e ao Inquisidor General authenticá-las, assignando-as (fig. 2). Restava porém o conhecimento d'ellas aos interessados.

Se fosse actualmente gemeriam os prélos da Imprensa Nacional e no dia seguinte o *Diario do Governo* levaria a todos o conhecimento da nova lei. Mas, quando appareceram esses regimentos, a typographia estava ainda em embryão, e o *Diario do Governo* repousava na massa dos impossiveis, sem sequer existir a sua legitima ascendente, a *Gazeta*.

Sendo uma ordem pequena poderiam os pregoeiros gritá-la nas encruilhadas, ou poderiam até os sacerdotes dizê-la do alto dos pulpitos. Não

era a primeira vez que isto faziam, pois as ordens da primitiva Inquisição assim foram publicadas.

Mas agora tratava-se de um codi-go, cujas disposições para mais convinha ao Santo Officio ficassem secretas e por isso determinaram que deante de todos os officiaes do Santo Officio a sua leitura se fizesse periodicamente, de tres em tres mezes.

Era bem necessario terem sempre presente o cumprimento dos seus deveres.

Todavia, para os que lhes soffriam as duras consequencias, — os mais interessados seguramente — não havia publicidade. A esses se podia com verdade applicar a phrase de não saberem em que lei viviam.

Até 1613

estiveram em pleno vigor as suas disposições e á sua ordem foram julgados, entre outros, Damião de Goes, Fernão de Oliveira e Fernão de Pina. Familias inteiras morderam o pó dos carcerees, denunciando-se mutuamente numa inconsciencia afflictiva, num pavor communicativo.

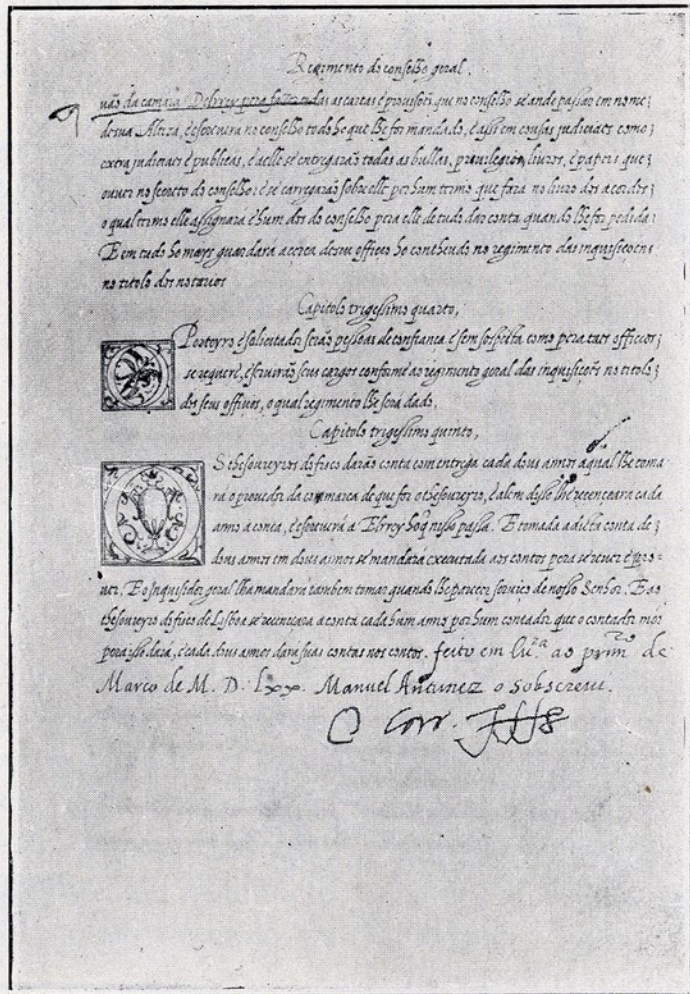


FIG. 2. — FOLHA ONDE ESTA' A ASSIGNATURA DO CARDEAL D. HENRIQUE

Criadas denunciaram patrões por lhes não pagarem a soldada; filhos denunciaram os paes; e as esposas denunciaram os maridos por zangas d'ocasião de que depois se arrependeram.

Houve como delatores: juizes; *mestres de ensinar moços* —

os modernos professores de instrucção primaria —; mestres de grammatica, os modernos professores do lyceu —; e até lentes da universidade, corregedores e bispos. Os officiaes do mesmo officio então era vulgar accusarem-se. Ciumes, rivalidades? Sem duvida; alguns bem cruelmente as expiaram. Assim, frei Bartholomeu

Ferreira, o conhecido censor dos *Lusiadas*, apontou proposições hereticas em certos sermões de Diogo de Paiva d'Andrade e o mystico auctor dos *Trabalhos de Jesus*, cujo logar tão assignalado é na nossa historia litteraria, não escapou á accusação de affirmações menos orthodoxas.

Subiram as escadas dos Estãos — pouco mais ou menos onde é actualmente o theatro Almeida Garrett — desde o primeiro jesuita Simão Rodrigues até ao filho do grande Affonso d'Albuquerque. E, se outros as não subiram, aconselharam a que lá fossem,

como o nosso embaixador em Castella, Martim Correia da Silva, como o illustre auctor das *Saudades da Terra*, Gaspar Fructuoso.

Quantos casos de bigamia não foram denunciados, quer pela deficiencia do processo ecclesiastico anterior ao concilio Tridentino, quer pela emigração constante para o Oriente e Africa, á qual allude

Garcia de Rezende nos seguintes versos da sua *Miscelanea*:

Vimos muito espalhar  
Portuguêses no viver  
Brasil, ilhas povoar  
E ás Indias ir morar  
Natureza lhe esquecer:

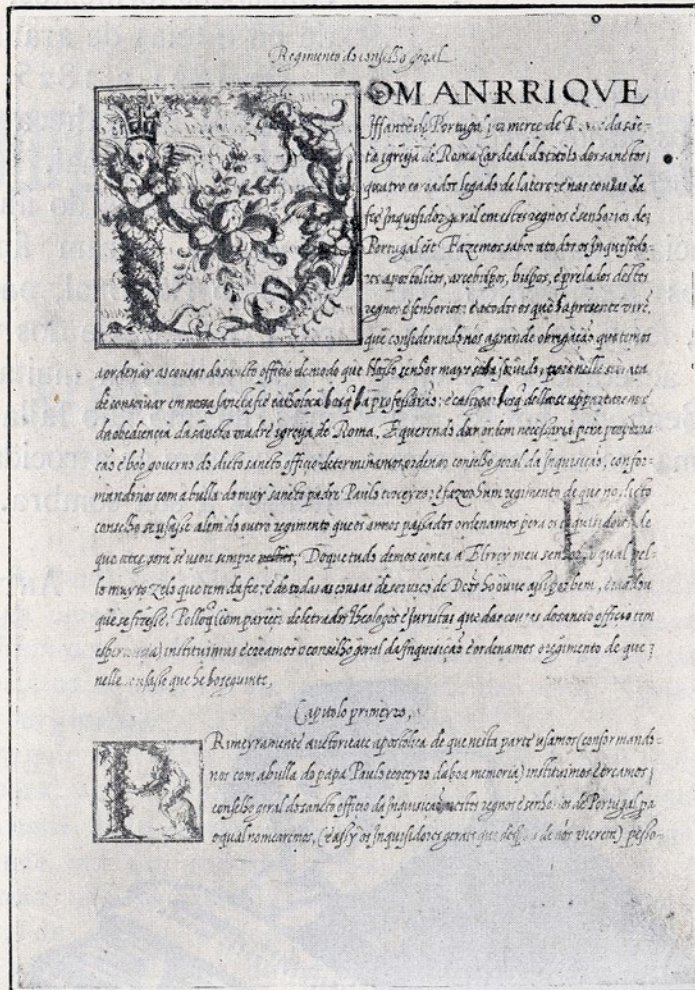


FIG. 3. — PRIMEIRA FOLHA DO REGIMENTO DO CONSELHO GERAL: E NOTAVEL O SEU D INICIAL.

*Vemos no reino meter  
Tantos captivos crescer  
E irem-se os naturaes  
Que se assi fôr, serão mais  
Elles que nós, a meu vêr.*

Quantos padres, pouco respeitadores da castidade, não foram duramente castigados! D'esses taes de quem diz Rezende:

*Vimos clerigos viverem  
Com mulher e os filhos serem  
Dos beneficios herdados.*

Uma das denuncias mais curiosas, feita á sombra dos *Regimentos*, de que vimos fallando, foi a de um christão novo que não acreditava na virgindade de Nossa Senhora, por se não poder tirar a gemma de um ovo, sem o quebrar.

O que lhes aconteceu de então até agora?

Relegados ao esquecimento apoz a impressão do primeiro regimento do tempo do inquisidor geral, D. Pedro de Castilho, dormiram durante duzentos e oito annos no paço dos Estãos ao som dos gritos lancinantes das victimas dos tormentos, talvez num berço de pó e teias de aranha.

De 1821 a 1825 estiveram na então Real Bibliotheca Publica, hoje Bibliotheca Nacional.

A instancias do illustre visconde de Santarem vieram finalmente para o Archivo Nacional, onde se conservam para curiosidade dos vindouros.

Se fallassem muitas cousas diriam; mas, mesmo não fallando, sobejamente nos contam as atrocidades sem fim praticadas á sua sombra.

ANTONIO BAIÃO.





# Hamburgo — Hannover — Berlim

## Uma cidade livre

(Conclusão)



DEPOIS de S. Pauli vem Altona, a antiga cidade, com o velho *Rathaus*, enfrentada pela estatua equestre d'um velho *burgmeister*.

A seguir um vasto jardim para onde abrem as portas do muzeu de Altona. Este muzeu é bastante vulgar. Pretende ser um repositório d'arte classica, mas não passam de modestas contrafacções, de copias, o que enche os seus amplos salões. Defronte da porta principal ha um tanque com bellas figuras mythologicas em bronze. O grupo é arrojado e cheio de vigor. Neptuno reina sobre duas nereidades que se degladiam.

O resto da antiga cidade é como toda a Hamburgo, cheia de bellos edificios, estabelecimentos sumptuosos e vida intensa pelas ruas, praças e jardins.

Passada Altona, começa a estrada á beira do porto, sempre semeada, pela margem direita, de habitações que espream entre a folhagem.

N'um ou n'outro ponto, onde as vivendas de luxo se agglomeram, está aquelle braço de mar povoado tambem de botes de re-

creio em grande quantidade. As aguas regougam nos seus pequenos costados, dando com estas notas ainda maior transparencia á musica do vento ligeiro que atravessa o arvoredo.

O caminho é bem pittoresco, mas falta-lhe a luz de que nós aqui nem caso fazemos; esse azul triumphal que leva a crer nas chimeras do além. Nem a luz nem a côr, nem esse ar calido e confortante, que transporta o cheiro dos pinhaes e das acacias; mesmo no estio, aqui, percebe-se que estamos no paiz da neve.

A' volta jantámos, como disse, no hotel do Park e regressámos de noite para a cidade.

Na cidade, á noite, quando se não vae a algum theatro, o ponto preferido pelos que não teem preconceitos anti-semiticos é o *Alster Pavillon*, um café tambem unico pela sua grandeza e situação.

O *Alster Pavillon* é um edificio elegante, quadrangular, em forma de arcariá, todo construido sobre o lago de onde tirou o seu nome.

Só a fachada principal está encostada á

margem, e é por este lado que se faz o acesso ao café. Tem uma orchestra, executando a musica em voga, desde as duas da

dem-se quatro filas de mezas com cadeiras, entre pequenas arvores, collocadas ahi durante o verão.



O ALSTER — PAVILLON

tarde até ás duas da madrugada. E' um lugar agradável para, á noite, de uma das mezas do andar superior, estarmos disfrutando a cidade illuminada em roda do lago, os reclames em projecções electricas, o movimento dos barcos a vapor que cortam as aguas escuras, reflectindo n'ellas as suas luzes, tudo como um quadro através do grande vidro que nos intercepta a brisa do Alster. Dentro a cerveja, o café, os sorvêtes, desaparecem sob os labios de muitas mulheres por vezes bellas, mas sempre saudaveis e rosadas. Teem um ar feliz e nedio os homens que as acompanham.

Vêem-se por ali os jornaes de todo o mundo. Encontrei lá o *Seculo* e o *Diario Illustrado*.

Ao longo da fachada principal e pela margem fóra, para ambos os lados, esten-

dem-se quatro filas de mezas com cadeiras, entre pequenas arvores, collocadas ahi durante o verão.

Ha muita gente que não vae ao *Alster Pavillon* por se dizer que elle é um paradeiro de judeus. Na verdade, o seu proprietario é israelita, e na sua freguezia abundam as caras morenas que, n'aquellas paragens, só vemos aos transfugas de Jerusalem, espalhados pelo mundo inteiro.

Os portuguezes de Hamburgo e a colonia brasileira teem ali o seu ponto de reunião.

Era a terceira vez que vinha ao *Alster Pavillon*, quando ás onze horas da noite resolvemos ir acabar o domingo para S. Pauli.

A noite estava bastante fria; pois mesmo assim todo o bairro parecia uma feira. As musicas dos cafés e dos theatros, o movimento dos trens, automoveis e electricos recrudescia áquella hora, como a mais propria para estroinices. Lá andei observando tudo. O *American bar*, em altos relevos e co-



ESTAÇÃO PRINCIPAL

lumnas doiradas, luxuoso nos seus damascos vermelhos, parecendo mais um templo do que um mercado de bebidas e de mulheres. Vinte

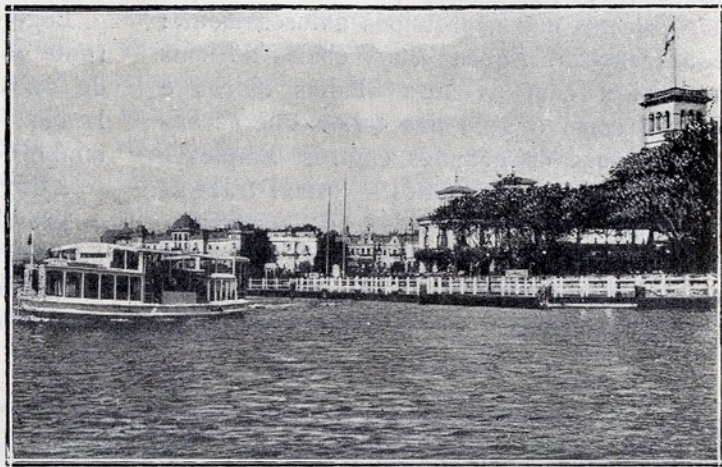
raparigas frescas e alegres, algumas gentis até, estavam postas em linha, a um balcão, onde os seus requestadores iam libar cerveja ou *champagne*, conforme a harmonia entre o entusiasmo e a bolsa lh'o permittia. Pelo meio da sala, mezas cheias de frequentadores já conhecidos na casa. Ao fundo, sobre a esquerda, um estrado e n'elle uma orchestra zingara de Budapesth, dirigida por uma cigana encantadora, perturbante. Foi a primeira belleza notavel que a Allemanha trouxe aos meus olhos.

Não era morena; mas tinha um cabello ébano delicioso. Os olhos muito alegres em forma de amendoa, nariz semita, ligeiramente recurvado, e uma bocca onde com certeza não cabiam dois beijos a par.

O seu trajar caracteristico, com as côres locaes e as enfiadas de florins, oirando-lhe o peito e a orla da sâia, faziam-lhe realçar a brancura da pelle.

Lembro-me que um dos meus companhei-

de sessenta annos! A sua figura elevada dominava a orchestra, mas não ficava pela orchestra o seu dominio. O coração do meu



O ALSTER PERTO DE UHLENHORSTER FAHRHAUS

companheiro sexagenario, tão de prompto e com tal intensidade se lhe rendeu, que logo houvemos por bem retirarmo-nos precipitadamente, para não se abrir ali o primeiro capitulo d'um romance de amor, com elle, que tinha quarenta annos de impecavel vida de familia.

Do *American bar* fomos para outro e outros; ainda estivemos n'um theatro de variedades; mas, por toda a parte, em S. Pauli, áquella hora, depois da meia noite, ha uma atmosphera de vicio que fatiga, uns olhares forçadamente aliciantes que magoam, que torturam, E' que os *bars* e os *café*s, grandes, lu-

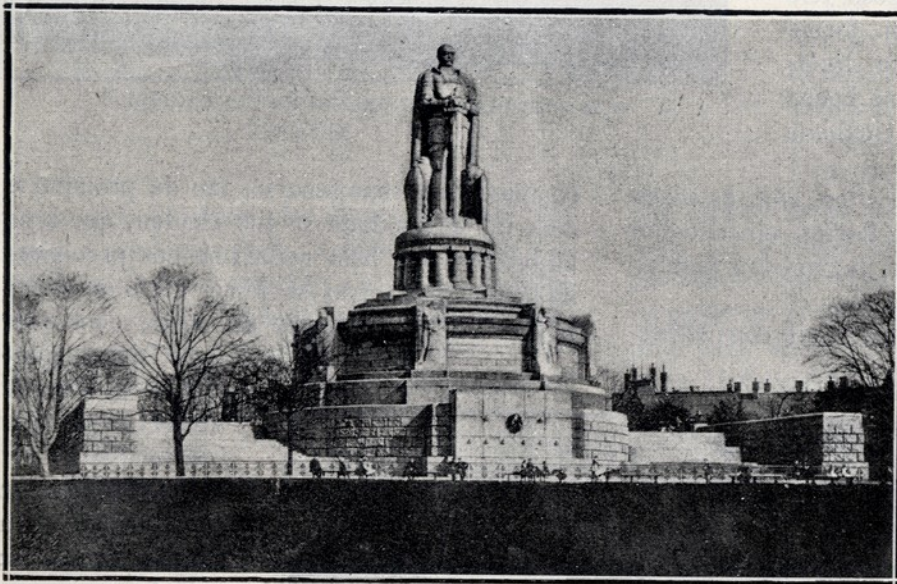


APEADEIRO DOS CISNES NAS MARGENS DO ALSTER

ros a quem chamavamos o *Herr Professor*, pelos seus oculos cathedraicos, se deixou estontear pela cigana, apesar dos oculos e

xuosos, estão desde as nove horas ornamentados com flores de carne, d'essas que precisam do amor para comer e para se vestir.

Pobres raparigas, como o seu olhar febril espalha tristeza por entre o fumo do tabaco, do *punch* e dos *grogs* que turva a sala! Ha uma só mulher que sabe ser ligeira, facil, *leicht*; que nasceu para o ser, e que por isso nos não impressiona dolorosamente: é a franceza. Agora estas, cheias de bons principios, com as suas almitas claras e frescas como o gelo das terras que as exportam para os grandes centros, simples e sadias, fortes e confiantes, — estas! trazem-nos á idéa a impossibilidade da corrupção, por mais aturada e longa que seja a sua vida nas casas de S. Pauli, e nos epilogos hediondos das noites sempre perdidas.



A ESTATUA DE BISMARCK

S. Pauli é o Montmartre de Hamburgo; o que não obsta que até certa hora se vejam familias burguezas honestas, com as suas *Mädchen* de dezeseis annos e os seus rapazotes, ignorantes do vicio, por entre as tempestuosas mezas das tentadoras profissionaes.

Naturalmente, os chefes d'estas familias não teem o vicio por molestia contagiosa ou confiam, absolutamente, na incompreensão da sua gente para as scenas d'aqueile espectáculo, representado perante as suas bochéchas castas.

Seja como fôr, sou levado a crêr que, se os bons costumes não fogem d'aquelles páramos aguardentados, é porque a experiencia ainda não lhes deu a segurança

amarga de que tal contagio propaga a dissolução.

Outro logar de recreio no verão é o *Fährhaus*, para além do Alster.

Logo que o frio e as chuvas cessam, durante os mezes de junho, julho e uma parte de agosto, são constantes as carreiras de lanchas automoveis através dos lagos, a caminho de *Uhlenhorster Fährhaus*.

Atravessado o *Binnen-Alster*, percorrido o grande lago, começa logo a sentir-se a orchestra do café, grande e elegante, que ali attráe ao rez de agua centenas de pessoas, durante o dia, e muito maior concorrencia á noite.

Tambem lá fui.

Como o leitor vê, pelo que tem lido e visto n'estas paginas ligeiras, Hamburgo, tal como hoje se nos apresenta, é uma cidade inteiramente nova. Só aqui e além, em alguma rua escura, se encontra ainda um ou outro predio da velha Hamburgo, pequeno, com as janellas ligadas umas ás outras, os tectos muito baixos, sendo muito

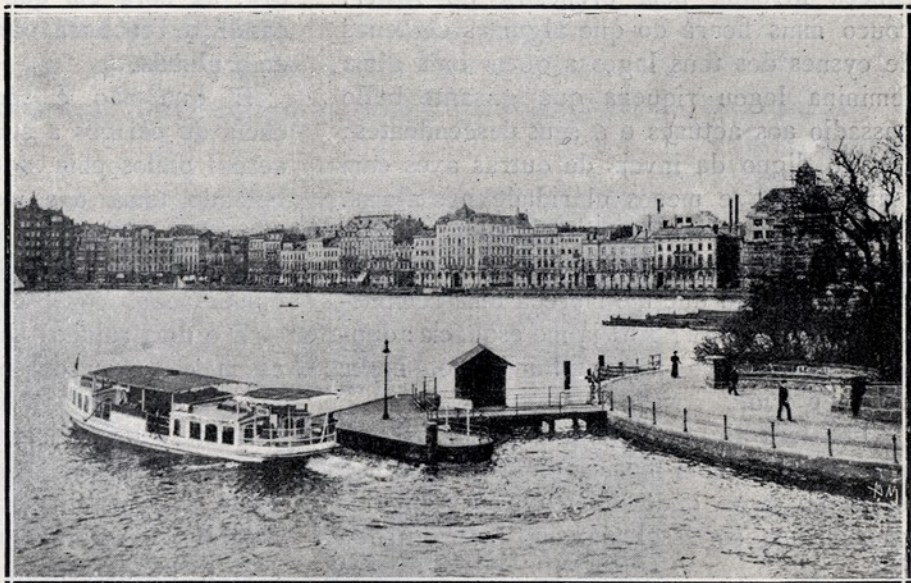
pequena a distancia d'uns andares para os outros, e começando a formar-se logo a meio o angulo porque terminam. Mas de anno para anno a cidade remocha. Ainda o anno passado vi dois predios d'estes, perto da *Hauptbahnhof*, que já este anno lá não estavam. E' estupenda a differença que se nota no lapso de cinco annos em qualquer cidade allemã. A gente volta e encontra-as augmentadas, mais enriquecidas tanto nas suas construcções como na viação, na jardinagem, e com maiores requintes, no conforto das casas e das lojas. E' o que não acontece a Paris, que visitei, volvidos dez annos sobre a minha ultima estada ali, e a qual encontrei exactamente na mesma.

Quando resolvi deixar aquelle milhão de burguezes com o seu nedio contentamento estampado no rosto, já não havia viella nem praça que não houvesse percorrido, logares frequentados a que não tivesse honrado com a minha visita. Sentia-me farto do *Klosterburg*, onde se almoça barato, mas onde cada *deutsches beefsteack* nos assusta pelas suas dimensões. Não parecem *beefs*: são montanhas de carne triturada, fragmentos importantes das rezes dinamarquezas que abastecem o mercado. Mais abaixo, ali, também defronte da *Hauptbahnhof*, está o *Berlinerhof* a acenar-me com o seu *gulasch* húngaro, modesto e saboroso, mas a minha machina começa a resentir-se d'estas ingestões proporcionaes a litros de cerveja que não bebo.

Vou pois deixar os cantinhos, em que descancei pacatamente do meu nunca parar, através da Hamburgo opulenta e farta. Será hoje a minha noite ultima do *Alster Pavillon*. Amanhã poderei condemnar, em Hannover, a transigência de certa gente bem christã e arica que passa aliás noites n'aquella remota succursal do templo de Salomão. Francamente não levo saudade da sua orchestra. Todas as noites a *Walzertraum* de Strauss, a phantasia da opera *Bajazzo* e outras banalidades musicas de igual jaez deixam perfeitamente arrombados os ouvidos ainda dos menos exigentes. Ainda irei ao *Tietz*, o Grandella de Hamburgo, para honrar o commercio da terra com qualquer aquisição. O commercio a retalho de Hamburgo é talvez o mais caro de toda a Allemanha; mas ainda assim que differença para os preços da nossa Lisboa, que escaldam! Ha armazens que vendem mais barato, *billiger*, do que o *Tietz*, mas ficam menos centraes. Aqui, como em Lisboa,

as quatro horas da tarde são as da maxima conjuncção feminina em volta e no interior dos *Läden*, ou *Magazinnen*.

Visitei pois os *Läden* a essa hora; e confesso que se me gravou ainda mais profundamente aquella impressão do meu primeiro dia de Hamburgo. Estas burguezas ricas e bem alimentadas, carnudas e roliças, com rosas nas faces e ancas irreprimiveis, são destituidas de gosto para se arranjamem. Para isso não é necessario vê-las em suas carnações exuberantes; basta visitar os estabelecimentos reputados elegantes. Barato, relativamente barato, ao que por cá se pede por qualquer trapo com geito, mas tudo feio



BINNEN — ALSTER — NEUER JUNGFERNSTIEG

como os trovões. Pobres hamburguezas!

Tive orgulho, desvanecimento quasi, quando ouvi um dia uma senhora allemã afirmar a uma companheira de viagem que as senhoras de Lisboa se vestem com muito gosto. Estivera já em Lisboa, esta senhora, e a sua opinião era de pezo, pois que momentos antes declarára, que preferia Paris a Berlim. Uma allemã preferir Paris é symptomatico. Com effeito, mais de uma vez tive ensejo de a admirar, e sempre me pareceu uma flôr exotica de elegancia no meio d'aquellas couves repolhudas da sua terra.

A *Steinstrasse* ás quatro horas é a nossa rua do Ouro a igual hora, com a differença de que não está adubada com o papalvismo



conquistador dos nossos tenorios, atiradiços mais por ocio do que por amor, mais por vaidade do que por exigencia de temperamento.

O mulherio é que abunda, mas vem ás confeccões, não procura o homem; o que não quer dizer que, se topar as suas reclamações, as não acolha num sorriso bom, promessa de outras acquiescencias não menos galantes. Mas tudo isto é muito pouco para quem vem do extremo occidente em busca de alguma coisa mais do que de seu semelhante bem ou mal arreiado, de ligeiros costumes ou de costumes austeros.

Hamburgo, deixo-te ámanhã e, na minha cabeça atroadada pela orchestra do *Alster*, pouco mais ficará do que algumas centenas de cysnes dos teus lagos a quem uma alma feminina legou riqueza que garante bello passadio aos actuaes e a seus descendentes; legado digno da inveja de outras aves com mais cantiga e menos claridade nas almas. Na verdade, além dos seus jardins, do *Hagenbecks Herpark* e dos *Alster*, o que me deu Hamburgo que me mereça uma reminiscencia duradoura? Ah! já me esquecia: deume rheumatismo a sua humidade, muita chuva e frio.

Theatros alguns vi; *Die Dollarprinzessin*, uma operetta com musica alegre e original, e fui ao circo, onde dois cavallos, imitando os homens, se asseljevavam, batendo-se a *box*.

Em todo o caso esta passagem por Hamburgo deu-me horas de suave deleite. Foi na leitura das confissões de uma princeza. A *Opernhaus* ainda não abriu; os concertos classicos tinham-se dado antes da minha chegada; mas uma rainha hysterica, degenerada o bastante para ser mais bella e talentosa, enchêra-me o cerebro com a estolidez do seu espirito encantador. E' uma princeza revoltada, amorosa, intellectual, que escreve primorosamente, tão ligeira e airosa como os francezes, mordaz e irreverente como um romano. E' o diabo não é mulher; e no seu livro tive occasião de vêr estereotypada toda a vida escandalosa, *sno*b e convencional de mais de uma côrte allemã. E

que authenticidade! mais, que descarol! As confissões de Jean Jacques Rousseau são uma historia ingenua ao lado d'aquellas paginas desabridas de mulher moderna, amoral, critica e capaz de tudo.

E' claro que na patria de Bismark um tal livro é prohibido, e prohibida a sua leitura; e a mais insignificante infracção legal é coisa grave na Allemanha. A propria memoria que os hamburguezes levantaram ao homem que cerziu o imperio, ao chanceller de ferro, córaria na fealdade enorme das suas dimensões de estatua budhica, se ouvisse ler uma das cartas do livro. A mim pareceu-me ver, ainda de peor catadura do que é seu costume, aquelle colosso de pedra, na hora em que por lá passei sobraçando a brochura perversa, cautelosamente embrulhada.

E' que não é sómente escandalosa, é cheia de perigos a sua leitura. Lido na mais actual philosophia, aquelle espirito destrambelhado toma das mais arrojadas affirmacões dos genios demolidores só aquillo que lhe faz conta para as suas invectivas documentadas.

E é uma rainha! Uma rainha, leitor, quem assim escreveu de si e dos seus! Quando acabei de saborear o volume, lido segredosamente e mysteriosamente restituído, pensei o que ainda hoje penso: o que seria a Europa, se mais duas mulheres, com o valor litterario d'esta soberana e a sua categoria social, se dessem a revelar as miserias do viver realengo das suas familias e alianças?!

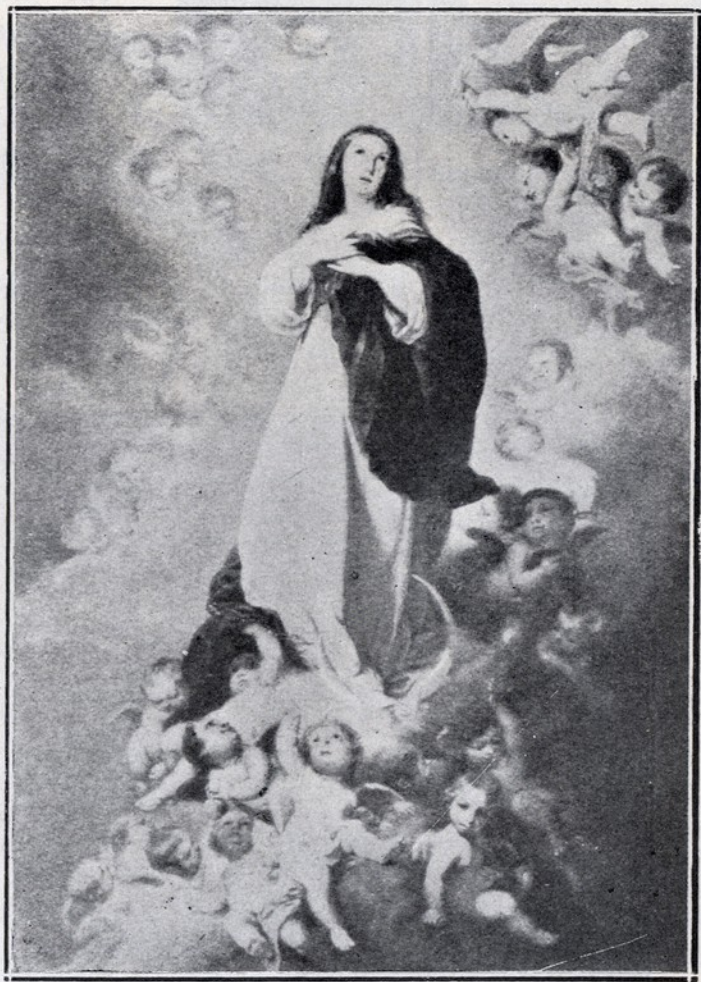
Amanhã estarei em Hannover e, a cada pagina viva e arrebatada, exterminadora do respeito que se deve aos principes e aos soberanos, opporei a alvura impeccavel dos cysnes do *Alster*. E cada uma d'essas aves de Apollo, que Platão admirou no seu canto derradeiro, como annuncio de resurreição junto da divindade, virá desfazer com a neve das suas pennas as tintas carregadas da vida dramatica, licenciada e, por vezes, ridicula d'um punhado de grandes a quem uma igual, parente, mas de alto espirito, converteu em seres mesquinhos por meio do seu talento e farta sinceridade.

# Vicissitudes de alguns quadros

UM dos quadros mais conhecidos — por copias de todas as especies, em todas as materias, para todos os usos, em bilhetes postaes, illustrações, oleografias e bentinhos — é certamente a *Immaculada Conceição* de Murillo, que hoje se admira no Louvre. Contemplada e admirada por tanta gente, essa pintura tem de estranho o têr salvo dois homens condemnados a fuzilamento. Passou-se o caso assim: perseguiu Soult o exercito de John Moore, que retirava para a Corunha,

nessa campanha da Galliza que precedeu a segunda invasão em Portugal. Um destacamento francês aprisionára dois frades hespanhoes, e Soult, em vèz

de os mandar fuzilar immediatamente (genero usual de procedêr com a gente freirática, particularmente hostile aos invasôres) ordenou-lhes que lhe ensinassem o caminho do seu convento. Foi ahi que viu o quadro e propôs adquiri-lo, o que o padre priôr recusou, dizendo que já cem mil francos haviam por elle offereci-



A CONCEIÇÃO DE MURILLO  
(Que salvou a vida a dois frades)

do. Soult então duplicou a somma, e o priôr, vendo um meio de salvar os dois

da Europa, e finalmente vendido ao governo francês por quinhentos e oitenta e seis mil francos.

Um outro quadro, também de Murillo, passou mais extraordinária aventura. Referimo-nos ao *Santo Antonio* da catedral de Sevilha, a maior tela do artista. Corre a lenda de que se viram passaros tentando pousar na mesa da esquerda, e picar nas flôres que nella pousam.

Pois em 5 de novembro de 1874 descobriu-se que a figura de Santo Antonio tinha sido cortada e arrancada, apesar da vigilancia extraordinaria que alguns roubos precedentes haviam suscitado. A porção de tela arrancada formava um quadro em si mesma, e fôra evidentemente essa circumstancia que determinára o furto. Não se descobriu indício algum do ladrão,



O SANTO ANTONIO DE MURILLO  
(Tendo ao lado a parte que lhe foi cortada)

irmãos religiosos com a transacção, accitou a proposta com a clausula de incluir a vida dos dois freires no negocio. Logo o marechal as declarou avaliadas em duzentos mil francos, e assim ficou com o quadro sem gastar real. No leilão dos objectos de Soult em 1852 foi elle disputado por varias testas coroadas

mas o governo hespanhol promptamente avisou os seus representantes



A MAGDALENA LENDO, DO CORREGIO

do ocorrido, enviando fotografias. Só no anno seguinte houve noticias do caso, quando um hespanhol propôs a um negociante de New-York vendêr-lhe um bello Murillo que possuia. O americano, em cujo espirito se haviam levantado suspeitas, lá foi effectivamente, e reconheceu a pintura como sendo a porção roubada do *Santo Antonio* de Sevilha. Secreta-



UM DOS CELEBRES CARTÕES DE RAFAEL  
(Cortado em tiras e arranjado)

mente avisou o consul hespanhol, que a comprou por duzentos e cinquenta dólares, sendo preso



LADY BUTS  
Por Holbein



RETRATO DA CONDESSA DE DERBY  
(Por Reynolds)

imediatamente o vendedor. Em Sevilha foi depois o quadro cuidadosamente recomposto, e finalmente re-installado no sitio primitivo com gran-

galeria de Dresde, e por algum tempo não houve noticia d'elles. O *Julgamento de Paris*, de Van der Werff, um dos quadros desaparecidos, foi

depois descoberto numa caixa, e logo após o Corregio debaixo do sôlho de um palheiro, sem a moldura, que fôra tirada por causa das pedras preciosas que a adornavam.

Semelhante esconde-rijo foi escolhido para uma *Santa Familia* roubada, de Rafael, achada por um camponês em Italia em 1876, e aproveitada por elle para remendar uma janella partida. Um entendido que acaso ali passou, intrigado pelo estranho fenómeno pediu para o examinar, identificando então a pintura com um quadro de Rafael havia annos roubado da collecção da familia Rovere, para quem o pintára e cujas armas se viam num canto inferior.

Além dos ladrões, o descuido atirou muitos quadros valorosos para aventuras extraordinarias, e não poucos foram estupidamente destruidos por gente vio-



PAINEL DO INFANTE, DE NUNO GONÇALVES

(Gravura extrahida da bella monographia de José de Figueiredo)

des festejos religiosos e seculares.

A *Magdalena lendo*, de Corregio, tambem soffreu semelhantes vicissitudes. Em 1747 esse quadro e dois outros desapareceram das paredes da

lenta, boçal e maldosa, incapaz de os apreciar. O retrato de dama reproduzido em uma das nossas gravuras faz parte de uma collecção de desenhos de Holbein (1497-1543), collecção cons-

tituida por uma serie de retratos de varias damas e senhores da cõrte de Henrique VIII d'Inglaterra. Foi achado pela rainha Carolina, no reinado de Jorge II (1727-1760), arrecadado numa velha secretária do palacio de Kensington com um volume de desenhos de Leonardo da Vinci. Muitos annos depois da morte de Holbein estavam os desenhos em França, d'onde foram trazidos para Inglaterra por diligencias de Carlos I, que os deu a Lord Pembroke, das mãos do qual passaram ás do Conde de Arundel. Nada mais se sabe da sua historia desde então até á sua descoberta pela rainha Carolina. A serie, que pertence hoje á collecção do Palacio de Windsor, é muito valiosa, e inclue os retratos de Eduardo VI em criança, da rainha Joanna Seimour, de Thomas More, de Anna Boleyn e de muitas outras personagens celebres da Inglaterra do Renascimento.

As vicissitudes dos celebres cartões de Raphael foram muitas e variadas. Destinavam-se a modelos para a manufactura flamenga de uma serie de tapeçarias representando scenas do Novo Testamento e encommendados pelo Papa Leão X. Depois de servirem

para este fim, puseram-nos de lado como já sem préstimo; alguns tinham sido cortados em tiras pelos tecelões para commodidade de trabalho, quan-



PAINEL DO ARCEBISPO, DE NUNO GONÇALVES

(Gravura extrahida da monographia de José de Figueiredo)

do Rubens os viu. Pouco depois foi este a Inglaterra, onde contou o succedido ao rei Carlos I. O infeliz monarca, cujo apreço pelas bellas artes é bem conhecido, immediatamente os

mandou procurar, mas por má sorte já era tarde para os salvar a todos. Só sete estavam ainda em bom estado,



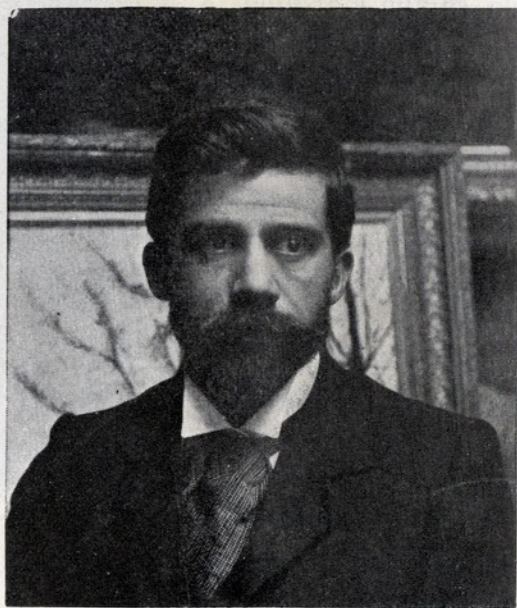
JOSÉ DE FIGUEIREDO

e os outros destruídos á excepção de raros fragmentos abandonados no chão da officina. Após a morte do rei os cartões teriam saído de Inglaterra se não fôra a intervenção de Cromwell que ordenou a sua compra por occasião da venda da collecção real, e hoje estão numa galeria especial no Museu de South Kensington.

As tapeçarias que foram feitas em prata e ouro segundo estes cartões, conservaram-se no Vaticano até que as tropas de Napoleão as levaram em 1798. Passados alguns annos descobriram-nos em posse de um Judeu em Paris, que queimára já duas das peças para lhes tirar o ouro e a prata que continham. Foram compradas pelo Papa, e estão hoje novamente no Vaticano.

De depredação violenta é um exemplo curioso a succedida com o retrato da Condessa de Derby, pintado por Reynolds. Esta tela foi destruída num accesso de raiva pelo marido da Condessa, depois do seu divorcio.

Em questões de incuria e desleixo pelas cousas de arte é porém o nosso país fertilissimo. Citemos tão sómente esse recente exemplo dos maravilhosos quadros de Nuno Gonçalves, que graças aos senhores Joaquim de Vasconcellos, José de Figueiredo, Conde dos Oliveas e Luciano Freire, podemos actualmente admirar na sua antiga, fresca e viva belleza. A notavel monographia de José de Figueiredo sobre o grande artista portuguez, permittemos contar a historia dos seus paineis. Pintados no reinado de D. Affonso V, foram mandados arranjar pelo Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, que entre os annos de 1540 e 1564 mandou restaurar o respectivo altar. Esses primeiros restauros foram feitos por pessoa ainda educada na chamada escola primitiva, e nelles não tocou Luciano

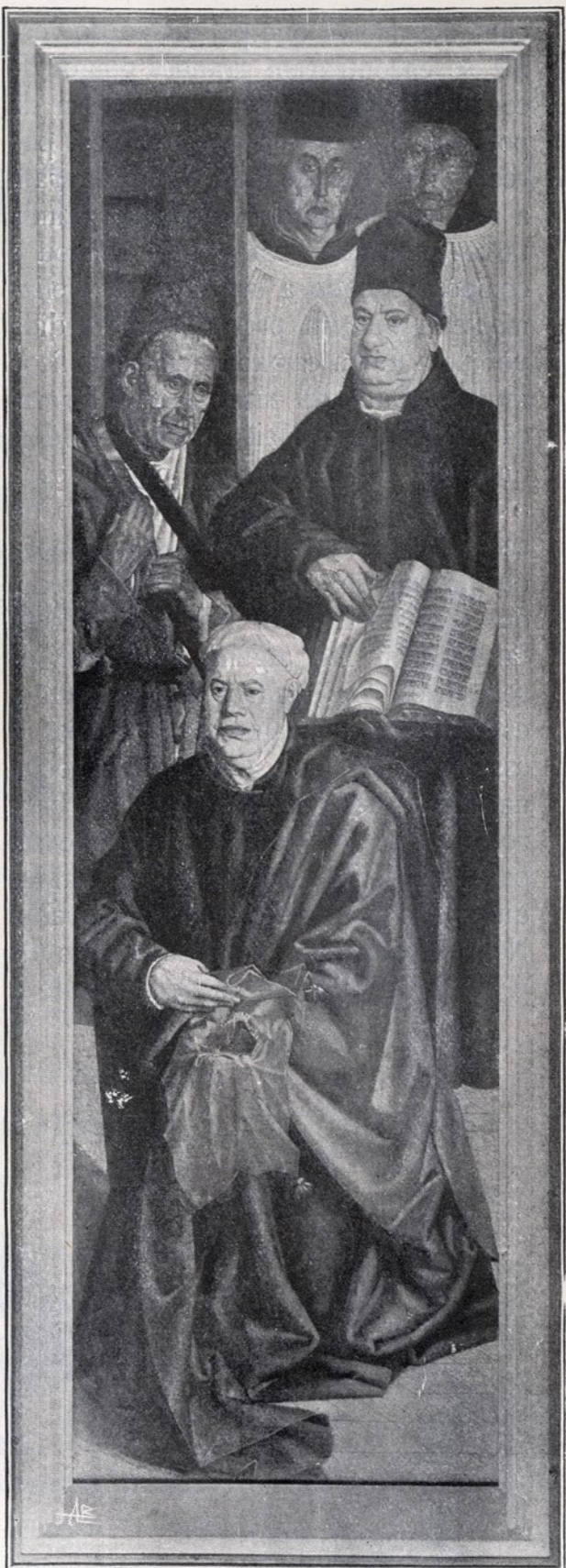


LUCIANO FREIRE

Freire. Mais tarde, sem lhes fazerem a menor limpeza, deram-lhes um verniz grosso cõr de alcatrão, e tão des-



PAINEL DOS FRADES, DE NUNO GONÇALVES  
(Gravuras extrahidas do livro «O Pintor Nuno Gonçalves», por José de Figueiredo)



PAINEL DA RELIQUIA, DE NUNO GONÇALVES  
(Gravuras extrahidas do livro «O Pintor Nuno Gonçalves», por José de Figueiredo)



cuidadosamente que por baixo do verniz se encontraram grandes pingos de cêra. Este verniz escureceu no fim de pouco tempo, devendo os quadros parecêr horriveis quando os entregaram a nôvo e desastrado restauradôr (ainda talvez no seculo xvii), que emendou e compôs segundo a sua fantasia. Felizmente a pintura primitiva, defendida por uma dupla camada de verniz, ficou intacta. Data de então a transformação das quatro meias portas em dois quadros, não voltando os paineis para o altar de S. Vicente. Do começo do seculo xix data o ultimo restauro, «obra de um curioso, diz José de Figueiredo, que, nas pinturas de Nuno Gonçalves, talvez sem fito algum, entreteve os seus ocios. Os quadros deviam, então, estar completamente abandonados. E esse desoccupado caiadôr, de brocha na mão, trasfegou das tijellas de barro, de que previamente se rodeára, para a superficie dos paineis, as caldas que, para esse effeito, tinha preparado. Nem sequer teve a preocupação de procurar nivelar os espaços d'onde a

tinta se despegára. Pintou de um extremo a outro, brochando as partes cheias e as partes vazias, com o mesmo calôr e enthusiasmo.»

Depois d'isto a obra de Nuno Gonçalves foi completamente abandonada. Na primavera de 1882, Columbano e sua irman a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro depararam as taboas numa visita que fizeram ao Paço do Patriarcha: serviam-se d'ellas os operarios que andavam a trabalhar no vasto casarão. Pouco tempo depois estavam numa casa escura do primeiro andar, d'onde monsenhôr Elviro dos Santos os fêz passar aos corredôres. Só em 1895 obtiveram a attenção da critica, escrevendo sobre ellas dois artigos no *Commercio do Porto* o sr. Joaquim de Vasconcellos (27 e 28 de julho). Dez annos mais tarde eram finalmente examinados por José de Figueiredo, a cuja iniciativa se deve o restauro por Luciano Freire, que no-los fez apparecêr com a vida, o frescôr, a intensidade expressiva com que hoje os admiramos.



# A nuvem rôxa

A tarde cai serena, recolhida:  
Na linha arroxada do Ocidente,  
Fita-se o meu olhar, como um doente  
Buscando o fio a uma ilusão perdida.

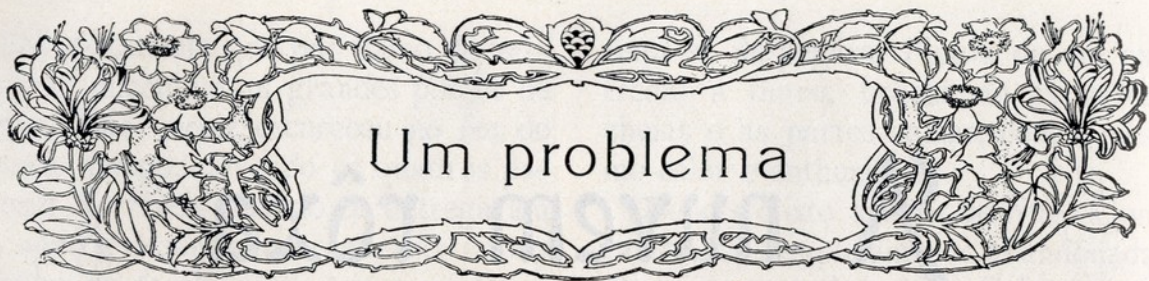
Que é o que me levais, nuvem dormente,  
Ó lágrima de lágrimas tecida,  
Ó nota de tristeza, desferida  
Na cítara doirada do Poente?

Tons vagos de ametista, que pintor  
Vos vai espalhando nessa tela imensa,  
Vos vai fundindo nessa nêgra côr? . . .

. . . E a nuvem se dilue e se condensa,  
Imagem, porventura, duma dôr  
Que se transforme noutra mais intensa

*Maria da Cunha.*





## Um problema

# As inscripções das capellas imperfeitas

EM quatro dos sete cordões que contornam o portico de entrada das Capellas imperfeitas vêem-se insistentemente repetidas, entre emblemas de folhas de hera, certas inscripções enigmáticas em letras góthicas. Que significam essas inscripções?

Foi Frei Luis de Sousa quem primeiro tratou extensamente d'esses «oráculos sibilinos», quando se havia já perdido a tradição do seu significado. Deixou-se convencêr de que se deveriam considerar gregas as inscripções e lerem-se *tanyas erei*. Diriam assim: *buscai, inquiri novas regiões e climas!* Era o Todo-Poderoso incitando D. Manoel: — «porque *tanyas* é accusativo do nome grego *tanya* que é o mesmo que *região*, e *erey* é o imperativo do verbo *ereo*, cuja significação é *buscar, inquirir, investigar*».

Extraordinaria ratice essa, de escrever grego com letras góthicas!

Acima, no topo da portada, ha uma outra inscripção, muito mal legivel, sendo D. Frei Francisco de S. Luis o unico escritôr que reparou nella, lendo *pantes taray* ou *pante taray*; julgou-a tambem grega, differente das dos cordões e respondendo a ellas, sem apresentar hipotese sobre a sua significação.



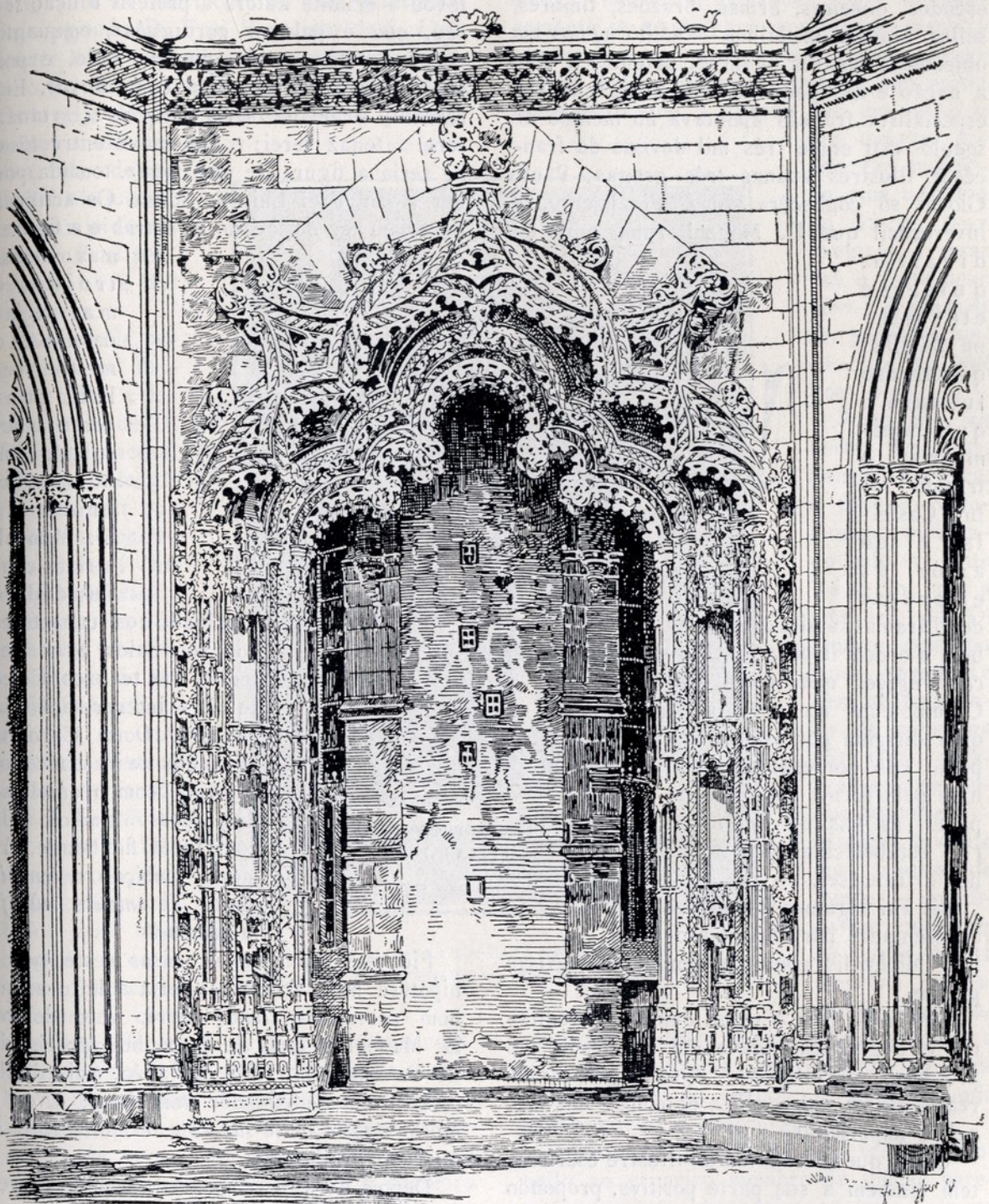
EL-REI D. DUARTE

E assim a lenda das devisas gregas das capellas imperfeitas se transmittiu e conservou. Transmittiu-se e conservou-se até que a illustre e erudita investigadôra, a Ex.<sup>ma</sup> Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a rebateu com muito boas razões, filológicas, esteticas e geraes.

Effectivamente, «na lingua de Homero não existiu nem existe o tal substantivo *tanyas*

ou *tánias*, o imperativo *erey* ou *erei*, comquanto existam, naturalmente, reconhecíveis tanto pelo som como pelo sentido, as duas

crevêr em gótico minúsculo uma devisa grega, em obediência ao desejo estrambótico de espantar o público pelo exotismo da



PORTICO DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

raízes que Frei Luis de Sousa e o seu informadôr tinham em mente»; depois, como diz a sábia editôra de Sá de Miranda, «es-

novidade, seria o cumulo da incoerência, tanto mais que para canteiros analfabetos tão gregos eram e são os caracteres góti-

cos como os hellenicos». Note-se ainda que a redacção de *letras* em grego não era praxe em parte alguma da Europa, nem mesmo em cousas intimas e pessoas, como escudos, cimeiras, armas, brazões, timbres, sellos, sinetes, medalhas. — muito menos em objectos e logares publicos, patentes a toda a nação e destinados a nella actuarem. Um especialista francês apontava no meiado do seculo xvii entre três mil devisas de francezes illustres apenas três gregas; Paolo Giovio só conhecêra duas. Finalmente, é inverosimil que D. Manoel, ramo novo da dinastia, quisesse eternizar na Batalha, que elle não fundára e que rememora o triumpho sobre Castella, o seu amor ás empresas do Ultramar, assim como tambem a ordem imperativa *Buscae regiões*, quer dada pelo Omnipotente ao monarca, quer dirigida por este ao seu povo. não corresponde bem, nem pela forma nem pelo espirito, ás leis da *Emblemeria*, estabelecidas por italianos e francezes.

Eis ahi algumas das razões apresentadas por Dona Carolina Michaëlis contra a lenda das devisas gregas.

Destruida pois a velha opinião, hereditaria e dogmatica, ficava em vez d'ella um problema curiosissimo. Que significavam realmente os «hieroglifos egipcios» das Capellas imperfeitas?

Claro que o trabalho da illustre escritora tem tambem a sua parte positiva, propondo uma hipótese em substituição da antiga. Os canteiros analfabetos da Batalha não teriam percebido bem as explicações que lhes foram dadas pelos mestres d'obras, não copiando a rigór os modelos que lhe foram entregues, — visto não haver lingua europeia em que

dê sentido qualquer das duas variantes com que o distico apparece: *tanyas erey* ou *tanya serey*. Esta ultima variante apparece em 106 circulos, e a primeira em 96, o que levou a erudita autóra a preferir a lição *serey*, que é palavra portugueza, enquanto *erey* não dá sentido, por um lado, e por outro *e rey* não combina com *tanyas*. Em resumo, a devisa seria *tãaz serei* = *tanaz serei* = *tenaz serei*; o que se vê entre *tã* e *az* seria a figura de uma tenaz, tomada por um y por Frei Luis de Sousa. Os artifices deveriam ter destacado as letras e a figura,

mas mal instruidos e mal vigiados pelo mestre velho, porventura occupado em outras fábricas de D. Manoel, teriam confundido e

baralhado os caracteres dos vocabulos e os desenhos das tenazes. Como se vê, a interpretação da Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos combina com o emblema das heras, simbolo da constancia, fidelidade, firmeza, ambição e *tenacidade*. *Je meus où je m'attache!*

Ficavam portanto as coisas neste pé: a hipótese mais accetavel seria a leitura, em bom portuguez, *tenaz serei*, voto do rei D. Manoel, o qual de resto bem precisaria de se estimular com tal idéa, pois d'elle dissera um embaixadôr veneziano: «*Non è molto stabile nelle sue cose, e molte volte si muta di proposito.*»

Depois do apparecimento d'esta interpretação veio a lume uma Memoria do sr. general Brito Rebello sobre o assumpto. Por um documento nella inserto se prova têr sido devisa de D. Duarte um ramo de hera com o mote *tan que seray*. Os letreiros da Batalha seriam relativos pois, não á pessoa



AS INSCRIÇÕES DAS  
CAPELLAS IMPER-  
FEITAS

do rei venturoso, mas á de seu avô, e os canteiros teriam errado, não pela má collocação de uma figura emblematica, mas pela confusão do grupo *que* com o grupo *ya*.

Quanto ás inscrições do alto (*pantes taray* segundo D. Frei Francisco de S. Luis, *leaute taray* segundo um apontamento obtido pelo sr. Brito Rebello na livraria da casa Cadaval), deveria constituir uma primeira parte, ainda inédita, da devisa do rei eloquente, corrompida de *leauté ferai* pela ignorancia dos canteiros.

Assim pois, segundo o sr. Brito Rebello, a devisa seria de D. Duarte, francêsa, e lêr-se-ia *leauté j'aurai tant que serai*, ou *conservar-me-ei leal emquanto existir*.

Surge após esta uma terceira opinião, a do sr. major Santos Ferreira, na sua interessantissima monographia sobre *A Tenção de D. Duarte*. Devisa, tenção, emprêza, são vocábulos que mais ou menos se equivalem, mas cujas diferenças convêm estabelecer. A devisa, para ser completa, deve compôr-se de uma figura symbolica e de um mote: a primeira é o *corpo*, a segunda a *alma* da devisa. O corpo representa um termo de comparação com um sentimento humano, e a alma é a sentença que a explica. Na figura não deveria ser representado o homem «porque seria comparar o homem comsigo mesmo», o tomar o corpo humano como simbolo.

Havia devisas de familia e devisas pesoes: estas ultimas chamavam-se *emprêzas*.

Se exprimirmos agora numa frase o pensamento que o conjunto da figura e do mote representam, teremos a *tenção*.

As palavras da tenção correspondentes ao simbolo não eram expressas, antes cuidadosamente se mantinham secretas, de maneira que será sempre arriscado o querêr chegar a uma leitura definitiva quando não exista documento que a revele. De um principe

que tomasse por emprêza uma pêga com uma fita no bico, por exemplo, e nessa fita o mote *pour bien*, diriamos ser provavel tenção: *Je dis tout pour bien*.

Posto isto, «é certo, diz o sr. Santos Ferreira, e prova-o o documento publicado pelo sr. Brito Rebello, que a emprêza de D. Duarte consistia num ramo de hera acompanhado do mote *tan que serai*, palavras que na lingua provençal — idioma favorito dos arautos do tempo — significavam *emquanto eu existir*. A esta emprêza correspondia uma tenção,

cujo primeiro membro devia traduzir a idéa de constancia, perseverança ou amidade contida no simbolo, e cujo segundo membro seria o proprio mote».

«A interpretação dada pelo sr. Brito Rebello ao primeiro membro da tenção pareceria portanto verdadeira ou mais proxima da verdade, se algumas das formas *leauté ferai* ou *leauté j'aurai* — fosse provável ou sequer admissivel: para que o fosse, seria necessario provar a existencia de *leauté* no provençal ou no francês antigo, idiomas em



JANELLA DA CASA DE VIZEU  
ONDE, SEGUNDO A TRADIÇÃO, NASCEU EL-REI D. DUARTE

que jamais se encontra tal vocábulo, e explicar verosimilmente a leitura *ferai* ou *j'aurai* onde apenas se encontra *taray*. O recurso ao analfabetismo ou á impericia dos canteiros, não pode constituir, por si só, argumento de valór para demonstrar alterações tão sensíveis.»

Analisemos o caso da Batalha. «A ornamentação do pórtico das Capellas imperfeitas é exclusivamente composta de ramos de hera florida, cujos caules se enleiam e abraçam, centenaes de vézes, em forma de nó duplo, d'aquella feição particular a que os arautos de França chamavam *lacs d'amour*. E' exactamente nos dois espaços circulares comprehendidos em cada um d'estes laços que se vêem as duzentas e quatro legendas que parecem correspondêr ás três do alto do pórtico, tambem inclusas em laços semelhantes áquelles, mas notavelmente maiores.»

Ora, a forma do ornato suggere a idéa de fidelidade *conjugal*, expressa na insistente associação do duplo nó com a rama-gem de hera: idéa reforçada pela circumstancia de têr sido destinado o recinto a jazigo do rei e da rainha. Assim concluiu o sr. Santos Ferreira que a emprêza das Ca-

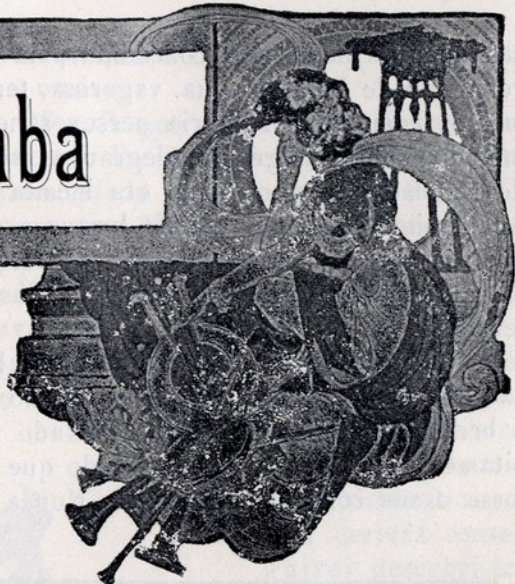
pellas não tem uma significação geral, mas restricta, não affirmando em absoluto a idéa de fidelidade, mas sim uma promessa de amor constante até á morte. E tanto assim, que as três inscripções do alto, *leaute taray*, ou antes *leaute s taray* (se attendermos ao esguio *s* que se encontra no segmento determinado pela intersecção das duas curvas) dizem claramente em bom provençal: *Leau te starai* = leal te serei!

A tal promessa responderiam, segundo esta interpretação, as legendas inferiôres, dizendo: *Tau jaserei* = tal jaserei = assim jazerei. O debuxador manuelino teria tão sómente tomado o *u* de *Tau* por um *n*, substituindo-o por isso pelo til: *tã*, alterando assim o segundo membro da tenção que o velho e já obliterado plano lhe offerecia.

*Leal te serei, assim jazerei*: lembrem-se agora das Capellas imperfeitas, d'essa promessa lá do alto, recatada e profunda como a alma do infeliz rei, promessa a que respondem as confirmações entrelaçadas em que sôa não sei quê d'eterno, — e digam-nos se não se evola d'esta discussão erudita um sentimento muito bello, e poetico, — e libertadór da fantasia em sonhos indefinidos!



# A nova catacumba



— Olhe, Burger, disse Kennedy, quero que confie em mim.

Os dois famosos pesquisadores de antiguidades romanas estavam reunidos no confortavel aposento, dando para o Corso, que Kennedy habitava. Era uma noite fria, e porisso tinham ambos puxado as cadeiras para o pouco satisfatório fogão italiano, que espalhava um bafo levemente mórno.

Fóra, sob as nitidas estrellas d'inverno, jazia a moderna Roma, e via-se uma longa e dupla fiada de lampadas electricas, os cafés illuminados, e o ruido da densa multidão sobre os passeios, a que se misturava o rodar das carruagens. Mas dentro, no sumptuoso aposento do rico e joven archeólogo inglês, só a imagem da antiga Roma se alevantava. Desappareciam as paredes sob os frisos carcomidos, e dos cantos salientavam-se velhos bustos de senadores e de soldados, escurecidos e gastos, cabeças bravias de faces rudes e crueis. Sobre a mesa central, entre um montão de inscrições e ornamentos, via-se a famosa reconstituição das Thermas de Caracalla por Kennedy, que tanto interesse e admiração despertára quando fóra exposta em Berlim.

Pendiam anforas do tecto e um montão de curiosidades se espalhava sobre o vermelho tapete turco. E em tudo aquillo não havia peça que não fosse da mais rigorosa authenticidade e extremamente rara e valiosa; porque Kennedy, apesar de contar pouco mais de trinta annos, tinha já uma reputação europeia neste ramo particular de investigações. Por felicidade era possuidôr de uma bôa fortuna, o que, quando não é uma origem de distracção fatal aos estudiosos, dá aos persistentes uma vantagem enormissima na carreira do successo. Fóra por vezes arrastado dos seus estudos pelas

distracções mundanas, mas o seu espirito incisivo era capaz de longos e concentrados esforços, que acabavam em repentinas reacções de preguiça sensual. Aquella bella fisionomia, de testa alta e branca, nariz aggressivo e bôca lasciva e froixa, retratava o compromisso de energia e de fraqueza que era o seu temperamento.

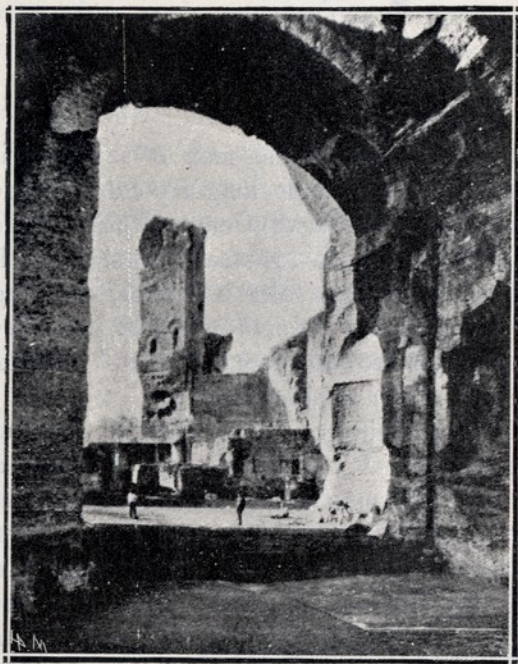
O companheiro, Julio Burger, era um tipo diverso. Provinha da curiosa união de um pae allemão e de uma mãe italiana, com as solidas qualidades do Norte estranhamente combinadas ás doces graças do Sul. Luziam-lhe na face requeimada uns olhos azues teutonicos, sobre que se levantava uma testa quadrada e compacta, franjada de loiros e apertados caracões. Usava completamente barbeada a cara forte e firme, e o seu companheiro notara frequentes vezes quanto ella suggeria aquelles velhos bustos romanos que espreitavam das sombras dos cantos do seu quarto. Sob a massiça força alleman havia sempre a revelação da subtileza italiana, mas o sorriso era tão honesto, os olhos tão francos, que se percebia não têr peso no seu character essa revelação da sua origem.

Em idade e reputação estava ao nivel do seu companheiro inglês, mas tanto a vida como os estudos lhe haviam corrido bem mais difficeis. Dôze annos atrás chegára pobre estudante a Roma, e desde então vivera de uma pequena pensão para pesqui-



zas que lhe havia sido concedida pela universidade de Bonn. Ardua, vagorosa, tenazmente, com extraordinaria perseverança e método, subira degrau a degrau a escada do renome, até agora que era membro da Academia Berlinese, e tudo levava a crêr que em breve seria nomeado cathedrático em alguma das primeiras universidades allemans.

A unidade de propositos e a especialização que o tinham subido á craveira do rico e brilhante inglês, tinham-no deixado infinitamente inferior a este em tudo que não fosse a sua commum occupação. Nunca en-



AS THERMAS DE CARACALLA

contrára um intervallo nos seus estudos que lhe permitisse cultivar os dotes sociaes; só quando falava no seu ramo exclusivo de saber se lhe illuminava a face com vida e alma, mantendo-se afóra isso silencioso e embaraçado, cõscio da sua limitação em outros campos, impaciente pela conversação banal que é o refugio costumado dos que não teem pensamentos a exprimir. Contudo, apesar desses contrastes, por alguns annos se prolongára entre os dois tão differentes rivaes uma convivência que parecia ir-se pouco a pouco tornando em verdadeira amizade. A base e a origem d'essa convivência estavam no facto de que cada um era o

unico pesquisadôr da sua idade com enthusiasmo e saber sufficientes para poder com justiça apreciar o outro. Eguaes interesses, identicas occupações os haviam approximado, ambos seduzidos pela erudição do collega. E então gradualmente uma maior attracção sobreviera. A Kennedy interessava-o a singularidade e franqueza do rival, enquanto Burger se deixava fascinar pelo brilhantismo de maneiras, pela vivacidade, pela qual Kennedy fôra tão apreciado da sociedade romana. Fôra; fôra, — porque justamente agora estava um tanto em desfavor, desde que certa aventura amorosa o mostrára sob um aspecto de cinismo que lhe cerceára sympathias. Mas no circulo de artistas e estudiosos que elle preferia frequentar não domina um codigo muito severo para taes casos, e afóra um ou outro gesto de reprovação, o sentimento geral é mais de curiosidade, e quem sabe se de inveja,

— Pois olhe, Burger, disse Kennedy fixando a face placida do companheiro, quero que confie em mim.

E falando apontava na direcção de um cesto de verga leve abarrotado de um montão de objectos variadissimos, — adobes, fragmentos de inscrições, mosaicos partidos, papyros rôtos, ornamentos metallicos enferrujados, coisas que aos não iniciados pareceriam têr vindo directamente de um ferro velho, mas que um especialista reconheceria logo como preciosissimas no seu género. Estava ali um dos elos da evolução social que de tanto interesse são para os estudiosos. Fôra o allemão que os trouxera, e os olhos do inglês devoravam-nos aguçadamente.

— Não me quero metter no seu achado precioso, mas estimaria deveras ouvir alguma coisa a tal respeito, — continuou elle, enquanto Burger socegadamente accendia um cigarro. — E' certamente uma descoberta da maior importancia. Vão dar brado na Europa estas inscrições.

— Pois ainda por cada uma destas tenho eu lá um milhão! São tantas, que uma duzia de sabios poderia gastar com ellas a vida inteira, e assentar uma reputação tão sólida como o castello de Sant'Angelo!

Pensativo, Kennedy enrugava a testa, remexendo com os dedos o bigode loiro.

— Você trahiu-se, Burger, disse por fim.

As suas palavras só podem significar uma coisa: o meu amigo descobriu uma nova catacumba.

— Já calculava que chegaria a essa conclusão examinando estes objectos.

— Sim; certamente pareciam indicá-lo, mas as suas ultimas palavras tornam-no certo. Só uma catacumba poderia conter tantas riquezas como diz.

— Nem menos. Não ha misterio sobre esse ponto. Sim, senhór: descobri uma nova catacumba.

— E onde?

— Oh! mas isso é o meu segredo, caro Kennedy. Só lhe digo que está de tal maneira situada que se torna impossivel seja a quem fôr descobri-la. A sua época é diferente da de qualquer catacumba conhecida; era reservada para os cadaveres dos christãos mais importantes, de forma que os objectos são unicos na especie, diversos de todos os outros. Se não conhecesse o seu saber e a sua força, meu caro, não hasitaria em o pôr ao facto, sob condição de segredo absoluto, claro está. Mas assim,

julgo necessario apresentar primeiro a minha memoria sobre o assumpto, antes de me entregar a tão formidavel competidór.

Kennedy tinha pelo genero de trabalhos a que se de dedicára um apêgo e um entusiasmo de maniaco, e um amór que o fazia conservar-se fiel ao estudo no meio de todos os atractivos que o seduziam. Era certamente ambicioso, mas a ambição era secundaria ao pé da sua paixão desinteressada da vida e da cidade antiga, e sentia uma curiosidade enorme, anciosa, pela

descoberta que o companheiro lhe acabava de annunciar.

— Olhe, Burger, disse elle insistentemente, asseguro-lhe que pode confiar plenamente em mim. Nada neste mundo me levaria a escrever uma linha que fôsse sobre o assumpto sem sua permissão expressa; asseguro-lh'o. Comprehando em absoluto a sua reserva, què é naturalissima, mas na verdade não tem nada a reccar de mim. Por outro lado, se continuar nessa attitude po-

derei eu encetar investigações aturadas e systematicas, e com certeza conseguirei descobri-la. E' claro que então faria da descoberta o uso que me aprouvesse, desde que me não sentisse obrigado para comsigo.

Burger sorriu, pensativo, entre duas fumaças.

— Já tive occasião de notar, amigo Kennedy, que quando preciso de uma informação não é tão prompto em m'a fornecêr...

— Ora essa! Quando me perguntou qualquer coisa que lhe eu não dissesse? Lembrese, por exemplo, quando lhe facultei elementos para a sua memoria so-

bre o templo das Vestaes...

— Ah, sim, mas isso não era assumpto de muita importancia... Se eu o interrogasse sobre qualquer coisa intima, supponhamos, que responderia você? Não desgostava de o sabêr. Bem comprehende que este caso da catacumba é para mim coisa muito intima, e era natural esperar tambem da sua parte qualquer prova de confiança.

— Não adivinho bem a que allude, mas se quer dizêr com isso que me responderá sobre a catacumba se eu respondêr a qual-



ESTAVA ALI UM DOS ELOS DA EVOLUÇÃO SOCIAL...

quer pergunta sua, assevero-lhe que o farei.

— Pois bem, então — disse Bruger recostando-se na poltrona e atirando o fumo azul do cigarro — então... conte-me o que ha sobre as suas relações com miss Mary Saunderson...

Kennedy contrahiui-se bruscamente e olhou carrancudo para o impassivel companheiro.

— Mas que significa isso? Que brincadeira é essa? Não lhe vejo que graça encontre...

— Não, não é graça; fazem-me realmente curiosidade os pormenores d'essa historia. Pouco conheço do mundo, da mulher, da vida de sociedade: já vê que um incidente d'esses tem para mim toda a fascinação do desconhecido. Conheço-o a si, conheci-a de vista a ella, — falei-lhe mesmo duas ou três vêzes. Interessar-me-ia sabêr da sua bôca o que se passou entre os dois...

— Mas não saberá, certamente.

— MUITISSIMO bem. Já vê que tenho razão. Foi apenas um capricho para vêr se me contava os seus segredos com a facilidade com que esperava que eu lhe contasse os meus: não o fez nem eu julguei que o fizesse. E adeus. Estão dando as dez no relogio de S. Joaquim; vou andando que são horas.

— Não vá já, espere um momento, Burger. Realmente é um capricho ridiculo da sua parte querer sabêr uma velha historia de amôres que está sepulta ha tantos mêzes. Como sabe, costumamos considerar uma vilania contar cousas d'essas.

— Sem duvida, retrucou o outro reunindo as suas antiguidades: sem duvida, quando se trata de uma mulher desconhecida; mas este caso foi sabido e discutido por todos em Roma: não faria damno algum a miss Mary falando do seu caso commigo. Mas respeito os seus escrúpulos e portanto — boas noites!

— Espere um pouco, Burger; não largarei tão facilmente a historia da catacumba. Peça-me outra cousa qualquer, menos excêntrica d'esta vez.

— Não, não: recusou, acabou-se. Indubitavelmente tem razão, indubitavelmente eu a tenho tambem, e portanto, meu caro Kennedy, — boas noites!

O inglês seguiu Burger com o olhar enquanto este atravessava o quarto, e quando

o viu com a mão no fecho da porta correu para elle como quem se resolve ao ultimo recurso.

— Espere ahi, homem. Acho que está procedendo da maneira mais ridicula, mas se insiste a tal ponto na sua exigencia, estou a vêr que tenho de me sujeitar a ella. Detesto falar de uma mulher, mas visto que realmente tudo se soube e discutiu, nada terei de lhe dizêr que você não saiba já. Que quer pois que lhe eu conte?

Burger voltou para o fogão e sentou-se de novo na cadeira de braços.

— Posso fumar outro cigarro? perguntou. Obrigadissimo. Nunca fumo quando trabalho, mas gôso muito mais a palestra quando estou sob a influencia do tabaco. E agora sobre a menina da sua aventura: que foi feito d'ella?

— Está com a familia.

— Como? Em Inglaterra?

— Sim.

— Que sitio d'Inglaterra? Londres?

— Não, Twickenham.

— Perdôe a curiosidade, caso Kennedy; deve attribui-la á minha ignorancia do mundo. Decerto é cousa simplicissima persuadir uma menina a fugir comosco, tê-la durante três semanas, e depois entregá-la á familia em... como lhe chamou?

— Twickenham.

— Perfeitamente, em Twickenham; mas está tudo tão fóra da minha experiencia que nem posso imaginar como você fez isso. Por exemplo, se tivesse gostado da rapariga o seu amôr não acabaria em três semanas; supponho portanto que a não amava. Mas se a não amava porquê esse escandalo em que se collocou mal e a perdeu a ella?

Kennedy olhou mal humorado para o fogão:

— Sim, é essa uma maneira logica de encarar o caso, certamente. O amôr é uma palavra que engloba varias especies de sentimento... Gostava d'ella... você disse tê-la visto, sabe que era gentil... mas olhando agora para o passado confesso que nunca poderia tê-la amado realmente.

— Então porque a arrastou?

— Ora, a aventura, a novidade...

— Pois gosta assim d'aventuras?

— E onde estaria a novidade, a variedade na vida sem ellas? Foi por amôr da

aventura que comecei a fazer-lhe a côrte. Tenho caçado bellas peças, meu amigo: pois garanto-lhe que não ha caça comparavel á de uma mulher bonita. Havia a difficuldade a acirrar-me, porque como acompanhava Lady Emily Rood tornava-se quasi impossivel vê-la só. Acima de todos os outros obstaculos que me estimulavam soube da própria bôca d'ella logo a principio que estava noiva.

— Mein Gott! e de quem?

— Não pronuncio'u nomes.

— E' ignorado esse pormenor, segundo creio. E isso então tornava a aventura mais tentadô-ra, não é assim?

— Decerto; não lhe parece?

— Já lhe confessei que sou completamente leigo na materia.

— A maçan que nos cae da arvore do visinho é sempre mais dôce do que a que nos vem da nossa. Depois, percebi que ella gostava de mim.

— Pois quê, logo?

— Logo não; durante três mēses tive de fazer trabalhos de sapa. Por fim consegui. Comprehedia que a separação judicial com minha mulher me não permittia regularizar a nossa situação; mas sempre veio, finalmente, e foi um bello tempo o que se seguiu...

— Mas...

Kennedy encolheu os hombros:

— Supponho que seja a sobrevivência do mais apto. Fôsse o outro melhor e não o teria ella deixado... — E ponhamos ponto no assumpto, não lhe parece?

— Mais uma coisa só: como se livrou d'ella em três semanas?

— Ora, tinhamos arrefecido. Recusou-se terminantemente a voltar, a apresentar-se diante da gente que tinha conhecido em



RECUSOU-SE TERMINAMENTE A VOLTAR...

Roma... Você sabe que Roma me é indispensavel a mim; estava morto por recommençar os meus trabalhos. Ahi tem uma razão obvia para a nossa separação. Por outro lado o pae appareceu-nos no hotel em Lon-

dres, scenas, tudo se tornou tão maçadôr que apesar de me têr custado a principio fiquei bem satisfeito de me vêr livre. Eis tudo. Espero agora que não repetirá uma palavra...

— Nem por sombras, meu caro. Esteja segurissimo. Mas interessou-me extraordinariamente a sua historia. Dá-me uma idéa da sua maneira de encarar as coisas, tão differente da minha que tão pouco conheço o mundo. E agora quer sabêr da catacumba, não é verdade? De nada valeria fazêr-lhe descrições, nem assim a encontraria. Prefere certamente que o leve lá.

— Isso seria esplêndido!

— Quando pois?

— O mais breve possivel...

— Bem, temos uma noite linda. Poderiamos estar lá dentro d'uma hora. Toda a cautela é pouca; necessitamos do máximo cuidado para que ninguem saiba. Se nos vissem por ali aos dois poderiam suspeitar de qualquer cousa.

— Decerto, decerto. E é longe?

— Uns kilómetros

— Pode-se ir a pé?

— Com a maior facilidade

— Então vamos. Um cocheiro poderia suspeitar se nos deixasse em logar solitário pela calada da noite.

— Certamente. Parece-me melhor encontrar-nos nas portas da Via Appia á meia-noite. Tenho de voltar ao meu quarto a buscar coisas necessarias, velas, fosforos...

Muito bem, Burger. Estou-lhe gratissimo por me confiar o seu segredo, e creia que não escreverei uma linha do assumpto antes da publicação do seu relatorio. Até já. Encontrar-nos-emos nas portas á meia-noite.

O ar, frio e vivo, estava todo vibrante dos relgios das torres quando Burger saiu envolto na sua capa italiana e com uma lanterna na mão. Kennedy saiu da sombra ao seu encontro.

— E' tão fervoroso no trabalho como no amôr, disse rindo o Alemão.

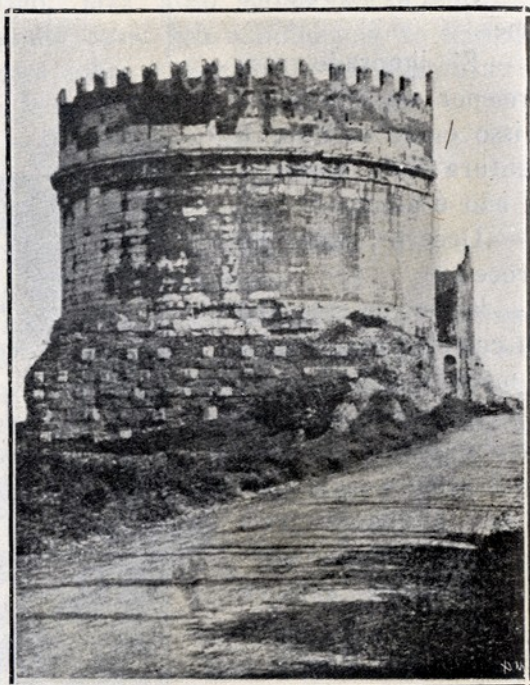
— Sim, estou esperando aqui ha meia-hora.

— Cuido que não teria deixado indicios do sitio aonde vamos.

— Com certeza. Mil diabos! estou gelado

até aos ossos. Vamos lá, Burger, aqueçamos com uma marcha lésta.

Os passos dos dois soavam sonoros e cadenciados no aspero calcetamento desse caminho que é tudo que hoje resta da mais célebre estrada do mundo. Só encontravam algum carro de campo, um ou outro camponês que recolhia. Foram seguindo ladeados pelos imensos tumulos que a noite engrandecia, até chegarem ás catacumbas de São Calixto e verem fronteiro, projectado sobre a lua que nascia, o bastião circular de Cecilia Metella. Então Burger parou, levando a mão ao peito.



O BASTIÃO CIRCULAR DE CECILIA METELLA

— As suas passadas são mais compridas que as minhas, e está mais habituado a andar do que eu, disse sorrindo. Deve sêr por aqui o logar que procuramos. Deixe-me vêr. Exactamente, eis a esquina da *trattoria*. Como a vereda é muito estreita é melhor ir eu á frente e o amigo seguir-me.

Accendêra a lanterna, e puderam caminhar por um trilho apertado e desviado que serpenteava pelos pântanos da *Campagna*. O grande aqueducto da velha Roma parecia na paisagem luarenta uma lagarta monstruosa; o atalho levava-os para debaixo de um dos arcos, adiante do circulo de pedras

desmornadas que marcam a velha arena. Por fim, Burger parou junto de uma estrebaria abandonada e tirou uma chave da algibeira.

— Então a catacumba é dentro d'uma casa? exclamou Kennedy.

— A entrada é. Está justamente nisso a garantia de que ninguém mais a descobrirá.

— E o proprietario, sabe?

— Nem suspeita. Encontrou umas *bugi-gangas* velhas que me deram quasi a certeza de que o casebre fôra construido na entrada de uma catacumba. Por isso arrendei-lh'a e fiz eu mesmo as escavações. Ora entre, e feche a porta.

Era uma construcção comprida, vasia, com uma das paredes guarnecida de mandeiras de vaccas. Burger pousou a lanterna no chão e tapou-a com a sua capa, de maneira a deixar uma só face a descoberto.

— Poderia excitar a curiosidade uma luz aqui dentro nesta solidão, disse elle. Faça favor de me ajudar a tirar esta táboa.

O sobrado estava solto n'um canto, e foram levantando táboas e encostando-as á parede. Por baixo via-se uma abertura quadrada e negra, com uma gasta escada de pedra que conduzia ao interiôr subterrâneo.

— Tome cuidado, avisou Burger emquanto Kennedy a descia. E' uma toca de tal ordem que se se perdesse lá em baixo, ha cem probabilidades contra uma de que não voltaria mais. Espere até que eu traga a luz.

— Como se arranja então, se é assim tão complicada?

— Vi-me embaraçado várias vezes a principio, mas aprendi gradualmente a orientar-me. Ha um sistema, mas ás escuras ninguem conseguiria sair d'aqui. Mesmo agora vou sempre desenrolando um novêlo de fio á medida que me vou internando pela catacumba. Poderá vêr por si como é difficil: cada um d'esses corredôres divide-se e subdivide-se dez vezes antes que se adiantem uns oitenta metros!

Tinham descido uma meia duzia de metros, e achavam-se agora num compartimento quadrado excavado na terra. A lanterna projectava um clarão bruxoleante, mais tenue para cima que para baixo, sobre as paredes fendidas. Em todas as direcções se excavavam, negros, os corredôres que partiam d'esse centro commum.

— Siga-me de perto, recommendou Burger; não se detenha a olhar para o que encontra no caminho; o sitio aonde o levo contém tudo isso e muito mais. Poupa-se tempo indo lá directamente.

La a direito por um dos corredôres e o inglês seguia-o de perto. De vez em quando o corredôr bifurcava-se, mas Burger, que parecia seguir um roteiro secreto, não parava nem hesitava. Por todos os lados, ao longo da parêde, dispostos como os beliches de um vapor de emigrantes, jaziam os christãos da velha Roma. A luz amarellada perpassava sobre as faces enrugadas dos cadáveres resequidos, sobre a alvura dos crâneos, sobre os ossos dos braços que se encruzavam sobre thoraxes descarnados. E Kennedy ia olhando rapidamente para as inscrições, vasos funebres, pinturas, vestes, utensilios, tudo arrumado por mãos piedosas tantos seculos atrás. Esses apressados olhares lhe bastavam para o convencêr de que era esta a mais antiga e mais interessante das catacumbas, contendo uma tal collecção de reliquias romanas como nunca até ahi tinham vindo á observação de um estudiôso.

— E se se apagasse a luz? perguntou emquanto avançavam.

— Tenho uma véla de sobresalente e fosforos na algibeira. A proposito, Kennedy, traz fosforos?

— Não; dê-me você alguns.

— Não ha perigo de nos separarmos. Vamos andando.

— Aonde vamos nós têr? Parece-me havermos já andado uns bons quinhentos metros.

— Mais do que isso talvez. Eu não conheço limite aos tumulos. Aqui estamos agora num lugar perigôso: vou recorrer ao novêlo de cordel.

Atou uma das pontas a uma pedra saliente e metteu o novêlo numa algibeira do casaco, desenrolando-o á medida que avançavam. Kennedy percebeu que não era desnecessária a precaução: os corredôres tornavam-se mais do que nunca complicados e tortuosos, numa verdadeira rede de passagens encruzadas. Finalmente chegaram a um grande recinto circular onde em frente se via um pedestal de tufo encimado por uma lagea de mármore.

— Per Jove! gritou Kennedy em êxtase

emquanto Burger levantava a lanterna sobre o mármore. E' um altar christão: provavelmente o primeiro que existiu. Aqui está a cruzinha da consagração entalhada num canto. Sem duvida este espaço circular servia de igreja.

— Exactamente. Se tivesse mais tempo mostrar-lhe-ia os cadáveres, guardados nestes nichos das paredes, pois são os dos primeiros bispos da Igreja, com as suas mitras, baculos e paramentos completos. Vá ali de frente e veja!

Kennedy atravessou e pôs-se a contemplar admirado a lívida cabeça, já bem á larga na mitra esfarpada e bolorenta.

— E' interessantissimo! disse, — e a sua voz reboava na concavidade da abóbada. E' unico isto, a julgar pelo que eu sei. Traga-me cá a lanterna, Burger, quero vê-los a todos.

Mas o allemão tinha-se afastado e estava agora em pé no meio de um circulo de luz num extremo oposto da sala.

— Sabe quantos corredôres ha entre esta sala e a escada? Para cima de dois mil. Sem duvida eram um dos meios de protecção que os christãos adoptavam. A probabilidade de se sahir d'aqui, mesmo com luz, seria de um contra dois mil; mas ás escuras seria muito menor ainda.

— Decerto, como diz.

— E a escuridão é um horrôr. Experimentei um dia para calcular. Ora quer vêr o meu amigo?

Abaixou-se para a lanterna, e num instante pareceu a Kennedy como se uma mão invisivel lhe premisse fortemente os olhos. Nunca experimentára semelhante escuridão; parecia carregar sobre elle e esmagá-lo. Era como um obstáculo sólido diante do qual o seu corpo succumbia e se recusava

a avançar. Estendeu as mãos como para a afastar de si.

— Está bem, basta, Burger; accenda a luz outra vez.

Mas o companheiro começou a rir, e na sala circular o som parecia vir de todos os lados a um tempo.

— Parece perturbado, amigo Kennedy!

— Vamos, homem, accenda essa luz, disse este impacientemente.

— E' extraordinario: seria incapaz de dizêr pelo som em que direcção o meu amigo está; e você, poderia dizêr onde eu estou?

— Não, parece-me que está para todos os lados em redôr de mim.

— Se não fosse este fio que tenho na mão não faria idéa do caminho a seguir.

— Creio bem que não. Accenda a luz, homem, acabe com isto.

— Ouça, Kennedy; ha duas coisas que eu percebi que você muito aprecia. Uma é a aventura, a outra um obstáculo a vencêr. A aventura pode muito bem sêr achar o caminho nesta catacumba.

O obstáculo, a escuridão e os dois mil meandros que dão a sua pequena dificuldade ao problema. Mas não precisa de se apressar, porque tem tempo de sobejo; e quando lá de vêz em vêz quisesse descansar, gostaria que pensasse um pouco em Miss Mary Saunderson, e se sempre afinal a tratou como devia.

— Com mil demonios! Que quer você dizêr? rugiu Kennedy, circuitando na escuridão que ia tentando com as mãos ambas.

— Bôa noite, disse a voz escarninha já mais distante. Não me parece, realmente, mesmo depois da sua explicação, que você se portasse como devia com a rapariga. Houve só uma circumstancia que me pare-



A VIA APPIA

ceu desconhecêr, e de que eu posso esclarecê-lo. Miss Saunderson era noiva de um pobre diabo de estudante que se chamava Julius Burger.

Onviu-se um sussurro algures, o vago som de um pé batendo uma pedra, e depois um silencio absoluto na velha igreja christã, — um silencio pesado e estagnante, que envolveu Kennedy e o submergiu como a agua a um naufrago.

Dois mêses depois corria a seguinte noticia pela imprensa europeia :

«Fez-se ha pouco uma das mais interessantes descobertas dos ultimos annos: referimo-nos á nova catacumba de Roma, situada um pouco a léste das conhecidas grutas de S. Calixto. O achado d'este importante cemiterio, excepcionalmente rico de interessantissimas reliquias dos mais remotos tempos christãos, deve-se á energia e sagacidade do Dr. Julius Burger, o joven especialista allemão que em pouco tempo se tornou uma autoridade em tudo que respeita á Roma antiga.

«Apesar de sêr elle o primeiro a publicar a descoberta parece que um pesquisadôr

menos feliz se anticipára ao Dr. Burger. Havia alguns mêses que o conhecido archeólogo inglés Kennedy desaparecera subitamente dos seus aposentos no *Corso*, conjecturando-se que o levára a abandonar Roma um recente escandalo em que o seu nome andára envolvido. Sabe-se agora que o victimou o seu amor fervoroso da archeologia, que lhe dera um logar proeminente entre os sabios da actualidade. Encontrou-se o seu corpo no interiôr da nova catacumba, tornando-se evidente pelo estado em que se acharam as suas botas e os seus pés que andára dias consecutivos pelos tortuosos corredôres que tornam tão perigosos para os exploradores estes jazigos subterrâneos. O morto tinha, pelo que se depreende, penetrado no labirinto com inexplicavel precipitação, sem levar comsigo vélas nem fósforos; a sua triste sorte foi o resultado fatal da sua temeridade. O que torna o acontecimento mais tragico ainda, é que o Dr. Burger era amigo intimo do morto.

«A sua alegria pela extraordinaria descoberta que acaba de fazer tem sido grandemente destruida pela terrivel desgraça que victimou o seu amigo e camarada.»

(Versão do inglés de Conan Doyle.)







# SAUDADE

*Horas de solidão e de recolhimento,  
Em vós meu coração busca o socêgo e a paz!  
Aqui, neste silêncio, abre meu pensamento  
Como a flor macerada e rôxa do lilás.*

*Vai desprendendo em tórno o arôma sentimento,  
(Pois tudo o que hoje penso êsse perfume traz!)  
Abre como num sonho e num deslumbramento,  
E, sendo assim de mágoa, outras mágoas desfaz.*

*Sonho! tormento e enlêvo! Asa d'oiro e ametista  
Das nuvens a roçar a luminosa crista!  
Canção da madrugada ouvindo-se ao luar!*

*...Vôo, música ou flor, dôr que as dôres acalma,  
O seu nome é SAUDADE, e espraia-se em minha alma  
Como num descampado a voz triste do mar.*

**Maria da Cunha.**



## A arborisação em Portugal

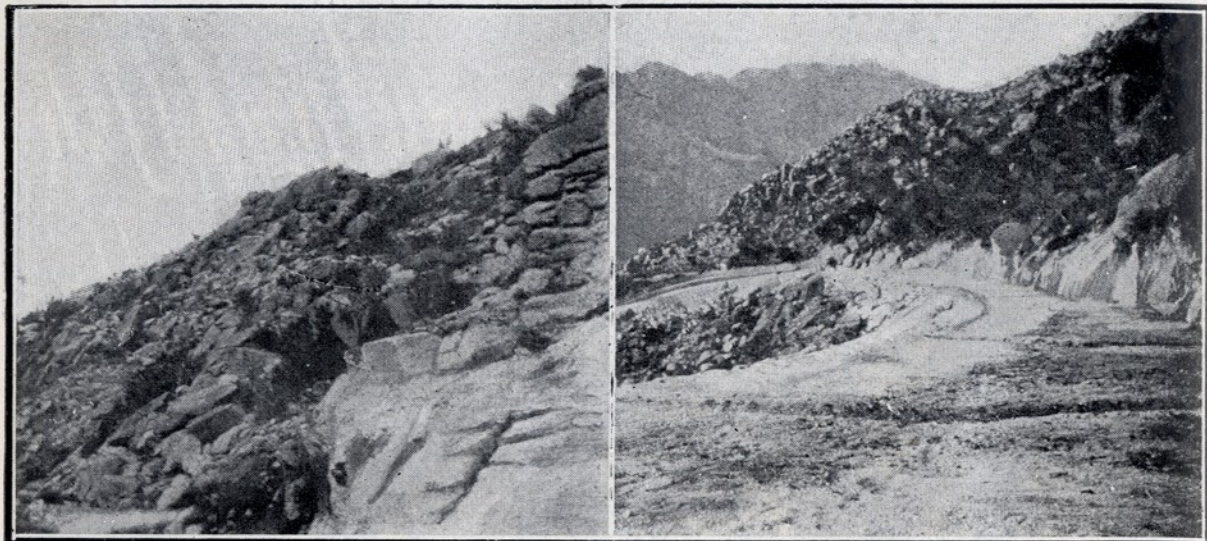
*Dos tres milhões e oitocentos e vinte e dois mil hectares de terreno inculto que as ultimas*

*estatisticas accusam em Portugal, mais de 50 % se acham em condições de poder ser povoados por especies florestaes. E' de todo o ponto urgente promover o desenvolvimento e a ampliação das mattas nacionaes, attenuando quanto possivel o «deficit» das madeiras, revestindo de arborêdos as montanhas, regularizando os cursos d'agua, fixando as dunas, intensificando emfim a magnifica acção economica e social da arvore silvestre.*

A natureza dos climas portuguezes permite o aproveitamento de vastas areas de terreno inculto, onde as essencias silvicolas se desenvolveriam admiravelmente. O pi-

nheiro bravo, o pinheiro manso, o castanheiro, o carvalho, o eucalypto, o ulmeiro, o freixo, o amieiro, o bordo, pôdem constituir no nosso pais um magnifico dominio florestal, cujas vantagens seriam de primeira plana. E, no entanto, afóra os importantes montádos de sobro e de azinho do Alemtejo, de Santarem, de Castello Branco, de feição evidentemente pouco silvicola, apenas 922.787 hectares de terra se encontram revestidos de arvorêdo silvestre.

Comtudo a funcção economica e social dos massiços florestaes teria no nosso pais, como em tantos outros, um effeito intensamente proveitoso. Nas serranias agrestes, por vezes de belleza selvagem e dura, do Gerrez, do Montejunto, da Estrella, leguas de terreno bravio e escalvado, onde a cada passo aflora a rudeza do granito, aguardam ha seculos a sua valorisação, a sua conversão em solo humoso e productivo. Em quasi toda a nossa costa é preciso atalhar a invasão assoladora das areias movediças, fi-



A serra do Gerez, á excepção d'uma limitadissima parte, acha-se completamente desarborizada, como bem indicam as duas photographias que acima publicamos. No entanto, as condições naturaes favorecem rasgadamente a constituição d'um vasto dominio florestal na grande serra do norte.

xando as dunas do littoral com o raizame e a folhagem dos povoamentos de pinheiro marítimo. Demais, o regimen das aguas, desordenado e inconstante, sujeitando regiões fertilissimas aos estragos que provocam a frequencia e a impetuosidade das cheias, só se regularizará quando os trabalhos de hydraulica florestal se effectuarem activamente e em grande escala.

Além d'isso, o progresso da industria das construcções, o augmento da nossa producção vinicola, o aperfeiçoamento da arte da marcenaria, teem dado logar a um accrescimento notavel na importação dos productos florestaes, que excede hoje um valor de dois mil contos de réis. Temos, é facto, uma ex-

portação avultada de cortiça a compensar o desequilibrio neste ramo commercial, mas seria incontestavelmente para desejar que o desenvolvimento da cultura florestal reduzisse, até certo ponto, como aliás é perfeitamente possivel, o valor representativo das madeiras importadas do estrangeiro.



A resinagem do pinheiro tem, na matta-de Leiria, o caracter d'uma industria de regular importancia. Apesar de ser esta uma operação que em nada prejudica os pinheiros, muitos proprietarios arrastados por um espirito de teimosa rotina, recusam-se com obstinação a resinar os seus pinhaes. E' sem duvida este facto um dos que contribue para que a importação da terebinthina se eleve a cerca de sete contos de réis.

A par d'estas razões, outras se enfileiram, de grande alcance agricola e social. Os grandes massiços silvicolas exercem uma influencia salutar sobre a temperatura e a pluviosidade, beneficiando extraordinariamente a agricultura de regiões inteiras. Na America do Sul, no Mexico, no Canadá, quando o machado do *squatter* devastou extensões enor-

mes cobertas de secular arvorêdo, depressa se fez sentir, nas modificações do clima, do regimen dos cursos d'agua, do relêvo do solo, o prejuizo enorme que adveio da exploração desordenada e soffrega das velhas e protectoras mattas. E, ao contrario, quantas vastidões desoladas da Australia se regeneraram, mudando completamente de aspecto á medida que a arborisação, scientificamente dirigida pelos silvicultores britannicos, ía estendendo sobre os desertos uma sombra propicia!

E' por isso que o energico movimento em prol da defêsa e desenvolvimento dos macissos systematicamente ordenados, se vae avigorando cada vez mais nos paises adeantados de todo o mundo, sahindo da competencia exclusiva dos governos, e integrando-se no espirito das populações; por isso os canadianos e os americanos do Norte festejam o seu celebre *Arbor day* com entusiasmo, quasi com a religiosidade dos antigos gaulezes e ger-

manos; por esse motivo nas escolas primarias da Allemanha, da Belgica, da França

se procura instantaneamente atrahir as creanças ao culto da arvore, á veneração do tempo antigo, em que o poeta latino dizia — *nobis placeant ante omnia sylvae.*

Em Portugal o estado tem cuidado ultimamente com alguma attenção d'este problema capital, a arborisação; o regimen florestal pôde sob todos os pontos de vista ser considerado como uma excellente

regulamentação, liberal e impulsionadora; os particulares arborisam por anno em média cinco mil hectares; é mistér que agora, como complemento ultimo, entrem em campo a propaganda, a co-operação, o ensinamento, a boa vontade,— emfim, todos os admiraveis instrumentos do solidarismo, interessando todos os portugêses ligados, directamente ou não, á agricultura da sua patria, n'esta

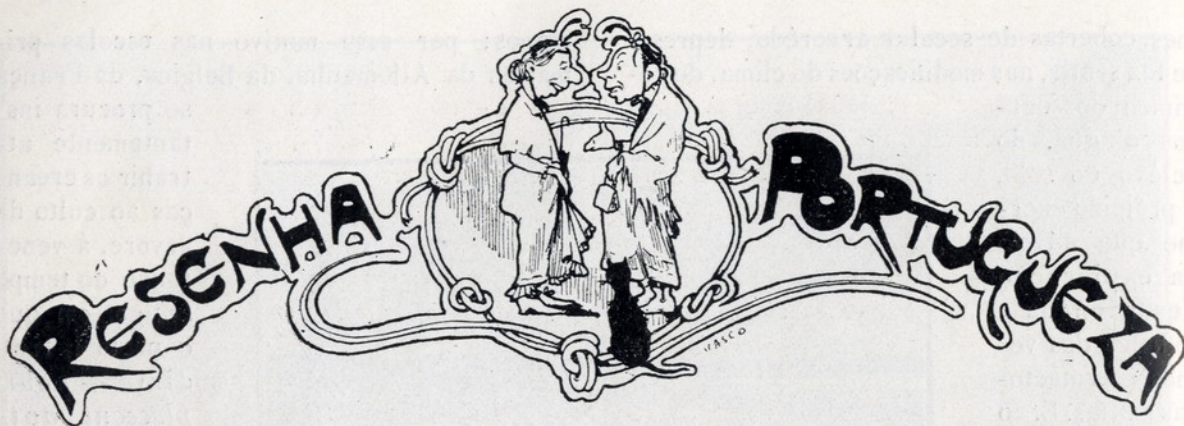
obra grandiosa, tão importante para o resurgimento nacional.



A invasão das areias movediças da costa só pôde ser eficazmente suspensa pelos povoamentos de coníferas. N'uma grande extensão do nosso littoral torna-se necessario proceder continuamente a sementeiras de pinheiros, como a que a photographia representa, nas proximidades da Marinha Grande.



Os pinheiros, nas proximidades do mar, tomam por vezes formas estranhas, contorcendo-se como algumas figueiras algarvias, da maneira mais curiosa.



### O congresso dos medicos

Realisou-se na sala nobre dos Paços do Concelho a sessão inaugural do congresso dos medicos municipaes.

Presidiu o sr. Anselmo Braamcamp Freire, e trataram-se dos assumptos que mais podiam interessar a classe, evidenciando-se bem que ha uma enorme miseria no proletariado intellectual.

A profissão medica é uma das mais nobres que se conhece, encontra-se n'essa classe o carinho, a dedicação, o desvelo e, comtudo, na actualidade, é uma das mais desprotegidas.

Concluindo um curso eriçado de difficuldades — e seria justissimo mesmo que nenhuma benevolencia se desse com os alumnos nos exames, e só passassem os que soubessem a valer — vem cá para fóra e principia então uma longa peregrinação dolorosa — a de querer caminhar e não conseguir.

Na provincia é um viver ignorado, não póde haver expansibilidade e morre-se desconhecido.

A grande ancia é ficar nas capitaes onde

o talento, se alcança brilhar, tem vasto campo em que se empregar, outros esperam que o acaso — e afinal é uma cousa que não existe — intervenha, e ainda mais outros, decorrido um certo tempo, domina-os o desanimo, e acabam tristemente, com o seu tanto d'amargura.

*Ha medicos a mais, devia ser o grito lan-*



CONGRESSO DOS MEDICOS

çado pelo congresso, e d'ahi o recebimento d'uns magros proventos muito abaixo de quem tantas responsabilidades assume, que é um auxiliar poderoso, o conforto dos doentes, alliviando-os com as suas palavras, com os seus conselhos, com as suas receitas.

São uns explorados, porque a industria

que exercem não lhes permite receber os honorarios senão com todas as cautelas, assim, no final do anno, um terço dos seus vencimentos consideram-se perdidos, porque o cliente recorreu a mil meios para não cumprir.

Ha medicos que, por maiores diligencias que empreguem, não conseguem receber 600.000 annualmente.

E, comtudo, quantos continuam a ser um *João Semana*, o typo lendario da bondade, visitando doentes a quem acabam por pagar os remedios, deixando até algum dinheiro para acudir a umas necessidades de momento!

Oxalá que do congresso se aproveite de util tudo quanto alli se discutiu, e o que é mais: o ponham em pratica.

### As festas da Natureza

As varias festas modernas, quasi na sua totalidade, não se ateam senão a solemnizar as glorias humanas ou os symbolos do mutualismo.

Trate-se, pois, da mais grandiosa de todas, — a Natureza, sob os seus admiraveis aspectos.

Só nos campos — e ainda n'aquelles onde reina uma certa ingenuidade — se celebram as vindimas, as searas, e no estrangeiro as macieiras, a oliveira, as rosas...

Não deviamos com unanimidade, com entusiasmo, festejar a terra e os bens que ella nos dispensa, continuando as bellissimas tradições antigas que, no meio do nosso pro-saico seculo xx, trariam um pouco da pittoresca poesia do passado?

Desde-nhando exaltar os grandes espectaculos da Natureza, a alma torna-se mais secca, mais embotada.

Ao rei de Italia, rei agricultor e

poeta, é a quem pertence a idéa de se fazer annualmente a *feira da arvore*. Cada creança, gravemente, planta um arbusto que dentro de trinta annos constituirá uma arvore e nada ha ao mesmo tempo tão symbolico, util e encantador, como este simples gesto infantil que se realisa com cantos e ante as auctoridades.

O Canadá, a Hungria, a Baviera teem tambem já estas festas, e em Portugal, devido á Liga Nacional de Instrucção, celebrou-se ultimamente, e as creanças, n'um domingo d'este mez, plantaram uma laranjeira na avenida da Liberdade, em frente da rua do Salitre.

E assim recordei-me que a velha Belgica acaba de realisar outra festa. Não é a da terra fecunda, mas a da neve, essa neve tão branca e tão bonita, o pó d'arroz da garrida terra, e por vezes tambem tão cruel!

Foi em Liège que pela primeira vez se effectuou a *feira da neve*, tomando parte os que a amam e os que com ella sofrem; os primeiros para dar, os segundos para receber.

Nada mais original que esse passatempo alegre de que a neve era a heroina!

Habeis esculptores realisaram com ella personagens colossaes e curiosas allegorias que foram passeadas em carros.

O povo admirou um leão a dormir, uma tartaruga, um jacaré, um urso, um busto do rei, uma Virgem, um bebedo n'um carrinho, um cavalleiro n'um camello.

Estas obras primas, d'imponentes proporções, desfilarão com pompa ante as auctoridades, indo á frente bandas regimentaes.

Todas as distracções que a neve consente, *to-boggans*, deslisamentos, patinagem, etc., alli estavam reunidas.



FESTA DA ARVORE

A' noite a festa continuou, illuminada a balões venezianos e a fogos de Bengala, d'um phantastico effeito sobre a neve branca.

Fizeram-se discursos, brindes e distribuiu-se esta quadra :

*Voici l'hiver, voici la neige,  
Pensez à tant d'infortunés.  
Et puisque le ciel vous protège,  
Voici l'hiver, riches, donnez!*

Foi uma festa impressionante, e n'este tempo frio, na provincia, onde tantas aldeias são cercadas pela neve, não se poderia também organizar alguma solemnidade n'esse genero?

Mas, infelizmente, por lá ha outras cousas em que pensar! E assim que importam as tradições, os bens ou os males da terra, as arvores, a neve, o sol?

Pois o proprio sol se festeja, junto ás ribas de Severaise, no cantão de Saint-Firmin, Alpes. Ha alli uma aldeia chamada Andrieux, tão funda, que os habitantes durante tres mezes estão privados do sol, visto que os seus raios não descem abaixo.

Só a 10 de fevereiro é que o astro lhes dá a luz e então, acompanhando um antiquissimo costume, realisa-se esta curiosa cerimonia.

Ao romper do dia, reúnem-se todos, e, com uma musica á frente, vão despertar o decano da aldeia. Depois, atraz d'elle, em cortejo, chegam á ponte da ribeira, o sitio mais elevado do valle, de maneira a serem os primeiros a avistar o sol por tanto tempo deserto.

Uma original tradição quer que toda essa gente leve, na mão, um prato com uma *omelette* que colloca no parapeito da ponte, offerta symbolica ao sol benefico.

Apenas elle surge, dansando, seguem para os seus domicilios, sempre com as *omelettes*, um tanto frias, é claro, mas que comem alegremente.

Não se riam d'estas *omelettes*, d'estes jacarés de neve, d'estas arvores plantadas pela infancia, de todas essas fórmulas singelas de admiração pela bella natureza.

Fazemos mal em a esquecer tantas vezes. E como quasi a desconhecemos não a amamos como deve ser...

## Jesuina Marques

Era uma magnifica caracteristica que o Gymnasio possuia e que raras vezes sahiu d'aquelle theatro, sendo considerada quasi como um ornamento da casa.

O seu merito era enorme, e a sua educação artistica muito descurada, mas a verdade é que possuia uma grande intuição, e d'ahi os auctores nunca se queixaram da interpretação que ella dava ás respectivas personagens.

Ultimamente, porém, causava tristeza vê-la.

Após uma operação seguiu para o Brasil, mas o seu estado não permittiu que



JESUINA MARQUES

fosse muito apreciada, e ao regressar, aos poucos papeis que lhe confiaram, não podia já dar a vivacidade desejada.

Se representava alguma das antigas comedias em que fóra brilhante, accitava-se ainda, comtudo, as suas feições escaveiradas, os olhos encovados, o falar um tanto arrastado, uma *maquillage* executada sem a menor arte como que apresentava no conjuncto o effeito d'um cadaver ambulante.

Jesuina faz falta no nosso theatro, e tanto mais que o seu genero está quasi abandonado, porque as novas não querem fazer papeis de velhas, e estas teem a pretensão de serem novas...

### O Carnaval

Escusado será dizer-lhes o que elle foi: um pretexto para a selvageria, uma ausencia d'espírito, uma parada da miseria para pedir alguns cobres, e esses enfarinhados mettidos em trapos mais ou menos berrantes

Assim essas festas foram substituidas pelos bailes de creanças.

Um mez antes as mães não pensam mais do que na maneira como hão-de vestir os filhos.

E a tarefa não é simples, porque, embora para o seu carinho, qualquer traje que elles ponham sempre lhes pareça bem, como mães, acham tudo pobre.

De ha muito que os hygienistas pedem que não se mascarem as creanças, ou sobre tudo que não lhes ponham disfarces incommodos.

Portanto aconselharei que não lhes vistam nenhum que esteja apertado ou seja leve, porque as expõem a desarranjos intestinaes, esfriamentos e outros accidentes de maior gravidade.

Nada de pensar para as meninas em trajes á Directorio ou á Imperio, e reparem as mães que me lerem que os pequenitos podem ficar encantadores com a casaca bordada dos cavallei-

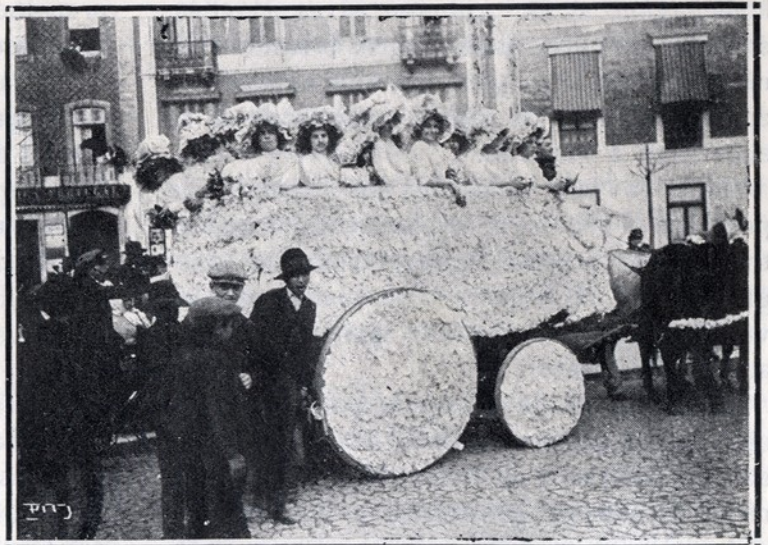


UM GRUPO DE CRIANÇAS

dão-me por vezes a impressão d'alienados.

Exceptuando um ou outro carro enfeitado com um certo gosto, o resto não vale a pena relatar.

O caso é que os bailes de mascaras que o mundo elegante organisava para regosijo da mocidade estão mortos. E se algum ainda se dá, só serve para que ás cabeças que alvejam venham recordações, que por serem d'epochas mais felizes e alegres, constituem pesares que cousa alguma consegue apagar.



UM DOS CARROS MAIS BONITOS DO CARNAVAL



ros hespanhoes do final do seculo xvii ou com roupas á Francisco I, e ellas lindas d'aldeã russa ou de dama japoneza. A sua confecção é simplicissima.

Tambem podem escolher o de *Walkyria*, que, não o appa-  
renta, mas é singe-  
lissimo.

\* O de *Frederico o Grande* para um rapaz de dez a doze annos, embora severo, é elegante e distincto.

Pela sua originalidade recomendo ainda o de caçador norueguez, pouco visto, que fica bem até aos *bébés*.

E eis como precisando referir-me ao Carnaval, e nada tendo a relatar-lhes, talvez prestasse algum serviço ás mães que evitarão assim que o debil organismo dos seus filhos seja affectado, e buscando diverti-los vão afinal ser a origem de doenças futuras.

### O Bispo de Vizeu

A cidade de Vizeu prestou agora a sua homenagem a D. Antonio Alves Martins, character integro, alma d'ouro, falando chãmente, n'uma linguagem bastante expressiva, com o seu tom de rudeza, mas onde só se encerrava a verdade.

Toda a sua vida foi um exemplo de probidade, não teve invejas, e como ministro buscou acertar, apresentando um programma de reformas e d'economias que levantou logo uma grande grita visto que atacava interesses.

Enchendo-se de nojo pela politica, vendo que não o comprehendiam, desceu as escadas do Ministerio do Reino, batendo com firmeza os sapatos grosseiros, e lamento não poder deixar aqui as palavras bastante significativas que disse ao porteiro annuncian-

do-lhe que a sua vida d'estadista terminara.

Uma vez um rapazito perseguia-o na rua do Arsenal pedindo uma esmola.

O Bispo não o attendia.



BAILE INFANTIL NO THEATRO NACIONAL

Mas foram tantas as instancias, que elle, com a sua aspereza habitual:

— Oh! maroto! vae-te d'aqui ou quebro-te esta bengala nas costas.

— Tenho fome, meu senhor!

— Ah! podias já ter dito isso!

E vendo-o esfarrapado retrocedeu, comprou-lhe na Ribeira Nova uma andaina de fato, deu-lhe dinheiro, accrescentando:

— Para a outra vez diz logo de seguida o que queres, porque cada um tem de tratar da vida e não póde perder tempo. Viva!

Foi um bom, d'aspecto grosseiro para occultar as excellencias d'um coração que sempre se condoeu com as dôres da humanidade.

### A emigração

Vi ha dias aquelles que resolveram ir para as ilhas Sandwich abandonando para sempre a mãe-patria; vi-os ao pé e pensei no triste destino que arrasta esses seres para terras estranhas.

Elles, os homens, caminhavam machinalmente como as rezes em direcção ao mata-douro, com os chapéos deitados para os olhos, querendo occultar os rostos, fugindo d'aqui, não como o filho prodigo que abandona o lar para correr d'orgia em orgia, a esgotar os ultimos recursos que para elle, em constante lucta, ganharam os paes. Não, deram-me a idéa que eram d'esses filhos que deixam em casa a mãe moribunda, para buscarem um pedaço de pão que lhe mitigue a fome e um remedio que lhe allivie o mal.

Ellas, as mulheres, envoltas em chales velhos, apertando ao peito os filhinhos, imprimindo-lhes ruidosos beijos, os filhos do amor materno misturado com o seu tanto d'egoismo, não querem que as supponham más mães, e algum dia se vão como ellas agora o fazem, ou deixando-os no poder d'alguma estranha, e assim atravessando os mares partem offerecendo os seus braços de trabalho aos traficantes de carne humana.

Vi-os partir nem alegres nem pesarosos. Em todos como que notei alguma cousa de grande que dignifica o homem e eleva a mulher; levavam a sede da vingança, mas uma vingança nobre,— a de trabalhar para juntar dinheiro.

São como os antigos guerreiros, que se afastavam dos seus para ganhar louros com que entreteciam corôas para a patria; são como os christãos que encerrados nas suas catacumbas, faziam as praticas da religião com que mais tarde se illuminaria todo o mundo desde a cupula de S. Pedro; são como os martyres que preferiam o tromento á apostasia.

E quando passaram o portaló, quando os cotovelos dos emigrantes se apoiaram á borda do paquete, ao contemplarem a liquida superficie, quando se ouviu o grito da sereia qual lamento de suicida que se despedia do ultimo baluarte portuguez, e quando o ranger das correntes que levantam a ancora lhes annunciou que o monstro que os havia de conduzir estava solto, eu desejaria que elles tivessem voltado os seus valorosos rostos para o caes e saudando os irmãos que os viam afastar-se, estes, tirassem os seus chapéos como o adeus de despedida que se concede aos heroes.

### Fialho de Almeida

Era o nosso melhor prosador, quem descrevia com melhores tintas, e assim deixa paginas inolvidaveis, e se a sua obra litteraria não é vasta, ha-de ser muito lida, e de futuro melhor ainda apreciada quando a animadversão que se estabeleceu em volta d'este escriptor se tiver acalmado.

Ironico, desdenhoso, espirito de contradicção, crivando de satyras toda a gente, inclinando-se sempre para o lado da minoria, defendendo os que mais atacados eram, desprezando em absoluto a popularidade, Fialho como que sentia prazer em



FIALHO D'ALMEIDA

saber que tantos se malquistavam, estribando-se no seu talento que elle não desconhecia.

Evidentemente d'esta fórma não se granjeiam amizades.

Raras vezes, porém, foi combatido frente a frente, porque o temiam, e assim em cenáculos compostos de cretinos, abocanhava-se a sua obra, e aquelles que só a conheciam superficialmente eram os que mais a censuravam.

Contavam-lhe ás vezes as irreverencias praticadas, e Fialho, á porta da livraria Tavares Cardoso, alvejava os seus censores com epigrammas que os varava de lado a lado, e quasi sempre o mesmo individuo, uma especie de barca de passagem, ia repeti-los

no cenaculo, onde a colera chegava ao rubro e mais augmentava os odios.

Fialho impoz-se sem *coterie*, não precisou do reclamo, e o seu trabalho ainda não foi estudado detidamente, com a attenção que merece.

A sua enorme paixão era o theatro, e pretendeu fazer uma comedia em 3 actos, mas concebera scenas em que as personagens estabeleciam o *brouhaha*, isto é, falavam duas e tres ao mesmo tempo.

Perguntando a alguém que tal lhe parecia a idéa, respondeu que não a achava viavel, e o famoso litterato, depois de meditar por instantes, concordou, dizendo mesmo que só conseguira traçar uma scena.

Na Trindade subiu á scena uma traducção sua — *Jean Darlot* — mas a verdade é que a transplantação para a nossa lingua não era boa.

E' preciso um condão especial para esse genero, e quasi sempre os de maior talento naufragam, porque na nossa terra tambem ha o defeito de se suppor que um bom litterato póde ser um jornalista, ou o inverso, quando são cousas totalmente differentes.

O publico é que não imagina quanta imaginação se espalha pelos jornaes...

Afinal succedeu-lhe o que bastantes vezes se tem dado.

Esgotou ou não quiz mais recorrer ao seu arsenal d'epigrammas, a humanidade encheu-o de nojo, aborreceu-se das livrarias, dos cafés, das esquinas onde se encostava, não quiz ter affectos, não propendeu para as amizades porque era sceptico, não exercia a medecina porque não acreditava n'ella, não escreveu mais porque não era fecundo e detestava já o publico e assim não o desejava pôr em communicação com o seu pensamento talvez por um orgulho desmedido, e principiou a contemplar a terra com amor, como a abraça-la amorosamente, ella que poucos annos depois o receberia carinhosamente no seu seio.

Triste, desalentado, não conhecendo sympathias, achando o mundo arido, morreu sem saber o que eram paixões, viu tudo friamente, através o seu monoculo, não encontrou encantos na vida, não soube amar, não soube odiar, não soube fazer-se estimado.

E assim, se se lamenta o escriptor, ninguém chora o homem...

### Augusto Fuschini

Foi um theorico que buscou ver a vida por um kaleidoscopio que lh'a mostrou de côres muito variadas, d'essas que riem aos olhos.

Evidentemente, um dia a realidade apparece, e a desillusão não póde ser maior.

Socialista, quando ministro, tentou executar o que essa eschola préga, mas ante



AUGUSTO FUSCHINI

os obstaculos, que embora pareçam insignificantes não se debellam com facilidade, desistiu do seu proposito.

Filiando-se no partido regenerador sahiu d'elle acompanhando Barjona de Freitas que ia fundar a Esquerda Dynastica, por fim estabeleceu a Liga Liberal sendo a alma d'essa aggremação onde prestava o seu valor que era muito em paridade com a sua excellente vontade.

Sonhador, utopista foi-o, mas d'uma honestidade invejavel, animado sempre das melhores intenções, não causando prejuizo a ninguem; sacudido, sim, mas um bom, que traçara ante si uma linha de que nunca se desviou — a do dever exercido sem apparatus, apenas com a satisfação de o cumprir.

Irrequieto, não estimando os homens porque declarava que quanto mais os conhecia maior amor tinha ás pedras, soffreu bas-

tante porque era um affectivo; intelligentissimo, traçava as cousas, não como ellas deviam ser, mas como a sua phantasia sempre embalada pelo bem desejava, e d'essa fórma a cada desillusão o seu espirito propendia para uma enorme melancholia, até que a morte veiu, liberalmente, livra-lo d'esse fardo, dando-lhe o repouso final.

Sahiu d'esta vida descontente de todos, não o comprehenderam, e afinal foi um justo, e devem deplorá-lo os que sentem ainda pulsar o coração ante os grandes caracteres...

### Agostinho Franco

E' para louvar quem teve a idéa de nomear director geral da estatistica e da fiscalisação das sociedades anonymas o sr. Agostinho Franco.

E se assim o digo, é porque, para aquelles que costumam olhar sempre para baixo e nunca para cima, — e n'esse caso acham-se desprovidos d'inveja, — consola o ver que o sr. José Relvas foi escolher uma pessoa que começou por praticante n'esse ministerio



AGOSTINHO FRANCO

atingindo por fim o logar mais hierarchico.

O sr. Agostinho Franco é um trabalhador intelligente, um conhecedor minucioso dos serviços estatisticos, não se limitando a servir apenas nas horas marcadas pelo regulamento, porque enquanto ha trabalho elle

não sabe o que é descanso; muito arguto, d'uma enorme actividade, allia o ser em extremo delicado de fórma que a sua mão como dirigente não se faz sentir.

Anima-o uma magnifica vontade, nos empregados sabe destrinçar as aptidões confiando-lhes os serviços que mais se lhes coadunam, e não é facil nunca dizer-lhe que não, demonstrar um pequeno esboço de má vontade a quem busca ser sempre agradável aos seus subordinados, e tanto mais que n'elle não reside um chefe, mas um amigo.

E como Agostinho Franco deve tudo a si, só a si, eu quiz que n'esta revista ficasse consignado que aos homens honestos sempre chega um momento em que se lhes reconhece as suas altissimas qualidades.

### A Primavera

Devido á minha qualidade de jornalista, consegui entrar nos bastidores extraordinarios onde machinistas, silenciosos e ageis como sombras, preparam, longe dos olhares dos homens, mudanças magicas á vista para espectaculos sem cessar renovados. N'uma epocha em que a entrevista não poupa ninguém, porque não teria eu com a Primavera, que entrou este mez em Portugal, uma conversação? E' esta a palavra que os *reporters* attribuem, com a sua má fé vulgar e professional, ás personagens importantes que, em nove sobre dez, se calam desde que as interrogam.

O espaço — sempre limitado para os phantastas — falta-me para contar as minuciosidades d'esta aventura. Sou, pois, obrigado a principia-la no momento em que um tal Baptista (de quem toda a gente póde falar, mas que ninguém conhece) me responde, com uma voz tranquilla:

— A Primavera? Está no seu camarim. A porta em frente!

Entreí. Cruel desillusão! Julguei que me encontraria com uma adolescente, forte e formosa, e tinha ante mim, mirando-se n'um espelho, uma velha alcachinada por milhares de seculos, e que se estava caracterizando! Com uma enorme fadiga, punha carmin nas faces enrugadas. A um canto, vi a sua tunica branca e a grinalda de flôres com que se ia coroar. De principio recebeu-me com ar de poucos amigos.

Mas á maneira que o cosmetico remoçava o seu encarquilhado rosto e que a vontade d'agradar lhe levantava as costas arqueadas, animando-se:

— Teem feito, senhor, tantos artigos a meu respeito que não achará nada de novo para me dizer. Estão acolá, collados n'aquelle enorme livro!

Lancei-lhe um rapido olhar. Viam-se alli poemas, descripções, pensamentos. D'um poeta encontrei esta phrase:

«A primavera agradaria muito menos se não viesse depois do inverno.»

Ella desatou a rir. Ia contar-me as suas numerosas aventuras, quando a voz do contra-regra lhe indicou que era quasi meia-noite do dia 20.

Estava transformada.

A que alli estava agora era uma bonita rapariga.

— Vou deixa-lo, disse-me, não quero faltar á deixa.

Tirei o relógio.

Trinta segundos depois estavamos a 21 de março.

PORTUGAL DA SILVA.



**FARINHA  
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e  
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910



## Republica

Todos os annos, cerca do Carnaval, este theatro encommenda a algum escriptor uma revista n'um acto, e a verdade é que sempre dá resultado.

Um dos principaes elementos para o successo é que estando no Republica quasi todos os melhores elementos que temos em theatro, e figurando n'essas revistas, as peças tomam um realce que d'outra fórma não lhes adviria.

A d'este anno intitulou-se *N'um rufo*, original dos srs. Machado Correia e *João Phoca*, e não se póde negar que obteve grande exito, dando consecutivas enchentes, e provocando constante hilaridade.

Não citarei nenhum dos interpretes, porque sendo tantos, e tendo muitos d'elles desempenhado os seus papeis com enorme mestria, temeria esquecer algum o que me levaria a uma contrariedade ou a fazer retificações que sempre desadorei.

*Envelhecer*, um drama de Marcellino Mesquita, deu agora este theatro para festa do actor Brazão.

Essa peça representou-se ha dois annos no Principe Real com enorme successo, sendo o papel da protagonista confiado á actriz Maria Falcão, que tem bastante valor e que

é pena ter partido para o Rio de Janeiro ultimamente, abandonando o palco.

Fiz em tempo a critica d'este magnifico trabalho, não concordando apenas com o final, e tem elle a vantagem, para aquelles que veem dia a dia os dramas a surgirem com uma coragem... que nos desanima, dar-nos um certo refrigerio á alma, como que nos consola das desillusões que tivemos e... quem sabe quanta crença ainda se vae crear até ao momento em que o egoismo se apodere de nós em absoluto.

Brazão e Ferreira da Silva desempenham os papeis da primitiva, e a mesma propriedade, a mesma linha distincta souberam manter. Emilia d'Oliveira ouviu applausos, dizendo com a devida intenção.

## Trindade

A operetta actualmente em scena n'este theatro intitula-se *Sangue Viennense*, sendo a musica de Strauss, o celebre auctor das valsas que teem percorrido todo o mundo.

E' claro, e já aqui o disse, o entrecho d'estas peças allemãs e austriacas é simples, mas a disposição das figuras, *trouvailles* que um ensaiador habil como Taveira não despreza, a belleza da partitura fazem por vezes esquecer aquella falta. Aconselharei, porém, os empresarios que não se vão fiando muito n'esses successos, porque

me parece que a corda se apresenta um tanto tensa.

O publico corôou de applausos o trabalho de Palmyra Bastos, essa grande actriz, inconfundivel, toda talento, a mais vibratil alma d'artista que o nosso theatro possui,



AFFONSO TAVEIRA

dotada d'uma memoria prodigiosa, e que é *l'enfant gatée* do publico.

E, embora modestos, mais uma razão para os citar, porei aqui os nomes de Salvador Braga e Gabriel Prata que mostraram comprehender excellentemente os seus papeis.

## Gymnasio

Ha tempo, em Paris, visto que o theatro da emoção intensa se modificara, já que se não recorria ás tragedias que faziam arripiar as carnes e as do seculo findo desmoralisaram as anteriores, logo que os dramas de Sardou não produziam sensação, que a comedia se banalisara, que a peça de these sob o patronato de Brioux se submergira, inventou-se o genero *tranche de vie*, que assentou arraiaes no Grand-Guignol.

O fito era fixar no tablado os casos tragicos da vida, nus e breves, o mais summariamente possivel, n'um ou dois actos, aproveitando apenas o intenso das situações, muito embora estas ficassem sem solução. E assim se levou a vida para a rampa na

sua naturalidade, mas a vida tragica, constituida por dôres, com o espanto, os desesperos, as lagrimas e as angustias. O fim do Grand-Guignol era provocar no espectador as grandes commoções, empallidecer as faces, crisar os labios, ranger os dentes, sacudir o corpo n'um movimento nervoso e terrivel.

E' claro que assim produzem-se doenças de coração e neurasthenias, e para as evitar um tanto, intercalaram-se esses actos violentos com comedias em extremo alegres.

Os espiritos *blasés* que adoram as sensações do *Looping and the looping*, que gostam dos combates de gallos, que assistem ás luctas de *box* ou deliram ante um japonez que sobe n'uma escada de facas em pontas... sentiram-se á vontade ante estas peças sensacionaes.

E os mais brilhantes escriptores como Annunzio, Mirbeau, Hervieu, Lorrain, Weber, Giacomo, fizeram-se collaboradores do Grand-Guignol.

E foi pensando em tudo isso que o Gymnasio lançou agora a semente, que é possivel venha a germinar, pondo em scena o *Doutor Morphina*, extrahido d'um conto de Edgard Poë, por André de Lorde, o auctor de *Bagnes d'enfants*, alcunhado — o *Principe do Terror*.

Evidentemente a companhia d'este theatro, não podia arcar com as difficuldades do desempenho, porque sendo uma peça de minucias e devendo ser representada com rapidez, toda a vez que se não attender áquellas e não se observar a ultima, o resultado é mais que negativo.

O publico desconhece ainda este genero, mas creio que, depois de maduramente reflectido, ha-de acceita-lo e mesmo assistir a esses espectaculos com certo alvoroço, porque elle precisa excitantes que lhe sacudam o sangue, para ficar bem oxygenado.

## Apollo

Como estive a perpetrar o crime de fazer uma revista com o dr. H. de V., delegado na Boa-Hora — o melhor era pôr o nome — assiste-me o direito de poder dizer que ninguém mais do que eu detesta o genero, onde não ha mostra de talento, onde se

agglomeram ditos, onde o escriptor não mostra o seu *eu*, e trata só d'affagar as multidoes.

Não se pensa na arte, mas apenas em que um original cuidado raras vezes attinge cincoenta representações... e uma revista dá duzentas.

O Apollo poz em scena a *Agulha em Palheiro*, e a concorrência tem sido grande. São auctores os srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e Marçal Vaz.

A do anno findo, e dos mesmos senhores, *Sol e Sombra*, resentia-se de ter pontos de affinidade com o *A. B. C.*, á actual falta-lhe originalidade, reproduz-se, e mesmo um quadro do primeiro acto só causou um certo successo n'aquelles que não tinham visto no Gymnasio o *Valente Balbino*, dos srs. João Bastos e Bento Faria.

Sinto bem que o sr. Ernesto Rodrigues, que tem excellentes qualidades de comediographo, e o sr. Felix Bermudes, que é um poeta muito distincto — e se me refiro só a estes dois é porque lhes conheço a sua obra litteraria, e assim como nunca tenho *partipris* seja contra quem fôr, tambem não sei louvaminhar — não empreguem as suas fa-

culdades n'um trabalho de folego, pensado, embora por dilettantismo.

E' verdade que cincoenta problematicas... mais de duzentas certas...

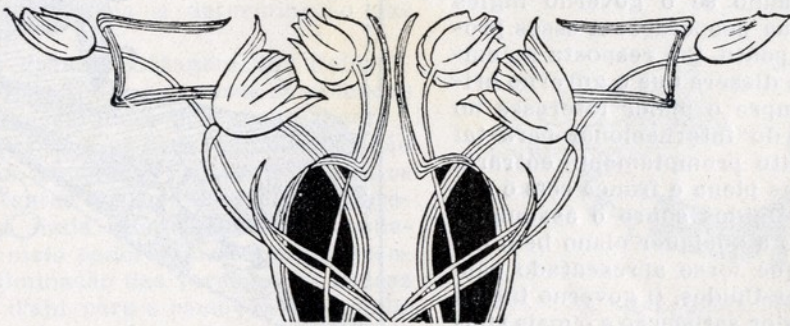
## Animatographos

O **Chiado Terrasse** não affrouxa na maneira d'attrahir publico e assim as fitas que apresenta teem de tudo: comico, dramatico, instructivo; o **Salão da Trindade** vê as suas sessões sempre concorridissimas, porque a empreza possui o condão de attrahir o publico o que é simples: fazer um programma variadissimo.

PORTUGAL DA SILVA.

P. S.— *Um Amigo certo pergunta-me em carta porque não critico as traducções que se representam nos nossos theatros. A resposta não é difficil: sendo official do mesmo officio, adoptei o systema de não lhes fazer referencias, e assim — deram-me o mote tenho de o glosar — com bastante sentimento nada disse d'uma que é primorosissima, a do Papillon d'Eduardo de Noronha.*

P. DA S.



Estado de debilidade ge-  
ral assim como na con-  
valescença, tomar ✨ ✨

# Somatose

Vende-se em forma li-  
quida ou em pó, em  
todas as pharmacias  
e drogarias.





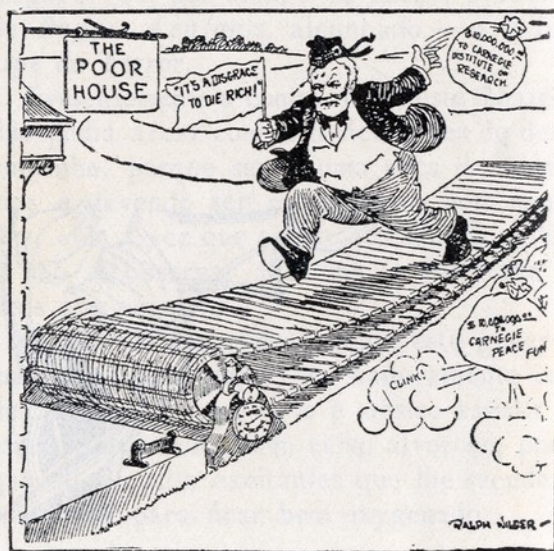
## Curiosidades do tempo

### O problema da Paz

Mr. Pirie fez na Camara inglêsa uma interpelação sobre as intenções do governo inglêso respeitantes á Comissão da paz proposta pelos Estados-Unidos, comissão que seria constituída nas bases da autorizada pelo Congresso dos Estados-Unidos (V. *Serões* de Março, pag. 233) com o fim de estimular os principios da arbitragem, mediação e concordia internacional. Sir E. Grey respondeu que em dezembro proximo passado o embaixadôr dos Estados-Unidos lhe comunicára a resolução do Senado e da Camara dos Representantes, perguntando se o governo inglêso tencionava dar a sua cooperação a esses propositos, e até que ponto. Em resposta ao embaixadôr americano dissera que o governo britannico tomára sempre o maior interesse no plano de um accordo internacional para tal fim, e portanto muito promptamente entraria numa troca de vistas plena e franca com o governo dos Estados-Unidos sobre o assumpto, e daria o seu apoio a qualquer plano bem estudado e pratico que fosse apresentado pelo governo dos Estados-Unidos. O governo inglêso receberia com a maior satisfação e o mais simpático interesse quaesquer conclusões a que chegasse a comissão proposta.

Esta resposta de Sir Edward Grey não vae além do minimo de atenções que são da praxe quando se responde ás propostas de uma nação amiga, não fazendo a mais pequena allusão ás suas proprias idéas sobre o assumpto. Em vês de boas vindas calorosas á proposta americana e promessas de activa collaboração, Sir Edward Grey mostrou a attitude reservada de quem foge a tomar um compromisso positivo. Ha quem pense em Inglaterra que o governo d'esse país não deveria sómente promet-

têr uma consideração amigavel aos planos que a comissão americana apresentasse, mas sim partilhar a iniciativa do governo americano, reconhecendo o supremo interesse do problema, e determinando immediatamente a organização de uma comissão de paz análoga á



A CAMINHO DA «CASA DOS POBRES»  
Carnegie parece querêr morrêr na miseria

(Chicago Record-Herald.)

de Washington, que com ella cooperaria para o grande fito do estabelecimento de paz universal.

Anda no campo da discussão a maneira como se deverão applicar as cem mil libras annuaes dadas por Carnegie para serem dedica-

das ao estabelecimento da paz. Entre os alvitre apresentados dizem respeito alguns a investigações scientificas sobre a influencia da guerra e da sua preparação. Assim se inquiriria dos effeitos actuaes da vida militar sobre o desenvolvimento intelectual e fisico



IRMANS, ABRACEMO-NOS!  
Carnegie manda-nos alguns confetti de paz!

(Pasquino.)

da raça; procurar-se-iam dados seguros e minuciosos sobre as perdas infligidas periodicamente á civilização pela guerra,—objecto de investigação já suggerido por um biologo eminente. Em connexão com o custo directo da guerra, poder-se-ia investigar ácerca do seu effeito sobre o commercio e a industria, de maneira a poderem fazer-se concepções justas sobre as perdas causadas pelas grandes guerras no ultimo século. O conhecimento da verdadeira relação das guerras com a alta finança seria importantissimo.

Mais importante que a determinação do custo da guerra seria a determinação das suas causas.

«Tirar-se-ia grande vantagem, diz Reinsch de um estudo de todas as causas ramificadas da guerra, apresentando, por assim dizer, a etiologia da guerra.» As causas dinasticas não são já as suas principaes promotóras, mas os perigos resultantes dos impulsos da democracia não foram ainda scientificamente estudados. Por esse meio poderíamos dirigir a attenção para a eliminação das verdadeiras causas da guerra, e d'ahi para a remoção das condições fundamentaes que ainda alimentam a hostilidade e a malevolencia.

Segundo o citado publicista, o meio mais efficaz será o de animar todas as relações que unem os homens e formam entre elles laços de mutuo entendimento. Grande bem se poderia esperar pondo em contacto os homens representativos dos differentes paizes da Europa, America e Asia, de maneira que ouvissem uns dos outros idéas coincidentes sobre as suas melhores intenções. Tudo que se fizesse para este mutuo conhecimento entre povos differentes seria da maior efficacia para os fins da instituição.

Ainda se deveria pensar no estabelecimento de cursos feitos por autoridades estrangeiras, de viagens com o fim de bem comprehender as civilizações visitadas, e de grandes reuniões internacionaes em que todos os paizes do mundo fossem representados. Outro meio seria o de enviar para os grandes centros, jornalistas cultos e perfeitamente educados que estudassem de maneira imparcial tudo que dissesse respeito aos negocios internacionaes. Esses homens não seriam propagandistas, mas observadores calmos e estudiosos, em cujas informações se pudesse confiar completamente. Grandes serviços se poderiam d'elles esperar em épocas de malentendidos e crises internacionaes.

Já o universo começa a organizar-se internacionalmente. Não menos de umas cento e trinta uniões internacionaes existem hoje; mas apesar de se dedicarem ao magno trabalho de preparar a futura organização do mundo, essas uniões internacionaes ainda não são sufficientemente conhecidas e notadas do publico em geral. Se trabalhasse de accordo com estas instituições já existentes, a commissão de Carnegie daria substancia aos seus esforços, aprofundando aquelles caminhos de actividade esboçados. Seria ahi que o fundo de Carnegie realizaria um grande serviço, apresentando ao mundo a verdadeira significação da organização internacional já criada, e apoiando-a financeira e moralmente.

Para que as nações concordem em se submeter á jurisdicção de tribunaes internacionaes, é necessario estarem certas de que a lei que elles lhes não de impôr estará de accor-



A VERDADEIRA POMBA DA PAZ  
segundo um caricaturista

(Do Collier's Weelly.)

do com as mais altas concepções da equidade e da justiça da época actual. Portanto, conclue o publicista, será a feitura de um codigo internacional modelo, a verdadeira corôa de todos os trabalhos a emprehêndêr n'este campo.

Emquanto os pacifistas se dedicam ao problema, sôa dos lados da Allemanha uma resposta brutal. Esperemos. Atrás do tempo, tempo vem.

### A importancia do suffragio feminino

Segundo diz um articulista da *North American Review*, a causa profunda do entusiasmo pelo suffragio feminino não é o reconhecimento de que elle seja abstractamente justo, mas a convicção de que elle seria importante e util. Essa importancia seria superior ao alcance da grande maioria dos individuos que se dedicam á politica e aos negocios. O voto feminino augmentaria a proporção dos eleitores educados, reforçaria a tendencia das legislaturas a dirigir os seus debates para os problemas mais importantes do desenvolvimento vital, e tornaria talvez mais obrigatoria a honra politica.

O voto feminino é umâ consequencia necessaria do principio democratico. Segundo a hipótese democratica, o Estado está bem organizado, não quando se conforma a uma certa idéa do Estado, mas quando se conforma com os interesses dos individuos concretos que são seus cidadãos; e a melhor maneira de occorrer ás suas necessidades é, não sentarmos num trono ou num banco e pensar-



MRS. PANKHURST,  
CHEFE DAS SUFFRAGISTAS INGLESAS

mos sobre o caso, mas sim consultá-los sobre essas mesmas necessidades, — e, portanto, em vez de se perguntar a uma classe o que se *devera* fazer, perguntar a todos o que *teem* interesse que se faça.

Ora, é um problema vital para o futuro da raça o tornar as condições da industria compatíveis com a saude moral e fisica das mulheres; e para quem conhece a natureza humana e o mecanismo do governo representa-



UMA NOTAVEL SUFFRAGISTA INGLESA

tivo, é evidente que o primeiro passo a dar para a solução do problema é conceder ás proprias mulheres a defesa dos seus direitos. A exclusão das mulheres nos negocios da comunidade, constitue, segundo o articulista, um grande erro dos nossos habitos sociaes, porque estamos immensamente necessitados de mães que tenham a sabedoria da experiencia. Afastar a mulher dos interesses publicos com a razão da sua missão de mãe é limitar essa missão ao amamentar da criança, tornando-a incapaz de educar e dirigir o seu filho com o seu sabêr e experiencia, e abandonando a possibilidade de a habilitar a essa mesma missão com que se argumenta.

No primeiro plano da cruzada pelo suffragio feminino figura Mistress Pankhurst, presidente da *National Women's social and political un on*, que ha meses foi a Paris fazer conferencias sobre o assumpto. Deixando agora as razões, já conhecidas, poderemos citar alguns resultados já obtidos. A Nova-Zelandia admitiu em 1893 o voto das mulheres, em seguida a uma campanha encetada em 1863. A reforma pareceu então prematura, mas o direito foi pouco a pouco sendo aproveitado por um nu-

mero cada vês maior de eleitôras. Em 1893 contaram-se 90 mil votantes por 109 mil inscritas; em 1896, 109 mil votantes por 142 mil inscritas; e em 1902, 138 mil votantes por 186 mil inscritas. Na Australia as mulheres são eleitôras e elegiveis para o Parlamento federal. A sua benefica acção revelou-se por uma serie de medidas generosas impregnadas do melhor espirito: leis contra o alcoolismo e o jogo, protecção do trabalho feminino, regulamentação da hygiene nas officinas e ateliers, etc.

Na Europa são os paizes escandinavos os mais avançados neste ponto. Recentemente foram as Norueguêsas admittidas a votar para a eleição dos deputados. Mas foi na Finlândia que se produziram os resultados mais notaveis. A seguir ao levantamento geral de 1905, um manifesto imperial autorizou a elaboração de projectos de lei baseados sobre o sufrágio universal aberto aos dois sexos. Os escrutínios de 1907 enviaram ao Landtag desasete mulheres. Havia vinte e cinco em 1908. E as eleitoras finlandesas conseguiram assignalarse, apesar da sua inferioridade numerica. Entre as propostas devidas á sua iniciativa figuram a extensão dos direitos das mulheres casadas, direito de herdar para os filhos naturaes, desenvolvimento do ensino de *ménage* em todas as communas, penalidades severas para os maus tratamentos ás crianças, seguro maternal sob o patrocínio do Estado tendendo a concedêr ás mulheres grávidas, durante três mêses, uma pensão igual ao seu salario habitual, etc.

Entre nós, a promulgação da nova lei eleitoral levantou tambem o problema. Falta sabêr se se não absteria de ir á urna exactamente a parte mais valiosa das mulheres portuguezas. A avaliar pelos homens... E depois, não é talvez do parlamentarismo que ha a esperar a redempção...

### A joven Turquia

São em geral consideradas insignificantes comparadas com o que na Turquia ha a fazer, as reformas já levadas a cabo pelos jovens turcos; o juizo deve talvez sêr um pouco modificado se repararmos nas condições geraes da situação e nas difficuldades que em pouco tempo se teem removido. A reforma do exercito affigura-se a muitos sêr a unica que os jovens turcos teem levado realmente a peito, e que se applicassem a mesma energia a outros ramos teriam conseguido maravilhas. Antes de tratar de constituir um poder naval, encaminhando-se para o imperialismo, a joven Turquia deveria criar uma administração e organizar os negocios do interior, — assim o affirma quem estudou de perto o assumpto. A organização judicial está tambem muito imperfeita ainda, apesar dos esforços feitos para secularizar a justiça. Nada se fez tambem praticamente para melhorar a agricultura. Os caminhos de ferro, estradas, irrigações, etc., deveriam figurar no programma. A educação publica está tambem em condições lamentaveis. Em todos os ramos da actividade reformadôra dos jovens turcos se notam excellentes intenções, mas que muito frequentemente acabam por medidas vexatorias, filhas talvez da desviação do sentimento patriótico para um nacionalismo intolerante, ciumento e aggressivo. A diplomacia allemanica parece ir logrando os reformadôres com bellas perspectivas; a amizade germanica já custou á Turquia a perda da Bosnia, e um dia poderá custar-lhe talvez Salónica. Os jovens turcos parece reconhecerem o perigo, e só se atiram para os braços da Allemanha por causa do exagerado receio das ambições russa e bulgara.

## Vida na Sciencia e na Industria

### Profecias de Edison

Tem certamente extraordinaria competencia para annunciar maravilhas quem já tantas maravilhas tem realizado. Uma d'ellas é a do fabrico do ouro:

obter-se-á brevemente, profetiza Edison, o ouro a 25 dollares a tonelada. O livro de nickel será tambem de uma realização prática. O nickel pode absorvêr a tinta de impressão; uma folha de nickel de um vigesimo milésimo de polegada será mais barata, forte e flexivel do que uma folha ordinaria de papel de livro. Um livro de nickel de duas polegadas de lombada poderá contêr quarenta mil páginas, pesando sómente uma libra. Podêr-se-á fabricar uma libra-peso de folhas de nickel por um dollar e um quarto.

Sobre a questão dos aeroplanos, Edison faz notar o alto valôr do zangão como voadôr; o tamanho das suas azas é extremamente pequeno em relação ao tamanho e peso do corpo do animal. O segrêdo do seu bom vôo está no excellento uso que faz das azas, percutindo o ar até o tornar semelhante a metal; o ar, effectivamente, quando percutido com bastante rapidez, torna-se rigido como aço. Teremos de aprendêr com o zangão se quizermos viajar no ar, rapida, longa, seguramente. Deverá applicar-se o principio do zangão para elevar a machina voadôra, e o actual sistema propulsôr para a direcção horisontal. Essas voadôras poderão em breve levar passageiros com a velocidade de cem milhas por hora e mais.

As machinas estão ainda na infancia. O panno, os botões, a linha, o papel e o papelão

alimentarão uma das extremidades da machina, e pela outra extremidade sairão os fatos, empacotados e em caixas. Os livros sairão da imprensa encadernados. A machina tomará as diferentes partes e combina-las-á, isto é, alem de as fazêr, as reunirá num todo acabado, em vez de simplesmente as fabricar em separado para depois o homem as reunir. Não se hão de passar muitos annos antes que os mecanismos nos dêem o fato por tão modico preço que qualquer poderá adquirir quatro ou cinco por anno. O lavradôr será substituido por uma especie de engenheiro, ao mesmo tempo especialista na chimica do solo, na botanica e na economia.

A nova bateria accumuladôra de Edison, actualmente em experiencias, tornará tão formidavel o submarino que não valerá a pena construir couraçados. Pensa que o amontoar de armamentos trará a revolução universal ou a paz universal antes que possa havêr mais do que uma grande guerra. Na sua opinião, os governos procurarão evitar serem destruidos pelos seus proprios povos, tornando o tribunal da Haya o supremo tribunal do universo. «Creio, diz, que a Inglaterra estacará um dia ao commando de um homem, que será um trabalhadôr. D'aqui a cem annos não haverá pobreza no mundo, e nestes cincoenta annos mais proximos far-se-ão grandes experiencias de governo. Muitas das melhores obras humanas são feitas inconscientemente.»

#### Onde os elefantes morrem

Dizem as historias dos viajantes que os elefantes escolhem um logar onde possam acabar em paz quando sentem a approximação da morte. Contam caçadôres experientes que é rarissimo encontrar-se o corpo de um elefante morto de morte natural. Os abutres e as formigas podem causar o desaparecimento da carne, mas que succede aos esquelêtos e dentes? Muita gente accêita a teoria que o elefante busca um logar retirado para morrer, mas poucos sabem que centenaes de elefantes escolhem o mesmo logar. Um argumento a favôr da existencia d'estes logares é que os commerciantes podem adquirir subitamente grandes porções de marfim em occasiões em que geralmente se acreditava que já o não poderia haver no mercado. Uma tal quantidade de dentes só se poderia obtêr com uma carnificina espantosa, que muito naturalmente provoca duvidas e suspeitas. Foi Emin Pachá quem primeiro revelou a existencia d'esses campos de morte, affirmando que muitos caçadôres que diziam vivêr das suas proesas na caça dos elefantes deviam o seu exito a terem descoberto um logar de morte.

Quando um indigena ou um branco tem a fortuna de descobrir em Africa um d'esses logares de morte, o seu interesse leva-o muito naturalmente a guardar rigorosissimo segredo, de maneira que nunca elles se tornam objecto de conhecimento geral.

#### Vestigios de uma civilização antiquissima

A. Lafave, um engenheiro de minas e archeólogo distincto, desenterrou em Arizona (America) vestigios do que julga sêr a mais antiga cidade até hoje conhecida. Mais antiga do que as cidades biblicas de Babilonia e Ninive, mais talvez do que os antigos centros de população da America do Sul, esta Arizona antiquissima foi porêr foco de uma civilização tão adiantada como a dos Incas da America do Sul ou a dos Aztecas do Mexico. Na verdade, alguns artigos de ceramica e outros objectos descobertos por Lafave teem grande semelhança com muitos dos recentemente desenterrados por Hewitt Myring no Peru

os quaes os scientists consideraram os mais antigos especimes de manufactura que existem, datando de ha uns sete mil annos approximadamente. Segundo Lafave a cidade enter-

rada do Arizona é talvez mais velha ainda do que essa civilização do Peru. Está ella situada nas montanhas de Mazatagal do lado leste da bacia de Tonto, perto de Payson e não muito longe da nova cidade de Phoenix. O caminho é mau, e só a cavallo, por entre as montanhas, longe do caminho usualmente seguido, se



POTE ENCONTRADO NAS ANTIQUISSIMAS RUINAS DO ARIZONA.

conseguêr lá chegar. Segundo os informes de M. Lafave, as construcções são de grés, e denotam grande sciencia architectural. «A minha opinião sobre a sua antiguidade, diz elle, baseia-se no facto de têr encontrado as ruinas



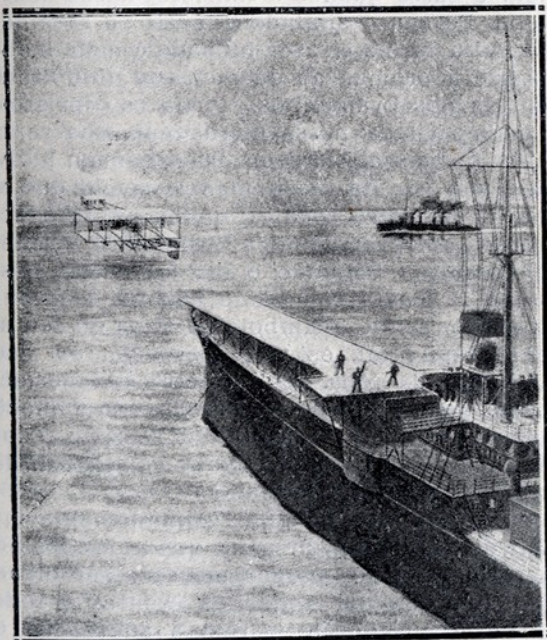
MEDALHAO ENCONTRADO NAS ANTIQUISSIMAS RUINAS DO ARIZONA.

soterradas em três metros ou mais de terra, numa planície aonde só o vento a poderia ter levado; para uma accumulação d'essa ordem são precisos seculos e seculos. Deve notar-se que a cidade fica num ponto dominante sobre o terreno circumvisinho. Entre as paredes que puz a descoberto dei com uma caixa tôca contendo porções de algodão perfeitamente conservado. Hoje não se encontra algodão numa area de umas centenas de milhas em redôr, nem tão pouco foi cultivado ali segundo nenhuma tradição. Concluo d'isso que o clima do Arizona era nessa época muito diferente do de agora, pois hoje não se dá ali o algodão».

No sopé das montanhas da bacia do Tonto cavou M. Lafave uma chaminé de uns seis metros de profundidade, encontrando um antigo poço de pedra e cal, ao pé do qual estavam objectos de cerâmica com bellos desenhos. Num pote fechado e selado estava trigo em perfeita conservação. A terra que cobria o poço era uma accumulação de poeiras do deserto levadas para ali pelos ventos durante seculos. A cidade, situada num planalto elevado, tem as suas ruinas cobertas pela mesma poeira, posto que numa camada menos espessa. Os desenhos das paredes indicam que prevalecia o culto solar.

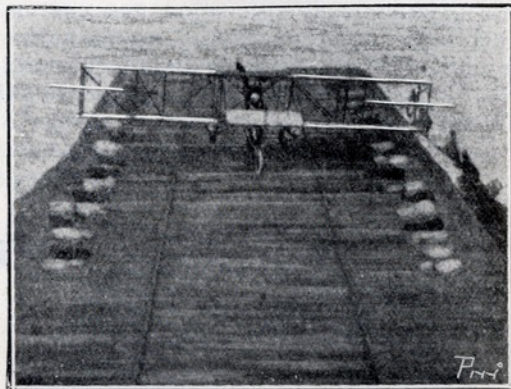
#### O aeroplano na marinha de guerra

O Almirantado dos Estados Unidos, após duas tentativas feitas sem resultado num paquete da Hamburg-America para lançar de bordo um aeroplano, mandou construir uma plataforma á prôa do cruzadôr *Birmingham* para esse fim. Foi Eugene Ely que com o seu biplano fez a



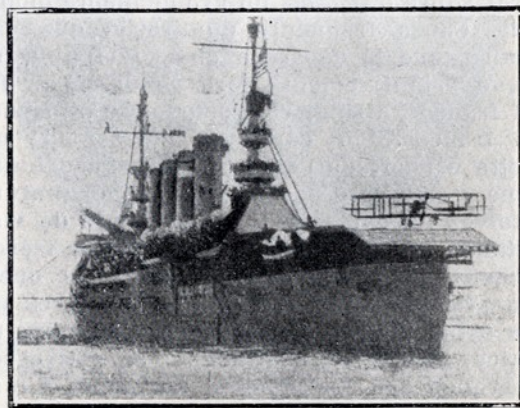
O AEROPLANO LARGANDO DA PLATAFORMA DO «BIRMINGHAM»

tentativa de voar do cruzadôr para um sitio designado em terra, a umas trinta milhas do ponto em que estava o navio. O aeroplano foi collocado na respectiva plataforma do *Birming-*



O AEROPLANO CHEGANDO A BORDO DO «PENNSYLVANIA»

*gham*, o qual, escoltado por quatro *destroyers*, se afastou de trinta milhas da bahia de Chesapeake. O biplano largou da plataforma não obstante havêr chuva e vento: pouco depois tocava na agua, e todos julgaram que acabaria ali o vôo, mas rapidamente se levantou,



O AEROPLANO LARGANDO DO «PENNSYLVANIA»

continuando o seu caminho, e elevando-se a uma altura de quarenta e cinco metros. Seguiu assim o seu caminho até á terra, onde desceu sem novidade. Ely attribue a sua queda na agua a têr errado o movimento na roda de *contrôle*. A helice ficou danificada com o mergulho e a agua saltou-lhe para a cara embaciando-lhe de tal maneira os óculos que se viu em difficuldade para se dirigir para terra.

Esta primeira experiencia foi feita ha uns quatro mêzes. Ultimamente M. Ely conseguiu a operação inversa, vindo de terra para bordo, e pousando perfeitamente numa plataforma idêntica do *Pennsylvania*.

Nessa plataforma tinha sido adaptado um sistema de cabos presos a sacos de areia, afim de amortecêr o choque, o que deu bom resul-

tado. Ely fez um vôo de dôze milhas para o *Pensylvania*, durante trêze minutos, tendo subido a uma altura de seiscentos metros, e passando sobre as montanhas de S. Bruno. Pouco depois da partida o aeroplano foi visto pelos marinheiros collocados nos cestos de gavea, como um pontosinho negro sobre as montanhas. Tendo-se approximado da bahia o biplano desceu rapidamente, e passando sobre

os outros navios ancorados, parou o seu motor no momento exacto, vindo escorregar sobre a plataforma, na prôa do *Pensylvania*. Esta plataforma media 40 metros de comprimento por 4 de largura, e o biplano caiu ficando a uma distancia de 7 metros do extremo. Depois de se demorar uma hora a bordo, Ely partiu do navio no seu aparelho, chegando ao parque de aviação em treze minutos.

## Vida na arte e nas letras

### O «Angelus» de Millet

A collecção Chauchard gosou de todo o prestigio do misterio durante todo o tempo em que esteve fechada para o público. As poucas pessoas que a visitavam vinham sempre do palacio encantado com as mais fabulosas descripções. Mas apenas Chauchard morreu e a sua collecção veio á posse do Estado, começaram a apparecer opiniões divergentes. Agora, que o publico pôde julgar por si mesmo, a antiga opinião geral sobre o *Angelus* foi grandemente modificada. Causa frequente admiração que esse quadro, que já apparece como insignificante, e que primitivamente fôra vendido por dois mil francos, attingisse a somma de oitocentos mil francos. Por causa da curiosidade que excita e pela sua celebridade, o quadro dá o nome á sala, mas não é a sua melhor pintura; é talvez mesmo a peor sob o ponto de vista tecnico, porque perdeu todo o seu frescor primeiro, tendo-se mesmo affirmado que a tela primitiva fôra *restaurada*. Os outros Millets estão melhor conservados, e segundo um critico ganhariam muitissimo se estivessem separados dos Meissoniers. Em Millet a luz é a personagem suprema, e tudo concorre para a fazer valêr; em Meissonier a luz é accessória.

### O Christianismo de S. Paulo

Um pastôr protestante, o rev. doutor Anderson, attribue a S. Paulo uma doutrina que se não pode dizêr uma novidade nos dias de hoje, mas que constitue talvez um termo adiantado da evolução, accetavel para grande numero de crenças religiosas e mais ou menos areligiosas. Segundo Anderson a historia dos Evangelhos é um mito ou parábola, como a do Eden; não importa se Jesus de Nazareth foi ou não concebido, dado á luz, tentado, julgado, crucificado. S. Paulo prégo, não Jesus de Nazareth, mas o Christo que está dentro de cada homem—o eterno filho de Deus. Em resultado dos trabalhos da mais alta critica, os Evangelhos estão em completo naufragio como me-

morias historicas. Mas isso é de nenhuma importancia, de nenhuma consequencia para a doutrina segundo S. Paulo, o qual nada se preocupou com Jesus historico. «A sua conversão significa que elle se tornou consciente de que o Filho de Deus estava dentro d'elle. Por Filho de Deus o Apostolo não designava o historico Jesus de Nazareth, mas sim o Divino que dentro d'elle residia, de que até á época da conversão elle não tivera consciencia, mas que dêsde esse momento se tornou o facto dominante e o factor da sua vida. D'ahi os seus escritos dizerem pouco sobre o Jesus historico, nada citarem da sua prégação, facto que parecerá curioso ao moderno christão que lhes dá capital importancia. A idéa de que o homem foi salvo por um Salvadôr historico que viveu numa dada época da historia humana—um Salvadôr exterior a elle mesmo—é o grande erro da Igreja christã; é a grande apostasia, a idólatra materialização da verdade. O homem é salvo quando o «Christo» nasce dentro d'elle. Forçar o simbolo «Christo» a significar d'aquella forma em sêr humano é nada menos do que a profanação da mensagem do Eterno contida nos Evangelhos. A palavra «Christo» é a mais rica da nossa linguagem. Ella representa o mais alto Eu em cada homem individual, em vêz de um homem especial que viveu no primeiro século: applicae esta concepção á interpretação dos Evangelhos e vêde o que resulta.» Segundo o dr. Anderson, e segundo S. Paulo como elle affirma, a palavra «Christo», sendo o simbolo da alma no seu aspecto espirital, está em potencial em cada individuo da raça. «E' primeiro um germen, nasce, depois cresce em consciencia e effectividade. Está neste facto toda a religião, o seguimento da Consciencia-Christo, a religião de Deus dentro de cada um.»

Se tivéssemos de dar resumidamente opinião no assumpto, diriamos que a doutrina do dr. Anderson nos parece merecêr sêr olhada com simpatia por todos os crentes e todos os livre-pensadôres; porém a affirmacão de que foi essa a doutrina de Paulo de Tarso é que pode talvez encontrar quem com boas razões a conteste.

### O sexo da Rainha Isabel de Inglaterra

O amigo Banana certamente tinha sobre o assumpto uma d'aquellas suas opiniões arreigadas e originaes. Falando-se de uma rainha concluia logo que

se tratava de uma mulher. Aparece agora porém quem creia haver excepções a essa regra geral; quem, pelo menos, reunisse uma serie de indicios tendendo a suggerir que a Rainha Isabel de Inglaterra... era um homem. Trata-se de Mr. Bram Stoker, um conhecido autor inglês. De resto, a rainha Isabel já dera logar a uma outra hipótese interessante, ligada essa á velha contenda sobre a existencia de Shakespeare: segundo o Dr. Owen o autor do *Henrique VIII* foi Bacon — idéa que não é nova — mas a mãe de Bacon teria sido a *maiden queen*.

Mr. Stoker, o da primeira hipótese, foi levado a investigar o problema ouvindo contar uma antiga tradiçãõ que tem sido geralmente aceite pelos habitantes de Bisley desde os tempos em que a supposta Isabel viveu entre elles. Bisley é uma pequena aldeola isolada entre as Cotswold Hills, na Inglaterra occidenal, e onde Isabel viveu na sua meninice. A casa em que habitou conservava-se ainda, segundo se diz, no estado em que estava quando ella a deixou. Existe no jardim um pequeno sepulcro no qual se diz que foi depositado o cadaver da verdadeira princêza.

Segundo a tradiçãõ, pelo anno de 1540, quando a princezinha contava sete annos, teve uma febre e morreu. O terrível Henrique VIII estava para chegar da visita á filha. Ninguém ousava communicar-lhe a má nova, porque não poucas vezes caía o machado do carrasco no pescoço dos que o desgostavam. A aia da princêza, Mrs. Ashley, decidiu substituir por outra a criança morta. Só se pôde arranjar um rapazinho da mesma idade. O rei fez uma breve visita e foi-se embora satisfeito.

A' medida que o rapaz foi crescendo redobraram os cuidados para que continuasse o engano, porque a descoberta seria fatal a todos que nella entravam. Mr. Stoker ao que parece examinou attentamente todos os factos recordados na historia e nenhum desmente a tradiçãõ, antes muitos a confirmam. Tres grupos de factos tendem a arreigar a teoria sobre o sexo da rainha: 1) A sua dedicaçãõ de toda a vida para com a aia, Mr. Ashley, e para com o seu Thesoureiro, Sir Thomas Parry. 2) A constante recusa de casar, apesar dos mais brilhantes partidos da Europa procurarem a sua mão. 3) Os seus bens conhecidos caracteristicos masculinos.

Muitos historiadores teem notado que parece ter havido qualquer segredo entre a Rainha Isabel, Mrs. Ashley e Sir Thomas Parry. Conservou-se-lhes sempre dedicada e continuou amontoando beneficios sobre elles até ao fim, não obstante as serias accusações que sobre elles pesaram.

Este procedimento, diz Miss Strickland, uma grande autoridade sobre o assumpto, traz na-

turalmente a suspeita de que algum segredo importantissimo fôra confiado a Sir Thomas — segredo que provavelmente não só envolveria a reputaçãõ da sua real senhora, mas talvez mesmo collocasse a sua vida em perigo. O mesmo se pôde suppor de Mrs. Ashley.

A sistematica recusa de Isabel ás muitas propostas de casamento que lhe foram feitas torna-se muito estranha numa pessoa que tanto prazer tomava na sociedade de homens e mulheres, e não tinha nem vislumbres de ascetismo.



RETRATO DA RAINHA ISABEL D'INGLATERRA, MOSTRANDO A MASCULINIDADE DAS SUAS FEIÇÕES

Este facto sempre foi um enigma para os historiadores. Numa carta para o Lord Admiral Seymour, dizia Isabel: «Não tenho a menor tençãõ de me casar, e se alguma vez nisso pensasse — o que não me parece ser possível», etc.

Frases semelhantes occorrem muitas vezes nas suas cartas. Porque haveria ella de se referir tantas vezes á impossibilidade de se casar?

Se uma ambição sem limites, uma determinação inabelavel e uma severidade sem misericordia para com os seus inimigos são caracteristicos masculinos, então era Isabel masculina ao ultimo ponto. Fez matar o seu valido Conde de Essex, e sua prima a rainha Mary Stuart. E' verdade que quando soube da execuçãõ d'esta mostrou grande comoção e ordenou a prisãõ de Sir William Davison que cumpriu as suas ordens, mas ha todas as razões



para acreditar que este procedimento foi devido a conveniências políticas, como todos os seus outros actos. Quando nos lembramos que do lado da mãe a Rainha Isabel era apenas a neta de um commerciante de Londres, enquanto a Rainha Maria era alliada das maiores casas reinantes da Europa, comprehendemos o procedimento de Isabel. Mais d'uma vez esbofeteou um cortesão que lhe desagradasse. Intimidou os mais atrevidos e sabedores dos seus conselheiros, taes como Lord Burleigt, com a sua voz possante e maneiras terrificas. Quando a maior potencia da Europa, a Espanha, com muitos alliados, a ameaçou de aniquilamento, infundiu coragem nos seus soldados e marinheiros. Em nenhum caso lhe faltou a coragem e a presença de espirito, que tambem mostrou no seu leito de morte.

«A constituição do seu espirito é exempto de fraqueza feminina e dotado de um poder de applicação todo masculino», escreveu Roger Ascham, o grande erudito do tempo.

Poderia uma mulher ter mostrado qualidades semelhantes? Muita gente poderá responder que sim, mas os factos colligidos por Mr. Bram Stocker no seu livro dos *Impostôres celebres* tendem muito engenhosamente a sustentar a opinião de que «ella era homem».

### O mito das Raças

Jean Finot, autôr do célebre livro sobre *O preconceito das Raças*, publica no ultimo numero de *La Revue* a primeira parte de um artigo intitulado *O Romance das Raças*, em que sustenta que a unidade das raças não é devida aos vinculos de sangue, mas á unidade de ideaes, cultura, etc.

A torre de Babel é nada comparada com as modernas nações. Nos vastos laboratorios em que as nações se criam as diferenças fisiologicas desaparecem com rapidêz surpreendente. As facilidades de intercambio e o pensamento universalizado tendem a unir cada

vêz mais as aspirações da humanidade. Já hoje falamos de literatura europeia, dos interesses da civilização branca, da união do Velho e do Novo Mundo. A concepção de raças superiores e inferiores parece têr feito o seu tempo. O Japão acaba de entrar em pé de igualdade no concerto europeu, depois de têr feito tratados com duas nações da vanguarda da civilização, como a Inglaterra e a França. A China vae tornar-se uma nação parlamentar, e os chinêzes breve farão respeitar a sua religião e a côr da sua pelle. A evolução dos negros caminha a grandes passos, e ao recordarmos a sua origem ethnica maravilhamo-nos dos progressos que realizaram nos ultimos sessenta annos.

Por seu lado as nações e os sentimentos patrioticos nada teem que vêr com origens ethnicas. Definir a França de hoje como uma nação una pelo sangue seria um lôgro scientifico e politico. Ha ainda quem creia que os francêses são de raça gauleza, esquecendo que mais os alemães que os francêses podem têr pretensões a essa origem. Mas não é possivel dizêr a que raça os francêses pertencem, porque os francêses de hoje são o producto do cruzamento de cêrca de sessenta raças que se estabeleceram em França. Nos ultimos tempos a diminuição de natalidade tornou o país mais proprio do que qualquer outro a recebêr fortes contingentes de immigrants estrangeiros. Comtudo, o facto de sêr uma complexíssima mistura de raças não impede a nação têr o seu logar entre as grandes nações do mundo. A unidade do sangue nada tem a vêr com o valôr moral e intellectual do pòvo. Minto pelo contrário: a mistura de raças melhora a nação.

Nada mais illusório, segundo Finot, do que as distincções fisiologicas estabelecidas entre os homens. E' o cérebro que forma a nossa vida. Como succede com os individuos, a origem historica das nações nada importa. O que importa é a sua força moral e intellectual, as suas virtudes altruistas.





**A** PEZAR do frio que ainda nos tolhe os membros, começa-se a sentir a romaria ás lojas em aquisição de toilettes para a primavera. A moda apresenta-se-nos sob uma tal variedade de idéas que difficil se torna dizer ás nossas leitoras qual a novidade da estação. O estilo Imperio chegou ao seu apogeu. A cinta curta, as classicas linhas gregas, os tecidos caindo em pregas graciosas e naturaes, persistem como a forma mais fovoravel para toilettes da tarde.

A combinação do branco e preto continua a produzir o mais bello effeito, e a ter a maior acceitação. De resto, uma novidade nos tecidos são os bordados de varias côres, mas de uma doçura de tons infinita, imitando os estilos Persas, Egepcios e Japonezes.

As musselinas, os *voiles*, os *foulards*, as cambraias salpicadas de flôres apparecem-nos de uma forma tentadora.

As faixas estão em grande evidencia, algumas com pontas caidas atraz, outras rematando



com graciosos laços que veem quasi a meio das costas. Os *entravés* findaram a sua época, as saias tendem a tornarem-se mais largas, sendo enfeitadas com barras algumas, outras com folhos, e ainda com entremeios.

As mangas chegaram aos dois extremos: usam-se muito curtas e muito compridas tambem. Os vestidos de noute continuam a ser *voilés*, e as rendas são sempre empregadas como a mais preferivel de todas as guarnições. As *écharpes* são o complemento indispensavel das grandes toilettes; são sem duvida do mais harmonioso effeito aquellas longas tiras soltas ao vento: dir-se-hia que dão á mulher uma forma alada.

Algumas teem mimosos trabalhos arrendados, outras applicações de renda de Chantilly. Escusado será dizer que as suas côres devem condizer sempre com a da toilette, e quer sobre um vestido rico, quer sobre um mais modesto, produzem sempre o mais vantajoso resultado, attenuando ao primeiro a sua riqueza, e dando

um realce de elegancia incontestavel ao segundo.

As longas bôas de plumas de avestruz que em tempos tanto se usaram, voltam com grande successo.



N.º 2

O branco vae reinar com toda a sua belleza, como a côr da moda para as toilettes de verão. Vantajosa para todas as carnações, é côr que pouco cansa, que sempre aos olhos nos parece bella. A *étamine* branca presta-se á mais graciosa confecção, e um vestido de sarja branca constitue a mais chic e encantadora toilette de passeio. O crú tambem será uma côr em evidencia, tendo tambem todas as vantagens pelo seu tom dôce e de facil harmonia com todas as outras côres. As bluzas, felizmente, resistem a todos os caprichos da moda, e como nunca, serão usadas este verão. A maior parte d'ellas são brancas, de desenhos lindissimos, de renda sobre *filet*, de Veneza, forradas de musselina para lhes dar toda a leveza.

Uma bonita novidade são as bluzas de *brion* com grandes *jabots* bordados em relevo sobre a propria bluzas. Outras ainda de bordado inglez muito simples e praticas.

A nossa gravura n.º 1 representa uma graciosa e simples toilette que poderá ser feita de qualquer tecido tal como sarja, linho, *étamine* ou *voile*, fazendas estas que correspondem a uma toilette de primavera.

A côr poderá ser ao agrado da pessoa, visto que, sendo enfeitada a preto, com esta côr todos os tons vão bem. O corpo forma uma pequenina guimpe levemente creme, pois que geralmente esse tom se liga melhor com a côr da pelle. O peitilho, preto como indica o figurino, deverá ser de um tecido bastante aberto, uma especie de malha aos quadradinhos, de forma a se não tornar pesado e deixando apparecer por entre ella a fazenda do vestido.

A fazenda do corpo, sendo cortada de forma japoneza, deverá ser completamente lisa para lhe dar todo o cunho de simplicidade e distincção que requer. Uns botõesinhos de seda preta formam duas ordens separadas á frente. Uma faixa estreita em volta da cintura remata por umas pontas cahidas ao lado, devendo essas pontas acabar por uma franja tambem preta. A saia completamente lisa exige um bello corte, pois que d'ella depende toda a linha. E' cortada em três pannos, um da frente e um de cada lado, e finda em baixo com uma barra de tecido preto de que é formado o encache. Nos punhos egualmente uma tira do mesmo tecido, devendo este sempre ser rematado por um sutache de phantasia, mas preto tambem.

Uma pratica e economica toilette composta de saia e casaco, corresponde á nossa gravura n.º 2. Alem de bonita tem uma vantagem: o ser completamente sobria de enfeites o que a torna, por conseguinte, muito economica. O tecido é ás riscas como indica o figurino. E' sabido que as fazendas de riscas favorecem immenso as pessoas, dando-lhes por uma questão de illusão d'optica, uma apparencia de mais altas e delgadas, qualidades estas que definem o prototipo da



N.º 3

elegancia. O casaco desce um pouco abaixo das ancas quanto a comprimento, findando com uma grande barra com riscas a atravessar. O corte é quasi a direito, fechando na cintura com uns botões de madreperola. Uns largos virados com as riscas em diagonal, formam a gola. A saia completamente lisa, leva apenas uma grande barra com as riscas a atravessar, mas sendo essa barra só nos pannos dos lados como indica o figurino.

Finalmente, damos ás nossas leitoras um modelo da saia calção unicamente por simples curiosidade, pois apesar de ser ainda assim de uma forma mais toleravel, abstenho-nos de fazer a descripção, na certeza de que não terá imitadoras.

**Maneira simples de fazer um «abat-jour»**

Uma das cousas que mais graciosa torna uma sala, é sem duvida um bonito *abat-jour*, e é tão facil substituir um velho por um novo, que enviamos ás nossas leitoras um lindo modelo tão facil de ser executado, como constituindo ao mesmo tempo um agradável entretenimento para ser feito ao serão. Está no gosto da pessoa a preferencia da côr, no entanto recommendaremos como sendo talvez os mais bonitos os vermelhos, amarellos ou verde claro. O material necessario é o seguinte: 1 metro de gaze, *ninon* ou *chiffon* da côr desejada; 3 metros de fita de setim estreita da mesma côr; 3 metros de renda com 10 centimetros de largo; metro e meio de renda estreita de 2 centimetros de largura. Aproveita-se-lhe a armação antiga, cobrindo-a toda em volta com a gaze, devendo ficar muito esticada como indica a gravura no n.º 1, e sendo pospontada nas orlas. Em seguida cose-se a rendinha estreita

na parte superior do *abat-jour*, levemente franzida como indica a gravura no n.º 2. Divida-se em duas partes a renda larga e cosa-se em volta uma parte sobre outra, como dois folhos, tendo o cuidado de com a renda de cima esconder o pé da renda de



baixo. A gravura no n.º 4 representa um simples enfeite muito gracioso para remate do nosso trabalho. E' feito com a fita estreita, torcida, para dar o effeito dos laços, findando as pontas com umas borlasinhas feitas de algodão e recobertas de gaze.

**Receitas culinarias**

No inverno em que as fructas escasseiam, pôde toda a boa dona de casa ter uma reserva de sobremezas se quizer pôr em pratica as receitas que inserimos, e das quaes se tira o mais... saboroso resultado.

**Marmelada de laranja**

Ingredientes necesarios: 1 kilo de laranjas, 4 kilos de assucar branco, o sùmmo de

dois limões, e agua. Processo: tenham-se á mão duas tigelas, uma maior e outra mais pequena. Dividam-se em quartos as laranjas, e tirem-se-lhes as pevides e as fibras brancas, as quaes se deitarão na tigela pequena juntamente com duas chavenas de agua. Esses quartos deverão ser cortados ás tirinhas muito finas depois de se lhe ter expremido todo o summo para dentro da tigela grande, juntando-se-lhe vinte e duas chavenas de chá cheias de agua.

Deixa-se descançar durante vinte e quatro horas. Ferva-se o conteúdo da tigela grande durante meia hora, e deixe-se novamente descançar durante vinte e quatro horas. Ferva-se o conteúdo da tigela pequena durante cinco minutos e cõe-se para dentro do tacho de fazer o dôce juntando-lhe o conteúdo da tigela grande e 4 kilos de assucar branco. Deixe-se ferver durante tres quartos de hora; junte-se-lhe o summo de limão quando a fervura esteja em meio. E' necessario todo o cuidado para que não ferva demasiadamente, pois isso prejudicaria o gôsto e a côr. Para se fazer a experiencia afim de vêr se está em bôa conta, deita-se um pouco n'um pires depois de ferver durante meia hora, devendo já começar a gelar.

#### Pudim de arroz

Tem esta receita a vantagem de não levar ovos, o que geralmente não succede com a maioria dos dôces, tornando-a por conseguinte muito economica. A perfeição consiste apenas em ser cozido vagarosamente sobre um lume brando, de fôrma a que o arroz se dilate a ponto de formar á superficie uma especie de creme tão delicioso que se derrete na bôcca. E' preferivel ser feito de leite

com nata, mas não podendo obtel-o junte-se-lhe 15 grammas de manteiga para dois copos (dos de agua) de leite. Tenha-se 30 grammas de arroz e 30 grammas de assucar, e deite-se o leite sobre as duas cousas tendo o cuidado de vêr que nenhum grão de arroz fique ao de cima. Em seguida salpique-se com um pouco de canela sobre a superficie, e deixe-se cozer n'um forno brando por espaço de duas horas.

#### Pudim de pão com manteiga

Unte-se de manteiga a fôrma, sendo preferivel de porcelana, e encha-se alternadamente de camadas de pão com manteiga, passas, assucar e noz moscada. Estando cheio, deite-se-lhe por cima dois copos (dos de agua) de leite com dois ovos batidos. Em seguida deixe-se descançar por espaço de meia hora pondo-se um prato por cima.

Cubra-se com um papel amanteigado e deixe-se cozer durante uma hora.

#### Receitas uteis

Quando a fôlha de um livro estiver rasgada, colae um pouco de cassa bem transparente, a qual vos não impedirá de poder lêr o que está escripto.

Deve guardar-se a agua em que se tenha cozido feijão verde, porque se aproveita com bom resultado para lavar todas as fazendas de lan, sobretudo as pretas.

Um banho de agua oxigenada embranquece o marfim, as sedas e as plumas.

